





BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA  
*Serie V*                      *BRASILIANA*                      *Vol. LIV*

---

ANTONIO GONTIJO DE CARVALHO

# CALOGERAS



1935

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo

DO AUTOR:

CALOGERAS — Companhia Editora Nacional

*No prelo:*

ESTADISTAS E PARLAMENTARES DA  
REPUBLICA

Os direitos autoraes das obras de Calogeras pertencem á Fundação “Pandiá Calogeras”.

*Presidente:* Dr. Roberto Simonsen

*Secretario:* Dr. Antonio Gontijo de Carvalho

*Thesoureiro:* Dr. Francisco de Salles Oliveira

O volume

«CALOGERAS NA OPINIÃO DE SEUS CONTEMPORANEOS»

acha-se á venda na séde da Fundação

Rua Líbero Badaró, 14 — Sobreloja — Sala 11 — São Paulo



À MINHA ESPOSA

AOS MEUS PAES





## INDICE

Prefacio . . . . .	11
A Familia . . . . .	19
O Estudante . . . . .	29
O Profissional . . . . .	35
O Parlamentar . . . . .	43
O Ministro da Agricultura. . . . .	71
O Ministro da Fazenda. . . . .	81
O Embaixador. . . . .	89
O Ministro da Guerra . . . . .	99
A Ultima phase . . . . .	107
O Publicista . . . . .	113
O Technico . . . . .	121
O Estadista. . . . .	129
O Homem . . . . .	135
O Christão . . . . .	147
Bibliographia. . . . .	201



## PREFACIO

Ao ler a conferencia em que Gontijo de Carvalho apreciou a figura de Pandiá Calogéras como parlamentar, previ immediatamente que alli estava o primeiro capitulo de uma completa biographia do eminente polygrapho. E ninguém, com maiores elementos e mais carinhosa dedicação estava talhado para reconstituir, faceta por faceta, a vida dessa extraordinaria personalidade. Senhor da maior parte da bibliotheca que pertenceu a Calogéras e de sua monumental correspondencia e fichario; conhecedor profundo da historia politica da republica, como em successivos estudos o tem revelado, a tudo isso Gontijo de Carvalho junta duas qualidades essenciaes: a força affectiva, — sem a qual não ha obra sincera; a benedictina paciencia, — sem a qual não ha obra duradoura.

Sobre esses alicerces ergueu-se, com equilibrio e precisão, o presente trabalho. E' obra de analyse, séria, documentada, sensata. Não se serviu o autor do biographado como pretexto para salientar uma época, tornando-o simples comparsa, méro accidente na paysagem nitidamente traçada; nem procurou destacar, dos matizes propositadamente esmaecidos de seu tempo, o relevo de uma individualidade. Conseguiu, sem artificio, o trabalho har-

monioso de alto relevo, em que do equilibrio das massas que formam o ambiente, o fundo, destaca-se a personalidade que surge e vive, não qual planta exotica de estufa ou microbio em caldo de cultura, mas como fructificação natural de seu galho, depois de "ser semente humilde e flor".

Assim é a orientação das biographias de Zweig, e (usando da prata da casa) nessa fórmula encantadora e suggestiva pintou Nabuco a vida paterna. Porisso lêr os que assim escrevem é sentir o renascimento não só dos biographados, mas da época inteira em que viveram, permitindo apreciar, pelo conhecimento das circumstancias, o determinismo de muitos gestos que em outras situações seriam estranhos, si não incompreensíveis.

E quando o biographado é homem da envergadura de Calogeras, sabio, crente, character de lei erguido — como o solitario burity de Arinos — no pobre campo de barba-de-bode, cupim e formigas voraes que o Brasil precisa matar para que o não acabem matando, — o estudo ainda mais curioso se torna, pelo contraste surpreendente.

Os artigos de Gontijo de Carvalho, óra reunidos em livro, trazem novo contingente para a historia republicana do Brasil, da qual os historiographos se afastam, com pavor tabú, sob pretexto de ser muito recente, — fraca razão quando vemos estudadas minuciosamente, em copiosa e universal bibliographia, a conflagração europêa de 1914 e a revolução russa. Ambas são de hontem e despertam mais vivas e ardorosas paixões que a republica de

89, nascida, com ridiculo contraste, entre a *bestificação* do desinteressado povo ignorante e a elite positivista orthodoxa.

Mas, aceitando que ainda seja cedo para uma critica imparcial, não se negará que o momento é propicio para se colligirem materiaes, compilando memorias, colleccionando a vida anecdotica, definindo personalidades marcantes da época, para que em tempo habil se torne possivel a construcção de edificio solido. Nos ultimos cincoenta annos da vida brasileira ha muita analyse a ser feita, muita observação a se fixar, para que se torne possivel á posteridade synthetizar, criticar e julgar serenamente.

Esse é um dos valores da biographia de Calogeras, cuja nitida individualidade démonstra a influencia exogena na civilisação brasileira, onde o biographado surge, como precipitado de outras civilisações, trazendo para o amalgame das tres raças, no crisol tropical, a frialdade dos raciocinios mathematicos, a exactidão rigida e efficaz do calculo.

Tres pontos porém desse estudo interessante e valioso sobrelevam aos demais e exigem especial menção: a capacidade encyclopedica de Calogeras, sua larga visão nacionalista e a conversão religiosa.

Jaspers, professor em Heidelberg, no livro "Ambiente espiritual de nosso tempo", salienta que si a intensificação da vida mental contemporanea parece crear possibilidades ineditas e inauditas para o homem, paradoxalmente o numero cada vez maior de aquisições ameaça

inverter essa posição. As mãos humanas não conseguem abarcar o patrimonio accumulado. Sabe-se muito, mas falta um criterio seguro para aproveitar praticamente a totalidade de conhecimentos, de forma a se fixarem os rumos de uma utilização coerente, que amadureça e fructifique. Essa capacidade de trabalho; essa organização methodica e efficiente do material nababesco que a civilização e o estudo lhe forneceram á intelligencia de escól; esse synthetizar dos conhecimentos encyclopedicos assimilados, Calogeras o conseguiu no mais alto gráu. Ministro de varias pastas especializadas, humanista, technico, historiador, philosopho, publicista, em todas essas diversas provincias da actividade humana foi profundo, — em nenhuma conseguiu ser mediocre. Como exemplo de equilibrio mental, poder de assimilação e senso pragmatico, poucos o terão imitado, — ninguem, no Brasil, o excedeu.

O mesmo se poderia dizer do seu elevado espirito nacionalista. Talharam-no as circumstancias para se collocar, sem constrangimento, acima das preoccupações regionaes: dahi a comprehensão integral dos problemas brasileiros que estudou sem azedume, sem preferencias, sem o apriorismo fetichista que tantas injustiças engendra. Dahi — principalmente — seu traço caracteristico e primacial como estadista, na mais ampla accepção do vocabulo, fazendo (como bem salienta o biographo) desse feitorio, que lhe era proprio, a medulla de sua actividade polymorpha.

Empolga porém, mais que tudo, pela significação profunda, a preciosíssima parte desse livro que salienta a personalidade do christão, ou mais propriamente, do catholico.

Trazendo a publico a edificante correspondencia entre Calogeras e o Padre Madureira, estudando com terno coração de crente e amigo a conversão do biographado, Gontijo de Carvalho presta inestimavel serviço ás letras patrias e á historia moral de nossa época. Nesse evolver-se para a perfeição, convertedor e convertido iguallam-se na elevação cultural, na robustez do espirito, — defrontam-se, sem desproporções, como dois cimos altos da mesma cordilheira mental. Seguir-lhes a meditação e o raciocinio é sentir bem a época de renascimento para a qual, manifestamente, caminhamos, após duras e penosas tentativas de formulas estereis e hypotheses cerebrinas.

Dir-se-ia que a conversão de Calogeras é (perdôem-me o atrevimento) uma palingenia espiritual. Sente-se, em passadas gigantescas, dentro daquella grande alma que se illumina cada vez mais, ao se approximar dos postulados catholicos, a ontogenese desta época na qual, em muitas actividades humanas, ha um retorno para o manancial fresco e dessedentador das verdades immutaveis.

Fatigada da embriaguês da egolatria, farta de experiencias dolorosas e infructiferas, a humanidade quer — após longa refrega — respirar de novo ares oxygenados e puros. O filho prodigo, desilludido de miragens, cansado de artificios, volta a repousar o coração exausto á

sombra consoladora da arvore da vera cruz, sempre de braços maternalmente abertos.

Não ha esconder que estamos em periodo de reacção aos excessos, com franca tendencia tradicionalista.

Em que pese ao pessimismo superficial ou faccioso de muitos; máu grado as excepções, confirmadoras do asserto, — é sensível que a borrasca destruidora amainou, sem fazer estragos, e através uns restos de nuvens esgarçadas já se esguarda, no céu bonança, a divisa de Constantino, como estrella polar para os transviados.

Posto, de parte o terreno politico, onde as reacções são mais vivas e até as monarchias voltam, não ha negar que mesmo no campo intellectual as controversias mais ardentes, reserenados os animos, descem ás exactas proporções. O conde Dohna, Calker, Pollitz estendem entre determinismo e livre arbitrio uma ponte conciliadora, cheia de promessas fecundas. Nas Universidades europeas — diz Siches — acabou de vez a attitude de olympico desdem pelo direito natural dos escolasticos.

Em Berlim, no Quarto Congresso para Unificação Internacional da Philosophia do Direito e Economia, realizado em 1926, os autores escolasticos foram muitas vezes respeitosamente citados, como figuras ás quaes muito deve o pensamento juridico.

Dissipou-se o furor anti-metaphysico dos positivistas; Bergson — novo David — abateu o Golias do materialismo, na expressão de Durant, e sobre as ruinas abandonadas do livre-pensamento sem finalidade e sem bussola,



ergue-se o ideal christão da “alma gotica” de Sauer, paradigma da perfeição, da harmonia, da belleza moral.

Porisso essa parte da biographia de Calogeras se me afigura a mais preciosa e fertil.

Para as gerações novas, que tão ardorosamente se ar-  
regimentam nas hostes da acção catholica, e cujo renas-  
cer de crenças assegura a esperanza de melhores dias, a  
meditação de Calogeras será certamente um estímulo, um  
amparo, uma pedra a mais para consolidar a fortaleza de  
seus principios. E para os que não têm ainda a suprema  
ventura da crença, mas sentem o espirito sinceramente ani-  
mado; nesta hora de indeciso alvorecer, pelo desejo an-  
gustioso de uma orientação, ha de ser profundamente  
commovedora e convincente a conversão dessa intelligen-  
cia equilibrada, clara, sadia, cultissima, confessando con-  
scientemente — em plena maturidade de seu espirito —  
as convicções religiosas a que chegou pelo raciocinio se-  
reno de mathematico e de philosopho, e, despido das vai-  
dades humanas, offerecendo humildemente ao Creador o  
coração que só pulsou pelo bem da sua terra e da sua  
gente.

Bastaria esse capitulo para tornar a obra de Gontijo  
de Carvalho não só merecedora de applausos, mas utilis-  
sima e digna da mais ampla divulgação.

ODECIO CAMARGO



## A FAMILIA

Calogeras pertencia á tradicional familia européa, originaria, segundo alguns historiadores, da ilha de Chypre. O seu nome filia-se a uma palavra grega que significa “bom velho” ou “respeitavel pela idade”. Nome dos monges do oriente. Denominavam-se assim, antigamente, os eremitas latinos. Mas o qualificativo só foi applicado aos gregos ou scismaticos, religiosos ou religiosas, que observam a regra de S. Basilio ou de S. Marcello. Pela etymologia, a sua applicação só deveria ser feita aos monges anciãos, mas o povo estendeu a sua denominação aos do monte Athos.

De origem catholica, existindo no hagiologio universal, no seculo V, um S. Calogero, que figura nas armas da familia, com a scisão da igreja orthodoxa, parte continuou apostolica romana e outra, mais numerosa, ficou adhesa ao credo oriental.

Anna Commeno, na *Alexiada*, biographia do Pae, dá a explicação de que, tendo a familia passado a residir em Bysancio, houve allianças com os Commenos. Na conquista ottomana, numerosas foram as victimas dos turcos nos portadores dos nomes de Calogeras.

Em obras de folego, como a “Historia de Zante”, de Chiotis, a “Historia de Corfú”, de Marmora, o “Livre d’Or de la Noblesse Ionienne”, de Eugenio Rizzo Rangàbe e a “Genealogia delle famiglie Venete”, encontram-se biographias das mais illustres individualidades dessa importante familia.

Em 1431, João Calogeras assume o cargo de conselheiro do Duque Accioli em Athenas, durante a soberania ephemera da Italia meridional na Attica.

Em 1499, Matheus Calogeras foi enviado a Veneza, na qualidade de embaixador pelo Reitor de Zante, para obter do Senado a constituição da propriedade territorial.

Após a conquista de Chypre pelos turcos em 1501, os Calogeras se refugiaram na ilha de Creta, onde foram inscriptos no livro de Ouro da no-

breza dessa ilha e passaram a ser Barões Feudatarios sob a dominação veneziana.

Varios entraram nas ordens religiosas; innumerados se distinguiram pelas armas e prestaram á Republica de Veneza valiosos serviços, que foram reconhecidos por diversos decretos do Senado e dos Doges.

Em 1537, após o cerco de Solimão, familias da nobreza, entre as quaes o ramo principal da de Calogeras, deixaram a Creta para se fixarem em Corfú.

Os Calogeras fôrão inscriptos no Livro de Ouro dessa ilha em 1644, não cessando desde então de figurarem em todas as listas de seus nobres.

Depois da conquista de Creta pelos turcos em 1669, um outro ramo, que permanecera nessa ilha, foi estabelecer-se em Veneza, onde os seus membros foram immediatamente assimilados á nobreza, confirmada pelo imperador da Austria em 1816 ao ser a cidade do Adriatico occupada pela poderosa nação.

Após a morte do general Calogeras, ajudante de ordens do rei Constantino da Grecia, que não deixou descendencia, acha-se extincto o ramo principal da familia de Calogeras de Corfú,

Entre outros, illustraram-se Draco Calogeras, (1540) segundo filho de Dimo, que foi almirante da frota veneziana, assim como Francisco Calogeras (1599) e Jorge Calogeras (1677).

Antonio Calogeras, chefe do ramo de Veneza, foi morto em 1684, na tomada de Napoles da Romania, quando a frota veneziana combatia para a conquista da Moréa.

Diversos membros da familia foram cavalleiros de S. Marcos. Na igreja de Santo Antonio, em Veneza, existe, encimado pelo seu brazão, o tumulo de Demetrio Calogeras, fallecido em 1682 e descendente directo do ramo principal de Corfú.

João Paulo Calogeras, fallecido em 1702, foi governador militar de Bergamo. Speridão Calogeras, morto em 1754, almirante do arsenal de Corfú e Mario Calogeras, bispo de Cattaro, na Dalmacia, em 1856.

Destaca-se, entre os seus componentes illustres, o celebre theologo, poeta e philologo, de renome universal, Angelo Michele Calogeras, do ramo de Corfú, cujos trabalhos vultosos acham-se archivados nas bibliothecas de Veneza e de Roma.

Natural de Padua, em 1699, ingressou no Mosteiro de São Miguel, proximo de Veneza, co-

mo congregado dos Camaldulos. Em 1756, já era abade. Em Ravenna, funda u'a magnifica bibliotheca, concebendo, então, a idéa de editar as actas das Academias da Italia, com a collaboração de outros homens eruditos de seu tempo. Sob a sua orientação, publicam-se os "Raccolta de opuscoli scientifici et filologici", (1728-1754) em 51 tomos, substituído nesta gigantesca empresa pelo monge beneditino Fortunato Mondelli. São de sua lavra, entre outras obras notaveis, "Il nuovo Gulliver" (1731), "Le aventure di Telemaco tradotte" (1744) e "Memoria per servire alla storia letteraria" (1753-1761).

O avô do glorioso brasileiro João Pandiá Calogeras era João Baptista Calogeras, possuidor de vastissima cultura sociologica e historica. Natural de Corfú, em 1810, e bacharel em leis pela Faculdade de Direito de Paris. Amigo intimo do Barão Lafitte, celebre banqueiro e ministro do rei Luiz Philippe, veio para o Brasil, em 1841, afim de dirigir uma Empresa que deveria ser organizada por aquelle financista. Filiado á Igreja Schismatica, e não havendo no Rio sacerdote orthodoxo, recebeu poderes para *ondoyer* as creanças que pertencessem a esse credo. Manteve intimas liga-

ções espirituaes com o frei Camillo de Monte Serate, cujos despojos estão guardados em S. Bento. Em 1847, é nomeado professor de Historia e Geographia no Gymnasio Pedro II e, em 1851, funda um grande collegio em Petropolis, dirigindo-o até 1857. Naturaliza-se brasileiro em 1854. Em 1858, é encarregado de colligir os documentos relativos á determinação dos limites do Imperio e, em 1859, editado pelo Garnier, publica, em dois tomos, o compendio da Historia da Idade Média, com parecer favoravel da Commissão de Instrução Publica. Obra didactica e de erudição, escripta em lidimo portuguez e dedicada a Pedro II e ao marquez de Abrantes, prestou relevantes serviços á nossa mocidade estudiosa. Foi adoptada em quasi todos os collegios do Imperio e actualmente esgotada. Merece uma reedição.

Culto, escreveu artigos sobre colonização, agricultura, economia politica e assumptos literarios na "Minerva Brasiliense", no "Echo do Brasil" e na "Revista Popular". É de sua autoria a importante obra "Politica americana". Em 1859, é nomeado primeiro official da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, tornando-se seu director, e de 1862 a 1865 como 1.º official de Ga-



binete no ministerio dos Negocios Estrangeiros. Foram valiosos os seus serviços, notadamente na questão Christie, por todos reconhecidos e proclamados, evitando, graças á extraordinaria habilidade, um conflicto desigual e de consequencias damnosas para o nosso paiz.

O incidente Christie é por demais conhecido para entrar em detalhes. O ministro inglez, sempre intratavel e intolerante, após a conferencia que entreteve com Calogeras, submetteu á decisão da arbitragem a questão dos officiaes do Ford e o pagamento da indemnização pelo naufragio do "Prince of Wales".

João Baptista Calogeras era socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e titular da Commenda da Ordem da Rosa; da Commenda da Ordem de Carlos III da Espanha; do Officialato da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro da Italia.

Falleceu no Rio de Janeiro em 1878.

Seu filho Michel Calogeras, si bem que não possuísse a cultura omnimoda do pae, era empreendedor e activo, e foi o animador de grandes empresas. Associado ao seu irmão Pandiá George e ao engenheiro Luiz Berrini, teve a concessão do

prolongamento até Petropolis da Companhia da Estrada de Ferro Mauá.

Vencendo grandes difficuldades technicas e financeiras, construiu a linha da Serra, empregando pela primeira vez no Brasil, e a segunda no mundo, o systema suiso de cremalheira Riggenbach, da Raiz ao Alto da Serra. Foi igualmente director da Companhia de Estradas de Ferro Macahé a Campos.

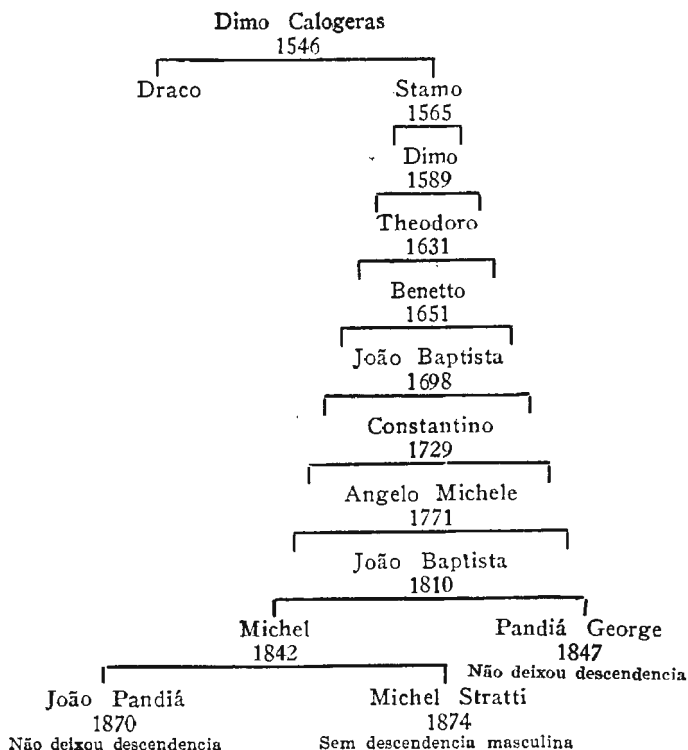
Em 1909, ao discutir na Camara dos Deputados a concessão dada á Leopoldina Railway de prolongar a sua linha de S. Francisco Xavier ao cões do porto do Rio de Janeiro, recordando o interesse com que, ainda menino, acompanhava as discussões referentes a essa via ferrea, dizia Calogeras — “Essa estrada, antigamente chamada do Grão Pará, resulta de uma concessão, de uma somma immensa de esforços patrioticos desenvolvidos por meu pae”. Nasceu Michel Calogeras, em 1842, no Rio de Janeiro e falleceu, em 1888, na mesma cidade.

O maior dos tres, possuindo não só a capacidade realizadora do pae como, em grau muito mais elevado, a cultura do avô, foi João Pandiá Calogeras quem enriqueceu o nosso patrimonio scientifi-

co com obras immortaes e prestou ao paiz serviços que o sagraram um dos seus maiores filhos.

Eis a arvore genealogica do ramo principal da familia Calogeras.

Só figuram os primogenitos de cada geração.





## O ESTUDANTE

Calogeras, filho de Michel e Júlia Ralli Calogeras, nasceu, aos 19 de Junho de 1870, na cidade do Rio de Janeiro. Aprendeu a ler e a escrever aos quatro annos de idade. Não frequentou escolas e gymnasios officiaes. Deveu a formidável cultura humanistica, das maiores no Brasil, aos seus paes e avós e a um luzidio corpo de professores particulares, notadamente allemães, que, em Petropolis, se encarregaram da sua formação mental.

O seu preparo tornou-se tão solido, que, aos quatorze annos, faz no Collegio Pedro II, de uma só vez, os treze preparatorios, exigidos para a matricula na severa e gloriosa Escola de minas de Ouro Preto.

O seu arguidor em Historia Universal e do Brasil foi o inolvidavel sabio Capistrano de Abreu, que impediu um dos examinadores, inimigo da familia Calogeras, exercesse vingança reprovando o

brilhantissimo estudante. Este acto de justiça do grande cearense estreitou a amizade de Calogeras para com o professor, que se tornou, desde então, seu intimo e guia nas suas iniciaes pesquisas historicas. Calogeras recebeu em Ouro Preto, após a sua formatura, a honrosa visita de Capistrano, hospedando-o. Considerava o antigo examinador como o seu “Mestre” e assim o proclamou na dedicatória impressa de sua “Politica Exterior do Imperio” e na admiravel pagina de saudade e de critica, de commovente belleza, na qual, em nome do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, traça o vigoroso perfil do nosso historiador maximo.

Calogeras foi sempre reconhecido a Capistrano. Nas “Ascensões d’Alma”, prece mystica, digna de um Doutor da Igreja, a alma de Capistrano é evocada com uma uncção religiosa só inspiravel por fraternal amizade.

Esta obra parece escripta por um parisiense. Habitado a pensar na lingua de Racine, como Nabuco, Calogeras, um brasileiro integral, devido á educação materna, escrevia os seus pensamentos e as suas cartas intimas em lingua franceza. Mas não conheci brasileiro melhor. Como Rio Bran-

co, a sua divisa era *Ubique patriae memor*. O Brasil foi a sua paixão absorvente. A sua extensa bibliographia o prova.

Após os seus exames de preparatorios, seguiu para a legendaria Ouro Preto, em companhia de João Antonio Felicio dos Santos. Fez com o mesmo brilhantismo o Curso Annexo, mas sem obter a matricula na Escola de Engenharia, por não ter a idade legal e a acquiescencia de Archias Medrado, grande amigo de sua familia e espirito inflexivel. Foi nomeado, aos 15 annos, para examinar os preparatorios de francez, inglez, historia e geographia. Diversas vezes fôra vaiado, pela sua severidade. Em uma das cartas escriptas ao saudoso padre Madureira, documento que espelha o seu character impolluto, vem narrado um episodio, que dispensa commentarios, tal a belleza de sua simplicidade. “De uma feita, diz Calogeras, na banca de Geographia, um examinando, muito bem preparado, respondeu-me de modo que me pareceu erroneo; fiz a observação, mas elle insistiu, acaloradamente, reiterando seu asserto. Bem me lembro, tratava-se da ilha de Celebes. A meu turno, mantive convencidamente meu parecer, mas fiquei impressionado com a firmeza do rapaz.

Terminada a prova, fui verificar o ponto, e vi que elle tinha razão e que o erro era meu. Mandeí chamal-o e deante da banca e dos examinandos todos, presentes na sala, apresentei-lhe, como examinador, minhas desculpas e salientando que elle tinha acertado e eu havia errado, e felicitei-o por ter tão distincta e energicamente defendido sua convicção. Tinha eu então uns 16 ánnos. Não lhe conto isso por gabolice, mas para lhe mostrar quanto o *veritatem dilexi* faz parte do meu ser moral, por educação que vem do berço”.

Matriculou-se em 1884 em uma turma, na qual, entre ouvintes e matriculados, na lista dos calouros, trinta e dois eram citados.

Formaram-se apenas tres: Calogeras, Carlos Leopoldo Prates e José Cupertino Siqueira.

Prates e Cupertino, mortos prematuramente, não puderam dar medida de seus valores. Prates foi director de Obras do Estado de Minas e Cupertino, que, como estudante, foi um dos signatarios do manifesto dos republicanos á provincia de Minas, mal poude como deputado federal pronunciar um notavel discurso sobre questões militares e sustentar, nos “A pedidos” do “Jornal do Commer-



cio”, uma polemica com Bueno de Andrada sobre mathematica elementar.

Calogeras foi o primeiro alumno de sua turma. Carlos Prates, o rival em notas e o melhor amigo, o seu padrinho de casamento. Calogeras revivia assim o costume dos hellenos, seus antepassados, do amigo predilecto acompanhar o noivo no carro nupcial e demonstrava que não possuia resquicio de inveja daquelle candidato, que tanto o obrigava a estudar para manter a sua privilegiada situação.

Rogério Fajardo, que o conheceu na pensão de d. Cecilia, depõe a favor de sua austeridade, de sua conducta exemplar, apaixonado pelo estudo e inimigo dos folguedos. Calogeras foi estudante singular, desconhecendo a vida bohemia dos moços de outróra.

Affonso Taunay fala-nos da admiração de seu grande pae pelo estudante “hors ligne” que, sem duvida, foi a maior gloria daquella Escola, que tantos sabios deu ao Brasil como Costa Senna, Gonzaga de Campos, Arrojado Lisbôa, Francisco Sá e Lucio dos Santos.

Calogeras orgulhava-se da Escola, dos seus professores e de seus methods. Gorceix, o exi-

mio director, a seu juizo, dominava pelo coração, pelo brio e pela honra e fazia de seus alumnos homens e não escravos.

Ouro Preto foi a sua terra adoptiva. No dia de sua morte, á sua cunhada, d. Julia Guimarães, o grande brasileiro manifestou o seu profundo pezar de não rever a cidade de seus sonhos, na qual aprimorara o seu luminoso espirito e conheceu o anjo tutellar de sua vida, a sua meiga esposa d. Elisa Guimarães Calogeras, com quem a sua identificação era absoluta.

Calogeras, como estudante, é um exemplo.

## O PROFISSIONAL

Calogeras formou-se com distincção em 1890, aos 20 annos de idade. Obteve o premio de viagem á Europa, mas não o utilizou. Aos 15 de abril de 1891, consorciava-se com d. Elisa Guimarães, filha do dr. Joaquim Caetano da Silva Guimarães, ministro do Supremo Tribunal de Justiça e irmão do poeta Bernardo Guimarães.

O dr. Joaquim Caetano, que era exímio latinista, reflectindo o seu ambiente e a sua época, só reconhecia valor preponderante em quem conhecesse a lingua latina, e era illimitada a sua admiração pelo joven engenheiro, que tão bem manejava o idioma de Horacio.

O periodo comprehendido entre a formatura e a eleição para deputado federal, como representante do Estado de Minas Geraes (1890-1897), é de intensa actividade profissional.

O inicio de sua carreira foi em S. Catharina, realizando pesquisas de geologia sobre a occur-

rencia de minerios de manganez de Cariguaba (1891). Em collaboração com o dr. Arthur Guimarães, mais tarde director da Escola de Engenharia de Bello Horizonte, estudou em 1892, exhaustivamente, a bacia terciaria do Gandarella, chamando a attenção para o seu marmore de effeitos finamente artisticos. Esse opusculo, prefaciado por Henri Gorceix, hoje rarissimo e um exemplar se encontra na bibliotheca do Instituto Historico de S. Paulo, é um trabalho quasi definitivo, segundo o depoimento do geologo Djalma Guimarães, sobre deposito de lenhito.

Em 1892, escreveu ainda dois trabalhos puramente technicos: "O meteorito de S. Catharina" e "Le fer nicklé de Sainte Catherine", esse reproduzido na revista allemã "Neues Jahrbuch für Mineralogie". Calogeras provou tratar-se de deposito de minerio de ferro e manganez e não de meteorito. São os unicos estudos de geologia pura, escriptos nesse periodo. Só mais tarde, em 1926, profere na Escola Polytechnica de São Paulo a notavel conferencia sobre "A theoria de Wegener e a formação dos continentes".

Especializa-se em geologia economica e torna-se Mestre irrealizavel. Escreve de Uberaba,

onde fixara residencia como engenheiro de districto no triangulo mineiro, para "O Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, interessantes monographias sobre a "Contribuição ao estudo da siderurgia no Brasil" e "Contribuição ao estudo das explorações diamantinas no Brasil — Lavras d'Agua Suja". Na primeira, estuda a bacia do Alto Rio Doce e o aproveitamento de suas terras. Na segunda, de maneira irrefutavel, os tres termos principaes de toda a exploração diamantina, a saber: a redução no preço de extracção do diamante, sua extracção total e a facilidade de fiscalização dos serviços.

Collabora na Revista Brasileira, publicando ensaios de alto valor como os estudos sobre Ipanema e as estradas de ferro federaes.

A familiaridade diuturna com esses problemas permittiu-lhe escrever quasi de um jacto, aos 33 annos, a sua obra prima — "As minas do Brasil" — monumento de saber e que em breve será reeditada e ampliada com o titulo "Encyclopedia de geologia economica". Sobre o valor dessa obra, que, por si só, perpetuaria o nome de Calogeras, falaremos posteriormente.

Em Uberaba, auxiliado por dois jovens agri-

mensores, Alexandre Barbosa e Emygdio Marques, promove a demarcação de varios immoveis, como os de “Laranjeiras e Tijuco”, de propriedade da familia Borges de Araujo, com satisfacção de todos os condminos.

Dotado de excepcional capacidade de trabalho, levantava-se ás quatro horas da madrugada, confundia-se com os operarios, e usava os mesmos utensilios do campo. Com surpresa geral, terminara a empreitada da demarcação de “Laranjeiras”, antes de decorrido a metade do prazo marcado. Esse factó é de tradição viva em Uberaba.

Calogeras era um apaixonado da coisa publica e sempre se interessara pela politica como arte de dirigir os povos. Se bem que estreitas as suas relações de amizade com membros da familia imperial, era republicano. Estudante, assignara com os vultos eminentes de Ouro Preto a acta da sessão extraordinaria, convocada pelo presidente da Camara Municipal, para dar posse ao governador do Estado, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, e pernoitara nesta noite ao lado de Cupertino e de João Proença, com alguns explosivos, para evitar possiveis ataques na redacção do “O Movimento”, o valoroso jornal de João Pinheiro, que tão sa-

liente papel desempenhara na propaganda republicana em Minas.

Foram taes os serviços ao municipio de Uberaba, que, embora residindo apenas ha um anno nesta cidade, o seu nome é lembrado para deputado estadual.

O levantamento de sua candidatura pelos srs. Mizael Rodrigues da Cunha, Chrispiniano Tavares, Antonio Garcia Adjucto e Antonio Pereira Artiaga, influentes politicos, provoca a scisão da politica de Uberaba.

O coronel José Francisco da Silva Oliveira, inimigo pessoal do dr. Chrispiniano Tavares, notavel engenheiro e collega de turma de Costa Sena, por causa de um incidente conhecido por "Questão do preto João" e revoltado com a sua nomeação para professor do Instituto Zootechnico, impugnou a candidatura de Calogeras, apresentando os nomes de Arthur Lobo, poeta e prosador, e Desiderio de Mello, advogado provisionado. O seu véto recebeu o apoio dos srs. coroneis João Quintino Teixeira, Antonio Cesario e Manoel Barcellos. Os animos exaltaram-se. Em consequencia da lucta, Antonio Artiaga, director da Escolã Normal e brilhante jornalista, é assas-

sinado por Arthur Lobo, facto lastimavel de grande repercussão, que levou Calogeras a tomar a defesa da memoria de seu amigo pelas columnas do "O Paiz".

Os adversarios do joven e laureado profissional reconheciam o seu valor moral e a sua probidade scientifica, mas sustentavam que havia inconveniencias no afastamento de um tecnico da secretaria e que o cel. José Francisco não podia ficar desprestigiado. . .

Calogeras nobremente evita o prolongamento da luta, desistindô de sua candidatura.

Francisco Sá reclama então os seus serviços, nomeando-o para consultor tecnico da Secretaria da Agricultura e Viação, em 1896. Foi uma época de largas reformas. Alcides Lins, estudioso dos nossos problemas ferroviarios, me dissera que jamais, em Minas Geraes, alguem, em periodo tão curto, trabalhara com tanta efficiencia.

O Partido Republicano, para ter uma representação condigna, offerece-lhe a cadeira de deputado federal pelo primeiro districto. Calogeras se demitte afim de se desincompatibilizar para a eleição e recebe do secretario da Agricultura uma carta, que o consagra.



Em um dos trechos, escreveu o conspicuo homem de Estado, que é Francisco Sá — “No estudo das mais importantes e das mais complexas questões affectas a esta secretaria, revelastes capacidade de trabalho tão excepcional, tão notavel comprehensão dos verdadeiros interesses mineiros, tão completa aptidão para encarar e resolver as difficuldades scientificas submettidas ao vosso estudo, que a falta de vossa cooperação se torna verdadeiramente sensivel”.

Ao ingressar, pois, no Parlamento Nacional, com 27 annos de idade incompletos, Calogeras já era nome de projecção, não só em seu Estado como em todo o Brasil.

Honrou as suas tradições de character, de intelligencia e de operosidade.

Como parlamentar, em longa carreira, foi dos maiores que o Brasil produziu. Está na plaina do polyptico scintillante de Carlos Peixoto, David Campista, Gastão da Cunha e João Luiz Alves, que, no periodo aureo do Jardim da Infancia, dignificaram o nosso Parlamento, elevando-o a uma altura não attingida, mesmo no Imperio.



## O PARLAMENTAR

João Pandiá Calogeras fôra na Republica uma das maiores figuras da Camara dos Deputados. Em assumptos de marinha e guerra, limites, mineração e vias ferreas, ninguem os discutia com maior competencia. Não possuia os arroubos tribunicios de Carlos Peixoto, Pedro Moacyr, David Campista, Barbosa Lima e Gastão da Cunha.

Orador frio, raramente a sua palavra era presa de emoção. O parlamento transformava-se em cathedra. Não improvisava os discursos. Aparteado, era energico e vivaz na réplica. Ao subir a tribuna, para abordar algum thema novo e Calogeras evitava o terreno palmilhado por outrem, levava comsigo livros, mappas e notas, que fornecia a Agenor de Roure para os extensos resumos do "Jornal do Commercio".

Jamais pegou da penna para discutir casos pessoases ou de interesses puramente partidarios.

Insubmisso, desconhecia chefes. Não admittia disciplina em questões doutrinarias e não cortejava a popularidade. A sua longa permanencia no Parlamento só é explicavel, na esphera de acção em que actuou, por ser Calogeras um valor insubstituivel. Como deputado, representava o Brasil e não o Estado de Minas Geraes. Accusado de promover uma medida de character regional, revidou, sobranceiro e energico: “Não ha trecho no Brasil, que para mim não seja Brasil. Não comprehendo lutas regionaes”.

O culto Martim Francisco costumava dizer “que não perdia nunca os seus discursos para se instruir, porque sempre se tem que aprender, ouvindo o Calogeras, especialista em Encyclopedia”. Em suas memorias inéditas, o irreverente Andrada traçou-lhe o seguinte perfil: “Ministro para qualquer pasta em qualquer paiz do mundo”.

Percorrendo os annaes do Congresso, verificar-se-á que discutia todos os orçamentos com a mesma mestria. A sua cultura era integral.

Resumir, pois, a longa actividade parlamentar, é tarefa difficil. Mencionarei apenas, em ligeiras pinceladas, os melhores discursos, os

projectos mais interessantes e os pareceres que são monographias.

Aos 7 de fevereiro de 1897, apresentava ao eleitorado do 1.º Districto Federal de Minas Geraes o seu manifesto-programma. Contrariando a norma geral seguida pelos politicos, de prometter e não cumprir, só traçou as directrizes, após a sua eleição, que se realizára a 30 de Dezembro proximo findo. E' um documento incisivo e curto. O problema basilar, segundo o seu modo de pensar, é o economico-administrativo, com o funcionamento integral do mecanismo adoptado pela Constituição de 24 de fevereiro.

“Condição essencial de paz e de respeito á existencia constitucional da União, a autonomia dos Estados deve ser a religião intangivel de todos os brasileiros.”

Assume o compromisso de “realizar uma politica de tolerancia e de paz, a cuja sombra todas as aspirações licitas encontrarão abrigo, e que permittirá, nos moldes da mais severa economia, dar a todas as forças productoras do Brasil a expansão natural que devem ter”.

Estreou, apresentando emendas sobre o Homestead. A sua paixão musical, que, no crepus-

culo da existencia, se resumia em Bach e Handel, o impelliu, logo a seguir, a justificar da tribuna a compra pelo Estado do acervo inédito do padre José Mauricio.

Fôra inutil, até então, a eloquencia persuasiva do visconde de Taunay. Mas, fazendo jús á gratidão dos amantes da bôa musica, conseguira o autor da Retirada da Laguna, com o auxilio de Alberto Nepomuceno, unicamente a impressão da majestosa “Missa in requiem”, não ha muito executada em São Paulo com successo.

Calogeras arrancou do olvido, a que se achavam condemnadas, e do poder das traças, a cuja voracidade destruidora estavam entregues, as cento e dez composições ineditas do genial compositor brasileiro.

Visconde de Taunay, pelas columnas do “Jornal do Commercio” e Arthur Dias, em brilhante folhetim da “Cidade do Rio”, manifestaram-lhe os seus applausos calorosos.

Na sessão secreta da Camara dos Deputados de 4 de novembro de 1897, discutiu com fulgor o tratado de 10 de abril, firmado pelo nosso governo para fixar as fronteiras do Brasil e da Guyana Franceza. Determinava o acto governamental

que a secular questão seria resolvida pelo arbitramento. A oração de Calogeras impressionou os seus pares pelo rigor scientifico. Citou geographos, historiadores e demonstrou, sem o menor esforço apparente e de um modo exhaustivo, os direitos do Brasil. É um dos seus bellos triumphos.

Protestou contra a passagem da Escola de Minas de Ouro Preto, não só para Barbacena, lugar que havia sido condemnado ao ser fundada por Gorceix, por não apresentar condições indispensaveis para estudos geologicos e mineralogicos, como para Bello Horizonte, apoiada nesse passo por cinco professores contra oito que se declararam contrarios a qualquer transferencia.

Em memoravel discurso, recusa licença para processar o general Francisco Glycerio, por julgal-o incapaz do crime que lhe imputaram seus adversarios e apoia o voto de Amphiphio. Isolado em sua bancada, Calogeras, vendo que se tratava de manejo politico, enfrenta com energia o leader Seabra, não admittindo questões fechadas em assumpto de tal natureza. Sustenta com a opinião de Alcoorta que é impossivel haver partidos permanentes em republicas presidenciaes como a nossa, these que Carlos Peixoto Filho desenvol-

veu, posteriormente, em 1908, com o brilho habitual, no banquete offerecido ao marechal Hermes que embarcava para a Allemanha.

Tratando-se de um acto de economia interna, Calogeras não podia admittir que a recusa da licença acarretasse a renuncia de Prudente de Moraes e sem inversão das normas constitucionaes não se comprehende a ingerencia do poder executivo. Os annaes registam que a sua oração, consagrada com palmas prolongadas do recinto e das galerias, finaliza com a seguinte advertencia: “Republicanos historicos, com a responsabilidade da propaganda e republicanos não historicos, com a responsabilidade ainda maior da adhesão — Sejam justos, tolerantes e liberaes”.

Preoccupou-se com o problema da redução das tarifas e o das estradas de ferro. Estudou magistralmente a responsabilidade dos empregados de transporte. O escandalo da irresponsabilidade das vias ferreas, que chegaram ao ponto de declarar, em seus conhecimentos, não se responsabilizarem pelos objectos que recebiam para o transporte, era um dos maiores embaraços aò desenvolvimento agricola do paiz, porque os prejuizos cahiam, directa ou indirectamente, sobre o produ-



ctor, causando danos irreparáveis. Exhibiu argumentos valiosíssimos e o "Jornal do Commercio" declarava textualmente: "O ilustrado mineiro, quando outros trabalhos importantes, já conhecidos, não o elevassem entre seus concidadãos, o das responsabilidades das vias ferreas o tornaria distincto no paiz e admirado no estrangeiro".

Propugnou, improficuamente, para que se installasse a abertura do Congresso a 14 de julho, reduzindo o prazo das sessões com a economia de mil e oitocentos contos de réis. Estudou com a minucia de um beneditino os orçamentos da Viação, Receita, Fazenda e Guerra. Relatou o famoso parecer sobre Viação em 1899 e o defendeu em tres longos discursos, abordando o problema ferroviario em todos os seus detalhes. Da legislatura finda, talvez seja o seu melhor trabalho.

Perfunctoriamente descrevemos a sua actuação nos tres primeiros annos de mandato. A bancada mineira não attingira ao apogeu. Gastão da Cunha e Estevão Lobo foram eleitos em 1900. Carlos Peixoto, João Luiz Alves, Astolpho Dutra e David Campista em 1903 e Afranio de Mello Franco em 1906. Mas contava com um jurista da estatura de Alfredo Pinto Vieira de Mello, futuro

ministro da Justiça e do Supremo Tribunal, e engenheiros como Cupertino e Rodolpho Paixão. Não é leviandade afirmar que, na legislatura de 1897 a 1899, a figura de maior projecção dos montanhezes fôra o joven João Pandiá Calogeras.

Victima da fraude eleitoral, que arrancara palavras de fogo da eloquencia alada de Francisco Sá, Calogeras não obtem o reconhecimento de seus direitos. Não volve ao Parlamento na legislatura de 1900.

Como os gregos, seus ascendentes, que prestavam serviços á Patria, Calogeras era pelos pigmeus condemnado ao ostracismo.

Afastado do Parlamento, na legislatura de 1900-1902, exerce o cargo de director da mineração de manganez do Bananal e emprehende em 1901 uma viagem de recreio á Europa, augmentando o seu cabedal scientifico. Em 22 de junho desse anno, realiza notabilissima conferencia na "Societé de Geographie Commerciale" sobre "La situation economique du Brésil", reproduzida em boletim e tirada em folheto por um admirador anonymo. Gorceix, sobrio em seus elogios, em artigo escripto para o jornal parisiense "L'Amérique Latine", fala-nos da impressão que causou nos meios

scientificos de França a leitura desse trabalho. Calogeras examina a crise do Brasil, applaudindo a orientação financeira e economica de Campos Salles. Estuda as nossas relações commerciaes com diversos paizes, notadamente com a França, e suggere os meios de que se deve lançar mão para reconquistar o terreno perdido. A peroração é vibrante e de agradável sabor literario. De um amigo, critico competente, que leu esse ensaio e ora pelas "Ascensões d'Alma", ouvi a impressão de que a construcção franceza dos trabalhos de Calogeras é mais harmoniosa do que a dos seus livros escriptos em nossa lingua.

A myopia politica, extorquindo-lhe o diploma de deputado federal, permittiu que Calogeras prestasse ao Brasil esse serviço. Para os jornaes de Bello Horizonte, escreve uma série de artigos sobre Electro-siderurgia, café e reforma tributaria.

Francisco Salles consegue, em 1903, incluir o seu nome na chapa de deputados federaes como representante de Ouro Preto, acontecimento que determinou se realizasse, em 9 de março, na cidade da "mathematica e da pedra" como era denominada a antiga Villa Rica, uma das maiores mani-

festações, verdadeira apothese, de que se ha noticia, ao illustrado engenheiro.

Com os novos eleitos, ha em Minas Geraes uma metamorphose em seus valores intellectuaes. É desmentida a causticante allusão de Arthur Rios, quando falava em boiada, alludindo á bancada mineira. Minas revive os tempos gloriosos de Bernardo Vasconcellos e Marquez do Paraná com o famoso “Jardim da Infancia”, expressão criada por Augusto de Freitas para designar com ironia o grupo dos jovens que tanto se sobresahiram durante o governo Rodrigues Alves nas lides parlamentares. Dizia-se que a idéa de “Minas intellectual” pertencia a David Campista. O grande orador vivia em Paris quando surgiu na Camara dos Deputados La Ligue des Quatre. Os mosqueteiros eram Poincaré, Barthou, Leygues e Hannotaux. A cohorte, em redor de David Campista, era da mesma linguagem. Examinemos, rapidamente, o grupo.

O antigo presidente de Minas, Silviano Brandão, assim se externava em relação a um dos chefes: “Si o Campista não fosse por lei incompativel, o elegeria meu successor, por ter todos os predicados: honestissimo, trabalhador e de uma intel-

ligencia pouco vulgar". Economista e professor de Direito Constitucional, causeur encantador, artista exímio, pintor e pianista, dicção clara, aristocrata no trajar e no exprimir as suas idéas, o creador dos folhetins falados alcançou successos ruidosos como os da Caixa da Conversão, Vacina Obrigatoria e Legação do Vaticano. Era uma das figuras mais scintillantes.

Carlos Peixoto, um orador primoroso, incisivo na replica, cultuando a ironia e a elegancia da forma. Elaborou e discutiu os pareceres da Receita com um poder de synthese ainda não superado. Orgulhoso, desdenhava o auditorio. Escreveu Afranio Peixoto que a vida não lhe dera a conhecer ninguem mais intelligente. Enfrentou com vantagem a Barbosa Lima e a Pedro Moacyr, em duas situações culminantes. O primeiro, no caso Alfredo Varella e o segundo, ao analysar o orçamento da Receita para 1915. Foram triumphos memoraveis e impercível ficou a sua resposta a Assis Brasil na Convenção de 22 de agosto.

Gastão da Cunha, causeur inegalavel, orador da phrase vibrante e sonora, possuia a energia da expressão physionomica. Caricaturista e ferino,

provocava gargalhadas ao descrever o perfil de um “snob” ou de um diplomata enfatuado. Os discursos sobre Universidade, Casamento Civil, Legação do Vaticano, Tratado do Acre e Responsabilidade Civil do Estado, de fulgurante espiritualidade, são os melhores proferidos no Parlamento Brasileiro. “O meridiano que regula hoje já não é o de Greenwich, mas o de Nova York”, disse com aquelle invejavel espirito, em uma de suas orações, a Lord Balfour, que estava a todo momento, impaciente, a puxar o relógio.

João Luiz Alves, fluente e argumentador, doublé de jurisconsulto e economista; Estevão Lobo, intelligencia culta e faiscante, morto aos 35 annos nas praias de Copacabana mas deixando atraz de si um rasto de luz; Calogeras, operoso e sabio; completavam o grupo magnifico.

Calogeras revelou-se nessa legislatura uma actividade tão pluriforme e tão intensa que parecia ter o desejo de tirar uma desforra dos tres annos de forçado silencio.

Os seus discursos e pareceres são verdadeiros ensaios. A reforma do Codigo Eleitoral, a reorganização do Districto Federal, os impostos interestaduaes, a organização provisoria do Acre, o lei-

lão da Sorocabana, a secca do Nordéste, a responsabilidade civil das estradas de ferro, a reforma dos estatutos do Banco do Brasil, conhecida como reforma David Campista, e os discursos sobre os diferentes orçamentos, são verdadeiras monographias que mereciam uma analyse minuciosa ou, pelo menos, que se fizesse um resumo das idéas expendidas. Em todos, o homem de Estado, encarando o Brasil em seu todo, sem preconceitos de regionalismo.

Merece destaque especial um trabalho seu: o discurso proferido na sessão secreta de 23 de janeiro de 1904, referente á Questão do Acre. Calogeras occupou a tribuna pelo espaço de 5 horas e deixou em todos os ouvintes uma impressão de assombro. Lendo o resumo, publicado na "Gazeta de Noticias" no dia posterior, sente-se a projecção da luz. É u'a maravilhosa prelecção sobre a nossa formação historica e a nossa economia no Continente Sul-Americano. Endossa, em seu longo desenvolvimento, a seguinte maxima de Renan: "Os verdadeiros homens de progresso são aquelles que adoptam por ponto de partida um profundo respeito pelo passado, pois, tudo quanto fazemos e o que somos, é a mêta de um trabalho secular".

Respondeu a todas as objecções de Felisbello Freire e Lindolpho Serra e terminou declarando: “Os negociadores Rio Branco e Assis Brasil cumpriram nobremente seu dever, e provaram á nossa Patria que não está extincta a linhagem intellectual e politica dos estadistas brasileiros.”

Calogeras quiz ainda doar ao Brasil uma obra immortal. Refiro-me ao seu parecer, relatado nessa legislatura, “As minas do Brasil e a sua legislação”, em tres grossos volumes. É um estudo de valor descommunal, só comparavel ao de Ruy Barbosa, na Republica, sobre a redacção do Codigo Civil.

“Estudando o passado, diz Pires do Rio, Calogeras ilumina o debate historiador pelo concurso de saber technico, em cada pagina revelado, no terreno da geologia, da metallurgia, da mecanica, materias sobre que discorre com firmeza e familiaridade de estudioso profissional.”

A critica minuciosa desse grande livro, que lhe abriu as portas do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, não é objecto deste ensaio. Homens do valor intellectual de Capistrano de Abreu, Henri Gorceix, Mendes Pimentel, Orville Derby, Arrojado Lisbôa, Visconde de Ouro Pre-



to. Alvaro da Silveira e Pires do Rio já emittiram seus pareceres.

Como Calogeras se revela historiador, geologo e jurisperito nessa obra monumental, citarei pequeninos trechos syntheticos de tres mestres de Historia, Geologia e Direito: Capistrano de Abreu, Gorceix e Mendes Pimentel.

“Durante decennios essa obra ficará como um novo marco solitario”, affirma o historiador; “Será o vademecum para todos que directa ou indirectamente quizerem conhecer as riquezas do Brasil”, commenta o geologo; “Vigoroso espirito servido por systematizado preparo technico; conhecimento theorico e pratico do assumpto; escrupulosa probidade scientifica; operosidade excepcional; manejo facil e correcto da lingua”, sentencia o jurisconsulto.

Djalma Guimarães, seu sobrinho e hoje o maior petrographo brasileiro, está dirigindo a reedição dessa obra, ampliando-a, para transformal-a em verdadeira Encyclopedia.

Mas Calogeras, que possuia a nevrose do trabalho, era tambem o jornalista vigoçoso que sustentava, pelas columnas do “Jornal do Commercio”, polemicas eruditas como a que entreteve com

Ozorio de Almeida, sobre o transporte do manganês.

Jorge Street, orador official no banquete que lhe foi offerecido em São Paulo, em 1928, pelos industriaes, recordou, em discurso pronunciado de improviso, a impressão que lhe causára, em sua mocidade, o brilhante torneio espiritual.

Ao encerrar-se essa legislatura, Calogeras, que contava 35 annos de idade, era unanimemente apontado como o homem capaz de exercer com o mesmo brilho qualquer das pastas ministeriaes.

Especialista em assumptos de politica internacional, é convidado pelo barão do Rio Branco para tomar parte, como membro da delegação brasileira, na Terceira Conferencia Pan-Americana, que se reuniu na cidade do Rio de Janeiro, em 1906. Em uma delegação brilhantissima, chefiada por Joaquim Nabuco e entre seus componentes figuravam os nomes prestigiosos de Gastão da Cunha, Assis Brasil, Graça Aranha e Amaro Cavalcanti, teve actuação destacada, como assignalam os annaes da conferencia.

Deputado federal, não desmentiu as suas tradições de estudioso de todos os problemas, na legislatura de 1906-1908. Bateu-se pela reforma do

ensino, propugnando a escola primaria generalizada. Defendeu a permanencia em Roma da nossa legação junto á Santa Sé e combateu o Instituto do Divorcio. Criticou o nosso systema tributario, mostrando como todo elle é baseado na defesa de interesses que não são os da classe mais numerosa e productiva da sociedade brasileira, e se funda essencialmente no sacrificio das classes menos abastadas. Conseguiu que fossem computados para a liquidação de tempo da aposentadoria os serviços integraes prestados como operarios nas Repartições Federaes. É a unica medida republicana de nivelamento do operariado ás chamadas profissões liberaes approvada pelo Congresso nessa legislatura.

Proferiu, em um ambiente de exacerbação, provocado pela questão Zeballos, notavel discurso pacifista, definindo o verdadeiro pensamento brasileiro e estudando minuciosamente o projecto da co-propriedade do Brasil e Uruguay no Rio Jaguarão, na Lagôa Mirim. Essa oração foi reproduzida na integra pela "La Nacion", de Buenos Aires e "El Siglo", de Montevideo, e, segundo um communicado do nosso ministro plenipotenciario em Buenos Aires, Domicio da Gama, contribuiu

decisivamente pela serenidade e argumentação irresponsível, para applainar as dificuldades, quasi insuperaveis, incrementadas por uma imprensa armamentista.

Em 1908, estuda, como si fôra um technico militar, o orçamento da guerra. Como Michelet, de Maistre, Jules Simon e Saint Beuve, Calogeras é um paisano que contribue com monographias para esclarecimento de problemas, que parecem inacessiveis á classe civil.

Finalmente, enfrenta o grande parlamentar que tem demonstrado a fibra do bandeirante, Cincinato Braga, no projecto da Valorização do Café.

Combate a intervenção do governo no mercado, declarando que sempre fôra adversario intransigente de planos de valorização. Julga que o concedido pelo governo paulista nada adeantar á lavoura. Como não temos um monopolio, a intervenção official tentando regular o preço será inefficaz. Os sucedaneos surgirão fatalmente e lembra, quando se tratava do emprestimo anterior de tres milhões de esterlinos, a declaração ouvida que seriam aquelles recursos os ultimos solicitados, linguagem essa que estava sendo repetida. Calogeras desenvolve argumentos sobre as crises eco-

nomicas, que reputa fataes, e é cerrada a sua critica contra o Convenio de Taubaté.

Cincinato Braga respondeu-lhe, immediatamente, dizendo que São Paulo não vinha pedir mas sim negociar. Profere longa oração, baseada em algarismos e computos de cifras. Examina a face eminentemente politica e o lado economico e financeiro da questão. Observa que Minas e Rio não cumpriram o convenio celebrado e que São Paulo estava só na luta contra a ganancia do capitalismo americano.

Foi um prelio em que não houve vencidos nem vencedores. Ao discurso vibrante e documentado de Cincinato Braga, respondeu o deputado mineiro com uma oração calma e reflectida.

Na legislatura de 1909 a 1911, os seus principaes triumphos foram os discursos sobre a Caixa da Conversão, em sua segunda phase, e o arrendamento do Cães do Porto. Sustentou neste ultimo a these que o Estado como administrador de serviços de natureza industrial não merece pal-

mas. Promoveu a redução das tarifas e a construção de vias ferreas.

Calogeras é, novamente, convidado pelo barão do Rio Branco para fazer parte da delegação brasileira á Quarta Conferencia Pan-Americana que se reuniria em Buenos Aires. Com difficuldades é organizada a nossa embaixada. A indicação de Estanislau Zeballos para delegado argentino provoca susceptibilidades. Joaquim Murтинho é o chefe da delegação. São seus membros Gastão da Cunha, Herculano de Freitas, Olavo Bilac, Germano Hasllocher e Calogeras, os dois ultimos, deputados federaes, dependentes da licença do Congresso. Calogeras escreve para a conferencia um dos seus melhores livros: — “La Politique Monétaire du Brésil”, cujas idéas foram compendia-das ha pouco pelo illustrado dr. Salles Junior. É obra citada no estrangeiro como o nosso melhor compendio no genero. Gino Arias, o grande professor da Universidade de Napoles, Emile Lavasseur, Charles Gide e Raphael George Levy commentam-na com respeito.

Não tendo sido votada a licença em tempo util, devido á má vontade do leader para com os dois legisladores, Calogeras não segue para Bue-

nos Aires. “O Paiz”, orgam officioso do governo, estranha a politicagem da maioria que “priva dois parlamentares de notavel illustração de dar grande realce ao nome do Brasil”.

Ouvimos, Baptista Pereira e eu, de Leopoldo de Bulhões, o ministro da Fazenda de então, que Calogeras, obstinadamente, recusou pela publicação da obra o auxilio de quarenta contos de réis a que tinha direito, concedido pelo governo, com allegação de ser um serviço que desejava prestar ao Brasil.

O livro foi enviado a todas as delegações, por intermedio de Gastão da Cunha, e “La Nacion”, de Buenos Aires, reproduziu na integra, precedidos de um magistral estudo critico, os ultimos capitulos em diversos numeros successivos.

Victima de uma perfidia de Gastão, Calogeras, em carta dirigida a esse sagaçissimo diplomata, lhe faz a seguinte confissão: “Em tres mezes, pude escrever, corrigir e publicar “La Politique Monétaire du Brésil”. Para isto conseguir, adoeeci de “surmenage”, gastando do meu bolso mais de dois contos de réis e dei meu trabalho e toda a edição ao governo. Não me cabe

dizer se cumpri o que esperavam de mim, mas asseguro a você que fiz o que pude”.

A Fundação Calogeras vae reedital-a com annotações e completando-a. O seu presidente, o illustre dr. Roberto Simonsen, chamou a si esse nobre encargo.

A analyse da obra de Rio Branco deu-lhe o ensejo de proferir uma das suas melhores orações parlamentares, pulverizando os argumentos em contrario expedidos pelo inclito Barbosa Lima. Accusado “o Chancellor da Paz” de não escrever os seus relatorios, embora não houvesse segredos no Ministerio das Relações Exteriores, Calogeras teve a coragem de affirmar esta grande verdade: “Os relatorios são livros grossos que ninguem lê, a começar pelo proprio ministro, que finge apresental-os”.

Data de 1911 a publicação de seu excellente livro “Jesuitas e o ensino”, de character philosophico e politico. Posteriormente, ao prefaciari o livro do padre Madureira sobre a actuação dos filhos de Santo Ignacio, rectifica com nobreza as duas restricções que fizera á Companhia de Jesus: Decadencia de ensino nos fins do seculo XVII e



censura de matar as iniciativas individuaes. É um opusculo escripto sem eiva de paixão.

Na legislatura de 1912-1914, foi prodigiosa a sua actuação. Com as relações politicas rotas com o governo do marechal Hermes, Calogeras sentia que a palavra não poderia ficar tolhida por vinculações partidarias e foi um implacavel defensor das prerogativas populares. Analysoo em todo esse malfadado periodo as novas responsabilidades do Thesouro e os effeitos calamitosos da politica de esbanjamento. Punha, sempre, em destaque, a contradicção flagrante entre o programma de novas economias e as despesas adiaveis avolumando o "deficit".

Proferiu discursos magnificos como o da amnistia, que Aurelino Leal considerou o mais energico e o mais logico, com a these magistralmente sustentada de que os verdadeiros amnistiados deveriam ser os srs. marechal Hermes da Fonseca e general Pinheiro Machado, responsaveis pelo bombardeio de Manáus e pelo caso do Sattelite.

“Novos rumos economicos” é o titulo de um grande discurso seu, publicado em folheto por um anonymo que outro não era sinão Alberto de Faria. O autor do “Mauá” não mantinha relações pessoaes com Calogeras e praticára esse acto de patriotismo apenas para divulgar a these defendida nessa memoravel oração: proteccionismo e cambio baixo são uma fórmula de privilegio para certas classes.

Sensacional foi a exposição denunciando o contracto celebrado pelo governo do Pará com a Amazon Land and Colonisation para concessão de sessenta mil kilometros quadrados de terras. A facilidade de abrir mão de enormes faixas do nosso sólo suggeria a Alberto Torres o grande artigo “Nação ou Colonia?”. Calogeras deu o brado de alerta. Essa concessão seria uma fonte de perigos sinão para nossa integridade, ao menos para a nossa tranquillidade nacional.

Proferiu, em 1913, um dos maiores discursos, ouvido apenas por cinco deputados: Homero Baptista, Carlos Peixoto, Joaquim Ozorio, Simões Lopes e Marçal Escobar. Falou pelo espaço de cinco horas, descendo da tribuna ás nove horas da noite. É a analyse do Orçamento da

Receita, cujo relator fôra Homero Baptista. Examinou em detalhes o proteccionismo transformado em prohibitismo que, em quarenta annos, tornou sete vezes maior o imposto sobre generos alimenticios. Demonstrou que a principal responsavel pela crise é a falta de fé na administração publica e que para a pessoa de nossos dirigentes exigia: "competencia, energia e bom senso".

Calogeras firmou a reputação de primeira figura do Parlamento Brasileiro em assumptos militares com as brilhantissimas allocuções proferidas, em 1913, ao discutir o Orçamento da guerra.

Coronel Fix, pseudonymo de um distincto official do Exercito, meu antigo professor de portuguez em Uberaba, hoje o culto general Pedro Cavalcanti de Albuquerque, publicou uma série de artigos no "Jornal do Commercio" narrando o entusiasmo reinante entre a officialidade do nosso Exercito pelas idéas modernas de Calogeras.

Os "Jovens turcos", infligindo os regulamentos, pediram, exultados, em abaixo assignado no anno posterior, a sua nomeação para ministro da Guerra.

Réplicando a Dunches Abranches, que acabava de pronunciar uma oração, conhecida por “Pró Germania”, definiu com applausos da unanimidade da imprensa do Rio de Janeiro a nossa neutralidade em face do conflicto mundial.

Publicou, finalmente, um notavel trabalho que recebeu a designação de “Lei Calogeras”. Relator geral de uma commissão, discordou radicalmente do antigo projecto de Gonzaga de Campos e offereceu um substitutivo, que foi assignado pelos srs. Alberto Sarmiento, Prudente de Moraes Filho e Josino de Araujo. Foi approvedo sem discussão e transformado em texto legal. A Lei Calogeras, integralmente de sua autoria, firmou dois principios: o desmembramento do dominio em duas propriedades autonomas, a do sólo e a da mina; e a desapropriação concedida como meio de remover as difficuldades para aquisição e lavra.

Calogeras realizou nesse periodo duas magnificas conferencias: “Mariano Procopio” em Juiz de Fóra e “O Brasil e seu desenvolvimento economico” na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Escreveu o conhecido ensaio “Rio Branco e a politica exterior” e collaborou em di-

versos jornaes do Rio, tratando de questões financeiras e militares.

Em todos os recantos do Brasil, o seu nome é apontado para membro do governo. Organizado o Ministerio, não figura o grande estadista republicano.

Ha grande agitação nos meios politicos e populares. Wenceslau Braz recúa de seus propósitos para dar satisfação ao publico decepcionado. No dia 15 de novembro, á uma hora da madrugada, na praia de Botafogo, Sabino Barroso, que o procurára inutilmente durante a noite, transmite-lhe o convite, em nome do Presidente da Republica, para exercer o cargo de ministro da Agricultura, Commercio e Industria.

Leopoldo de Bulhões, á tarde, em entrevista publicada nos jornaes, declarava que a entrada de Calogeras para o Ministerio extinguia o descontentamento.

O seu nome symbolizava confiança.



## O MINISTRO DA AGRICULTURA

Éco da nacionalidade brasileira, Coelho Netto saudava a sua ascensão ao governo com palavras propheticas: “Do seu alto valor provado na vida publica muito espera a Patria. Possa o amigo realizar na pratica o que tem apregoado com a palavra e com a penna, fazendo a terra fructificar em messes prosperas e extrahindo-lhe do seio os thesouros que nelle jazem”.

Ao assumir, pois, em 15 de novembro de 1914, a pasta da Agricultura, Commercio e Industria, Calogeras, o grande tecnico da efficiencia do Estado, como o denominou Hermes Lima, era possuidor de um programma de governo maduramente pensado.

As suas idéas eram conhecidas. Em 1912, discutindo o orçamento da Agricultura, cujo relator fôra o attico e subtil Raul Fernandes, ao debater o problema da defesa da borracha, analysou os serviços do Ministerio, iniciados em uma

época má, de effervescencia de luctas politicas. A sua critica foi acerba. O ministerio tinha sido organizado com directores, bachareis de outras secretarias, homens competentes em assumptos de administração, mas leigos em technica agricola. Fustigou com vehemencia os erros e suggeriu os meios de emendal-os.

Em longa entrevista concedida ao "Jornal do Commercio", ao empossar-se, publicada em folheto com o titulo "O Problema Economico do Brasil", traça as directrizes administrativas, infelizmente bastante cerceadas pela falta de verbas, em um periodo agudo de crise, como foi o do começo da conflagração mundial, que exigia actos de sacrificio e de patriotismo, não só dos contribuintes como dos dirigentes.

Um dos actos iniciaes é o da reparação de uma iniquidade de que fôra victima humilde funcionario. Em despacho escripto pelo proprio punho, faz uma advertencia que deveria ser meditada pelos nossos administradores: "A affirmação de que um funcionario não corresponde aos deveres do seu cargo, depende de prévia e rigorosa averiguação das faltas que, porventura, haja commettido. Nunca pode ser acto de



arbitrio, pela gravidade da mácula assim lançada sobre a honra profissional, da qual todo o chefe tem o dever de ser guarda zeloso a bem do renome do conjuncto dos serviços publicos". Considerava Calogeras a pratica da justiça dever primordial de um chefe de Estado.

Mystico do patriotismo, multiplica as horas do dia para doá-las, integraes, com o sacrificio de sua saúde, á patria estremecida.

É gigantesca a sua actividade. Reorganiza scientificamente todos os departamentos do Ministerio, um verdadeiro pandemonio burocratico, não com aquella illusão graphica de que nos fala Eduardo Prado e faz com que o brasileiro confunda regulamentos com soluções de problemas, mas com saber theorico e capacidade realizadora, dos quaes só elle possuia os segredos.

Descentralização é a finalidade da reforma. Desentrava a machina governativa. Desapparece, como por encanto, a rotina.

Os papeis, com o novo methodo de trabalho, vão em primeiro lugar ao conhecimento do ministro que os examina e lança desde logo o despacho para depois entrarem nos protocollos. Dahi seguem o seu destino para o respectivo ex-

pediente. Iniciativa de grande alcance, só comprehensível pelos que tiveram negocios em secretarias de Estado.

Interrompe a execução do “testamento ministerial” de Edwiges de Queiroz e é impiedoso nos córtes de um funcionario relapso.

Incrementa a producção do fumo e installa o ensino da cultura e preparo do algodão, que Edward Green, da Universidade de Michigan, dirigiu com notavel pericia. Funda a Estação Central de Chimica Agricola e regulamenta a de Biologia e Marinha.

Enthusiasta das cooperativas do systema Raiffesen, promove o inicio da organização do credito agricola, prestigiando, com a acção indirecta do Estado, o unico systema capaz de estabelecer a verdadeira democracia da lavoura, com juro minimos e prazos maximos.

Estuda a substituição da gazolina pelo alcool e providencia para que salvaguardem, durante a guerra européa, os direitos consagrados pelas leis e convenções internacionaes dos autores de invenções industriaes, e dos proprietarios das marcas de fabrica e de commercio.

Põe em execução sabia e minuciosa lei, de sua autoria, reguladora da propriedade das minas, conhecida por "Lei Calogeras".

Remodela os serviços de industria pastoril e os geologicos, esses de accordo com o plano que organizou quando deputado federal, juntamente com Orville Derby e Arrojado Lisboa, a convite do antigo ministro Rodolpho Miranda. Multiplica nestas repartições os pontos de contacto e de prestação de auxilios entre os interessados e órgãos officiaes, tornando-se pratico o rumo dos estudos investigados.

Imprime nova orientação aos Serviços de Informações e de Divulgação, que se limitavam a distribuir impressos e a ministrar um ou outro conhecimento scientifico. Alarga o ambito da acção, apura o valor das noções divulgadas e os aproxima das classes a quem devem prestar auxilio. Não basta publicar folhetos e distribuí-los, serviço que qualquer livraria pode se incumbir. Exige alma e não perfeição dos textos. De sua importancia, basta considerar a influencia que sobre a Expansão Economica dos Estados Unidos, do Canadá e da Argentina exerce o Departamento Official encarregado de identica tarefa.

Resolve, em principios de 1915, uma crise séria de alimentação, com providencias rapidas e energicas junto ao governo do Rio Grande do Sul, ao Lloyd e á Costeira.

Em um paiz de organização empirica como o nosso, comprehende a importancia da Directoria do Fomento Agricola. Remodela, com um cunho pratico, os serviços de inspecção de Defesa Agricola, substituindo o bacharel em agricultura pelo instructor technico e “em lugar do funcionario que só conhece o cultivo da terra entre quatro paredes de uma Secretaria pôr o arador callejado pelo manejo dos instrumentos da profissão”.

O Estado, que só ensina e ampara, precisa fortalecer a iniciativa particular para que os proprios lavradores collaborem na cruzada salutar.

Não cumpríamos a nossa missão. Não procuravamos o contacto da terra, abrindo-a em sulcos maravilhosos de onde emergiria a jorros a riqueza que almejamos. O desenvolvimento agricola estava estacionado como nas suas origens, quando se desenvolvia o drama da colonização.

Calogeras realizaria integralmente o seu sonho se a passagem pelo Ministerio da Agricultura não fosse tão ephemera.

Emprehende uma viagem de estudos a Matto Grosso para o aproveitamento daquellas inexgotaveis reservas de riqueza, patentes da uberidade do sólo e amenidade do clima. Infelizmente, é um méro capitulo inicial sem solução de continuidade.

Foi o primeiro ministro, no quatriennio Wenceslau Braz, que apresentou a proposta do Orçamento de sua pasta. Os deputados federaes queixavam-se a miúde, com o indifferentismo dos respectivos titulares, que os orçamentos eram votados de afogadilho e justificavam assim a imperfeição da obra.

Calogeras conclue o estudo orçamentario com palavras de um estadista, que tem o senso das realidades: “Em situação como a actual, que só encontrará sua formula salvadora no rapido incremento da riqueza publica, nenhum caminho levará mais depressa á reconstrucção financeira e economica do paiz do que este, que visa intensificar, por todos os modos e com o menor dispendio de tempo, a pecuaria nacional”.

Theodoreto de Camargo, a quem devemos a phase aurea do Instituto Agronomico de Campinas e antigo funcionario do Ministerio da Agricultura, escreveu em recente estudo que as Dire-

ctorias de Inspeção e Defesa Agricola, Estatistica e Metereologia foram as que maior influxo receberam da admiravel gestão Calogeras.

Pretendia o inesquecivel brasileiro, conta-nos o probo cientista, criar em Ribeirão Preto uma estação destinada a estudar todos os problemas agricolas e technolicos referentes á producção economica do café. Infelizmente a saude alterada do ministro da Fazenda, o seu grande amigo dr. Sabino Barroso, e o descalabro financeiro do paiz exigiram-lhe o sacrificio de dirigir, em junho de 1915 a titulo provisorio, e definitivamente em julho, a pasta das Finanças, onde prestou extraordinarios serviços, mas com a interrupção da prodigiosa actividade e acção constructiva que estava exercendo no Ministerio da Agricultura, Comercio e Industria.

Administrada por Calogeras, era a pasta desprezível, no conjuncto das tarefas governamentais, “a mais vasta, a mais util e a mais vital”.

Com a sua longa vida publica já encerrada, deixa-nos em “Problemas de Governo”, obra de pensador e de estadista, o seguinte testemunho de sua experiencia: “A pasta da Agricultura é a

mais difficil de gerir, tantos e tão amplos são os conhecimentos que exige, para o seu chefe poder agir por si sem ser méro joguete em mãos de seus subalternos e collaboradores”.

Que salutar lição para os nossos governantes!





## O MINISTRO DA FAZENDA

“O Brasil é espolio de uma casa roubada”. Assim se pronunciava o grande Ruy Barbosa ao recusar a sua candidatura para a segunda presidencia da Republica, no quatriennio de 1914 a 1918.

Era a impotencia do genio ante o cataclysmo Hermes.

Calogeras recebe do governo anterior um acervo de difficilima liquidação. Ausencia de rendas para as necessidades mais urgentes; arrecadação aduaneira reduzida a um terço; enorme divida fluctuante; um segundo “funding”. As cobranças de impostos suspensas para que fossem resolvidos com justiça os protestos e reclamações, e o commercio paralyzado pela cessação de transportes maritimos. Situação de verdadeiro cháos.

Adverso ás finanças de aventura e ligado a Carlos Peixoto, relator da receita, é mal recebido pelos papelistas, soffrendo desde logo da impren-

sa estipendiada uma das mais repugnantes campanhas de diffamação. Recebe “chuva das surriadas e das pedras”.

Indifferente ao clamor popular, que era insuflado pelos interesses contrariados, realiza obra de salvação publica.

Impenitente madrugador, innumeradas vezes, ás cinco horas da manhã, já estava despachando em seu gabinete uma avalanche de processos, cuja marcha, narra-nos em chronica deliciosa Medeiros de Albuquerque, miraculosa memoria reproduzia. Exigia que o ponto fosse uma verdade e era inflexivel com os faltosos.

A primeira mensagem do governo Wenceslau Braz, no capitulo das Finanças, redigida pelo proprio Calogeras, e não por Sabino Barroso que acabava de deixar o alto cargo de ministro, não foi bem recebida. As medidas propostas não satisfaziam á opinião publica. As providencias relativas ás sabinas, as indicações sobre a reorganização do Banco do Brasil, a lembrança do augmento de juros nas caixas economicas, eram consideradas méros palliativos que não concorreriam para modificar a situação angustiosa. Mas o ver-

dadeiro motivo do ataque provinha da recusa da emissão de papel moeda.

Honestissimo, systematicamente se oppõe ao malbarato dos dinheiros publicos. Seria “homem digno”, se os dêsse a granel e distribuisse empregos.

Inicia-se uma odysseá de soffrimentos moraes. A concessão das areias monaziticas e a indemnização do dique da ilha das Cobras contribuem injustamente para crear-lhe uma atmosphera de hostilidade, de descredito e de suspeita.

Soffre por ter tido a coragem de dar combate a defraudadores inveterados na renda publica. Não havia, talvez, no mundo, paiz onde fosse mais verdadeiro o proverbio chinez de que “ha mais gente honrada nos presidios do que nas Alfandegas”. Pela primeira vez, e só no Brasil se comprehende, ha uma virulenta campanha diffamatoria contra um ministro da Fazenda, porque tomou medidas disciplinares, visando commerciantes mancomunados com funcionarios aduaneiros para lesar o fisco. Tratava-se de uma Alfandega, ninho de ratazanas, famosa por ser victima de numerosos contrabandos que a adminis-

tração nunca podia apurar. Processados, os contrabandistas lhe pegavam fogo.

Calogeras impôz penas aos representantes de algumas firmas commerciaes de Recife, prohibindo-os de entrar nas Alfandegas, em virtude de irrespondiveis conclusões de um inquerito.

Collocando-se ao lado dos interesses do Theouro contra os dos politicos, conscientemente sacrificava os seus. Mas, energico e abnegado, em hypothese alguma, immolava os deveres imperiosos do seu cargo.

Com estoicismo resiste a um congresso perdulario, propenso a todas as concessões e habituado a votar despesas sem conhecer a receita.

Regulariza o problema da sellagem dos "stocks". Transforma, em pessoa, a Casa da Moeda, em officinas de artefactos de guerra. Solucionaria o problema do carvão e o do ferro, se persistissem na rota encetada, e resolve, sob a sua orientação technica e pessoal, o da navegação, com os concertos rapidos, por muitos tidos por irrealizaveis, da frota allemã requisitada pelo Brasil. Calogeras deixa navegando a maior parte dos navios. É uma grande victoria do seu extraordinario valor profissional. Em accôrdos firmados

com importadores estrangeiros, intensifica a venda dos nossos productos.

Chama a si a responsabilidade integral do cumprimento religioso do "funding". Honrando a palavra empenhada do Brasil, afasta a ameaça do controle estrangeiro em nossas Alfandegas.

Conclue o pagamento de letras ouro, bem como o das garantias de juros, mediante o processo de accôrdos felizes com os interessados. Regulariza a nossa divida fluctuante, que havia sido accumulada.

Ao deixar o governo, recebe de famoso banqueiro, em solenne documento, a declaração de que "nunca as nossas finanças estiveram tão florescentes".

Se, em sua administração, não ha grandes planos e reformas, impossiveis, em uma phase anormal, como a da guerra, realiza obra de severissima vigilancia na arrecadação dos rédditos e de escrupulosidade nos gastos indispensaveis. Dois factos a comprovam. O cambio de 11 pence sobe a 13 e as apolices de um conto de réis, descidas a 691\$000, alcançam, no final do seu governo, 840\$000.

Calogeras não resiste á torpeza da calúnia. Todas as accusações, mais tarde, cahiram por terra, sem esforço, como a folha secca de uma arvore cæe ao menor sôpro do vento. Não havia necessidade de defesa. Bastava a renúncia. O ataque visava a substituição. Abandonado o cargo, a reacção se fez e a reparação foi quasi immediata.

A sua carta de demissão, escripta aos 10 de julho de 1917, é uma lição de civismo. Não conheço pagina mais edificante.

Comprehendendo que era inutil lutar contra a campanha desenfreada do “quarto poder”, que é a imprensa, escreve esse breviario de patriotismo, que merece ser gravado no coração dos moços, e só inspiravel por um profundo amor ao Brasil, maior que o seu apêgo ás posições.

“Receio que minha acção, em vez de auxilio, seja um estorvo. Não se dirige a Fazenda Publica, principalmente em periodos como este que atravessamos, sem suscitar graves difficuldades, e sem incorrer, conscientemente, na impopularidade que decorre das restricções impostas pelo momento. Esse é o preço do cumprimento do Dever.

Não o allegaria eu a v. exa., entretanto, pelo aspecto pessoal que possa ter semelhante factor, se não estivesse convencido de que, para a desenvolvimento benefica da acção governamental, a entrada para o Ministerio de um elemento novo, sem a pesada bagagem da dolorosa liquidação a que fui obrigado, vale por um fortalecimento e por um incentivo em proseguir na politica racional e digna da verdade orçamentaria e de educação tributaria do povo, qual se vê, com tanto brilho, os orçamentos da Inglaterra.

Minha sahida, portanto, nesta hora, longe de acto de egoismo commodo, será talvez pequeno serviço de ordem publica, prestado ao Brasil.”

Calogeras abandona o Ministerio, sem deixar farrapos de sua consciencia. Como a Joaquim Murtinho, fez-se justiça ao grande ministro demissionado.

A sua obra é hoje unanimemente reconhecida como orgulho de um povo.





## O EMBAIXADOR

Cultura universal e polyglotta, requintadamente civilizado, Calogeras era o homem talhado para a diplomacia.

Teria sido um grande ministro das Relações Exteriores como o foi da Guerra.

Deputado federal, foi sempre o porta voz do pensamento de Rio Branco perante os seus pares. Por designação do grande chanceller, delegado ás 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> Conferencias Pan-Americanas. Em todas as occasiões difficeis, dentro e fóra do Parlamento, Rio Branco recorreu ao “insubstituivel”. Em todas se portou com galhardia, honrando a sua terra e engrandecendo o seu nome.

Desempenhou, posteriormente, com brilho, missões de alto relevo como chefe das delegações brasileiras em Buenos Aires, Versailles e Londres.

Exercia a pasta das Finanças, quando, em 1916, se reuniu na Argentina o Congresso Finan-

ceiro Pan-Americano. As delegações de todos os paizes foram presididas pelos titulares dos Ministerios da Fazenda.

Intellectuaes de projecção americana, como Mac Odoó, Oliver, Armando Quesada, Pedro Coscio e Euzebio Ayala, eram, respectivamente, delegados dos Estados Unidos, Argentina, Chile, Uruguay e Paraguay.

Pandiá Calogeras, o nosso enviado em character extraordinario.

Encyclopedico, figura central da Conferencia, era o interprete seguro, nos debates travados em plenário, para os technicos americanos.

Ao ser discutido o estabelecimento de um padrão americano monetario-ouro, systema de unidade metallica, manifestaram-se duas correntes no seio das delegações. Uma, chefiada pela Argentina e outra, pelos Estados Unidos. Calogeras foi o autor da formula conciliadora, e que se tornou victoriosa, com a equiparação dos regimes monetarios do Continente, conseguida pelo fraccionamento do dollar e pela sua harmonização com os systemas metallicos decimaes. Era a these principal da Conferencia.

Desenvolveu magistralmente o problema dos transportes marítimos. O convenio adoptou o seu parecer.

Notavel foi o trabalho lido em sessão plenaria, analysando as consequencias da conflagração mundial, com o depauperamento de nossas energias. Examinou a situação do nosso credito externo e o desequilibrio provocado pelo retrahimento das rendas alfandegarias.

A divulgação destas idéas, expostas com rara lucidez, causou, em Buenos Aires, tão funda impressão, que "La Nacion", o prestigioso órgão sul-americano, proclamou Calogeras a maior mentalidade da Assembléa.

Estava dignificando novamente o Congresso Brasileiro, como representante de Minas Geraes, quando recebeu de Domicio da Gama a honrosa incumbencia de representar o nosso paiz na Conferencia da Paz, em Versailles.

Os pormenores deste convite acham-se minuciosamente expostos no interessante, infelizmente incompleto, "Diario da Conferencia da Paz", e só publicado em data recente.

É um documento precioso, onde ha trechos curiosissimos.

As impressões de suas entrevistas com Reinach, Clemenceau, Raphael George Levy, Briand, Wilson, Ribot e Millerand são paginas de fina psychologia, pequenas miniaturas escriptas com pincel.

Ha nas memorias este trecho significativo, revelador de honestidade e de patriotismo. “Falou-me Domicio nas vantagens que me seriam feitas. Interrompi-o, dizendo que, embora muito pobre, eu nunca discutiria questões de dinheiro. O que me interessava era a missão, o alto encargo para o qual me chamára a confiança do governo apesar de todos os “drawbacks” por mim apontados. O que elle deliberasse quanto ao lado pecuniario, estava de antemão acceto por mim”.

É interessante uma confidencia de Delfim Moreira sobre Ruy Barbosa. O vice-presidente da Republica, em exercicio, achava que, pelos seus antecedentes, o genial bahiano não seria um elemento de concordia e que finanças e economia não eram objectos de seus estudos especializados...

Lendo o “Diario”, eu me convenci de que Ruy estava com a razão em declarar que o convite recebido fôra transmittido de má vontade e o desejo real do governo era a sua recusa.

Calogeras, ao ser nomeado embaixador do Brasil na Conferencia da Paz, soffreu algumas alfinetadas de Ruy Barbosa, que acabava de recusar, com razão, a chefia da embaixada.

Baptista Pereira, seu genro e o mais brilhante dos seus biographos, explica nas “Directrizes de Ruy Barbosa”, em uma nota, os motivos que determinaram a renúncia. “Ruy, na época, estava sinceramente convencido de que Calogeras era um germanophilo de quatro costados. Não tivera opportunidade de privar com esse grande e luminoso espirito”.

Ignorava que Calogeras, no famoso relatório confidencial, apresentado ao conselheiro Rodrigues Alves, sustentava com calor a politica de franca cooperação com os alliados.

Em 11 de dezembro seguia a bordo do “Vasari” para a Europa. Mais tarde, completada a delegação brasileira, embarcavam os embaixadores Epitacio Pessoa, Raul Fernandes e Rodrigo Octavio.

Descrever a sua actuação neste amphyctionio mundial é tarefa inutil. Calogeras, em magnifico ensaio “O Brasil e a Sociedade das Nações” e, mais detalhadamente, no “Diario da

Conferencia da Paz”, presta contas minuciosas de sua acção. A sua modestia invencível, que o padre Leonel Franca denomina de humildade, não impede que o leitor attento sinta o grande brasileiro tenha escripto, nesta espinhosa missão, uma das mais fulgurantes paginas de sua vida publica.

Foi o verdadeiro leader da Assembléa, ao manifestar a revolta ante a attitude de Clemenceau que excluiu, nas commissões, os representantes dos povos não considerados grandes.

A sua oração, vibrante e pronunciada de improviso, foi demoradamente applaudida pela quasi unanimidade das delegações. O triumpho foi esmagador. As indicações feitas pela Conferencia das potencias de interesses limitados foram homologadas pelo plenario.

Rodrigo Octavio narrou o depoimento do embaixador portuguez Alberto de Oliveira que lhe referira a surpresa e a admiração que causou em todos os delegados a primeira intervenção de Calogeras.

Aos 28 de janeiro completava-se a nossa delegação, e ao Brasil, graças a seus inauditos esforços, cabia entrar na commissão de maior res-

ponsabilidade, que era a da Sociedade das Nações, instituída para concretizar o generoso sonho de Wodrow Wilson: “Os Estados Unidos não entraram na lucta para vencer um povo, e sim, dar victoria á causa da paz”.

Foram valiosos os seus trabalhos para solucionar os problemas que nos interessavam particularmente, como os dos navios allemães e os dos cafés retidos.

Homenageou, em notabilissima allocução, á Belgica. O rei Alberto, em reconhecimento pelos serviços prestados aos pequenos paizes, o convidou pessoalmente, fazendo excepção honrosissima, distincção unica naquelle momento historico, para visitar em character official a nação martyrizada.

Luiz Silveira o acompanhou nesta excursão e em uma interessante pagina de reminiscencias descreveu a sua impressão de assombro ante a prodigiosa cultura do Grande Brasileiro. Em cada cidade ouvia enlevado a “descripção da historia regional, com as minucias e colorido de um dos seus mais velhos habitantes”.

Secretario da Delegação e testemunha fidedigna, narrou, neste primoroso artigo, episodios

significativos como o de que “os seus memoriaes eram rigorosamente apresentados dentro do prazo predeterminado”, facto isolado naquella grande assembléa de homens de todos os quadrantes, em que eram usuaes os pedidos de prorogação.

Affirma ainda a referida testemunha que Wilson e Lloyd George não escondiam a preferencia que davam a Calogeras para o estudo de qualquer thema que exigisse rapida solução.

O discurso, em francez, proferido ao agradecer o banquete que lhe foi offerecido em Paris é um mimo literario, digno de uma anthologia. O “In Memoriam” o reproduziu na integra.

Na Conferencia da Paz, embora não representasse uma grande potencia com interesses immediatos, era, sem favor, figura marcante e a synthese com que o nosso embaixador em Haya condensou o seu “curriculum vitae” poderá ser applicada ao brasileiro que elevou o seu paiz em Versailles. “Estremeceu a patria, viveu no trabalho e não perdeu o ideal”.

O ministro da Agricultura na interinidade Delfim Moreira, dr. Padua Salles, o designa, em



junho de 1919, para chefiar a Missão Commercial á Inglaterra.

Roberto Simonsen, um dos delegados e cuja actuação fôra brilhante, já synthetizou em bello artigo os grandes serviços prestados ao Brasil pelo eminente diplomata nesta phase de sua actividade publica.

Conta-nos, o ilustre engenheiro, que um discurso seu despertou o interesse das organizações industriaes inglezas pelo desenvolvimento da cultura do algodão no Brasil, e trouxe como resultado a vinda ao nosso paiz da missão Arno Peace, e em consequencia os novos rumos de seus serviços.

Visitou innumeradas fabricas e poz-se em contacto com homens representativos da Inglaterra. Realizou uma propaganda intensissima das nossas riquezas e das nossas possibilidades, proferindo discursos e realizando conferencias, como a que pronunciou em inglez perante a Cômmissão Exterior da Camara dos Communs.

Escreveu ainda Roberto Simonsen que Calogeras fôra um dos homens que produziram maior impressão no espirito do rei Jorge V.

Modelo de professor universitario, era da

linhagem dos Herriot, Poincaré, Bourgeois, Nitti, Orlando e Scialoja.

Foi grande diplomata como foi grande parlamentar e grande administrador.

Era estadista de raça.

## O MINISTRO DA GUERRA

“Entre as mais notáveis deficiências de nossos homens públicos, avulta a incompreensão de nossos problemas militares de terra e de mar”, escreveu, em magnífica conferência sobre “As classes armadas”, o inolvidável estadista que, na República, era quasi uma excepção.

Nenhum civil se consagrara aos estudos militares nem assumira attitudes tão destemidas nas discussões sobre a defesa nacional como Calogeras.

Discutindo o Orçamento da guerra na Câmara, demonstrou sempre não só formidável preparo de especialidade como decidido pendor para esse ramo tecnico da alta administração do paiz.

Assistia como deputado ás manobras militares para estudar com segurança os seus orçamentos. Dispunha de optimas relações na classe e contava com o apoio enthusiastico da mocidade,

congregada em torno da revista "A defesa nacional".

Os seus trabalhos de Camara, preciosas monographias referentes a assumptos militares, notadamente os realizados em 1908 e 1913, e o capitulo sobre o "Ministerio da Guerra" inserido no seu extraordinario livro "Problemas de Administração", constituem verdadeiras prelecções que merecem, ainda hoje, ser lidas com proveito nas Escolas Militares, como foram "As guerras napoleonicas" de Thiers e a "Historia das batalhas de Frederico, o Grande" de Carlyle.

Foi, no Parlamento Brasileiro, o maior entusiasta da missão estrangeira e concorreu decisivamente para que se votasse sem demora a lei que autorizou a contractal-a.

Epitacio Pessoa o conheceu de perto em Versailles e depositava tanta confiança na sua argucia, na sua competencia e no seu prestigio, que não hesitou um minuto em lhe passar a chefia da nossa delegação, ao ser eleito presidente da Republica.

Designou-o como o civil que poderia com brilho e energia arcar com as tremendas responsa-

bilidade de gerir, pela primeira vez na República, o Ministerio da Guerra.

Calogeras fôra sempre partidario de um civil na pasta militar.

As funções de commando e de administração, advogava com logica, deveriam ser subdivididas. A primeira, dirigida pelo chefe do Estado Maior, e a segunda, pelo ministro que prepara e fornece os elementos para o primeiro os utilizar technicamente.

Ja este civil de vocação militar realizar no Ministerio a empolgante idéa de transformar o exercito em escola de civismo e o reduzir a ser “o grande silencioso”.

Encarava o problema da reconstrucção militar pelo duplo aspecto do elemento humano e material.

O primeiro, nós o possuíamos e em condições que lhe permittiam, na opinião do general Gamelin, sustentar airoosamente o paralelo com os melhores soldados.

Faltava-nos o segundo. Era preciso resgatar-nos da nossa patente inferioridade de armas e de aquartelamentos.

Auxiliado com efficacia por uma elite de generaes, de notoria competencia, como Malan D'Angrogne, Tasso Fragoso e Candido Rondon, realiza integralmente o seu patriotico programma.

Adversario acerrimo da theoria, prégada pelos velhos e retrogradados officiaes inspirados em Augusto Comte, do "soldado cidadão", combate sem treguas o grande mal da geração anterior que visava preparar philosophos da guerra e não guerreiros.

Procura integrar o exercito na nação e é incessante a sua actividade. Percorre diariamente os quartéis e põe-se em contacto directo com as tropas. De uma pasta acephala faz uma organização. Enfrenta com exito extraordinario os tres grandes problemas militares: o da educação, o do pessoal e o do material.

Reforma radicalmente a instrucção dos quadros e das tropas. Institue a Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes, destinada a completar a instrucção technica de todas as armas. Remodela a do Estado Maior do Exercito e funda escolas de applicação de serviços de saude.

Da cooperação do Estado Maior com a Missão Militar surge um exercito novo. Em seu go-

verno, é creado o Codigo de Organização Judicial e do Processo Militar.

Adquire grande parte dos nossos modernos armamentos, de infantaria e artilharia, assim como os materiaes de engenharia e de ligação. De aviação incipiente, consegue transformal-a, organizando esquadrilhas de aviões, com as aquisições dos de observação, de bombardeio e de caça.

O problema das indústrias militares é enfrentado com tanta clarividencia que constituem as suas realizações um dos seus titulos de gloria. Piquete e Realengo recebem incremento decisivo de sua administração.

Em synthese modelar, descreve o glorioso ministro os motivos que determinavam a enfrentar o problema capital e mais angustioso de seu governo, que é o dos aquartelamentos e cuja concretização é a maior de suas victorias.

“A criação das novas unidades, o augmento dos effectivos de instrucção de outras, as condições precarissimas e até inacreditaveis de muitas casernas antigas, o desenvolvimento do ensino militar, o indispensavel estabelecimento de depositos regionaes, que não existiam e de outros centraes, que eram insufficientissimos; os melhora-

mentos nas installações dos serviços de saude e veterinaria, tudo isso pôz em fóco e em primazia no Exercito o problema dos aquartelamentos, sem os quaes nada vale resolver os do pessoal e os do material”.

Emprehende e intensifica com incrível rapidez a construcção de quartéis em todo o paiz. Conclue cerca de cem obras militares.

Á Companhia Constructora de Santos, fiscalizada pela Directoria de Engenharia do Ministerio da Guerra, são dadas as empreitadas de maior vulto e as de menor ás pequenas empresas.

O general Candido Rondon depõe que o intuito de Calogeras era o de executar o seu vastissimo programma dentro do curto periodo de seu triennio de governo.

Pensava com razão Calogeras, é ainda o illustre general quem affirma, que só conseguiria o seu desideratum confiando os trabalhos a empresas organizadas e de indiscutivel capacidade financeira.

A construcção dos quartéis e a lucta titanica que sustentou para manter a Missão Militar Francaza, de resultados tão beneficos, constituem serviços immorredouros que o sagram, no julgamen-



to de seus concidadãos, o maior dos ministros que exerceram, quer no Imperio e quer na Republica, a pasta da Guerra.

O Brasil começava a possuir um Exercito, quando ha o motim de 22, determinado por duas causas principaes; a posse do presidente eleito Arthur Bernardes e a lamentavel, mas justa prisão do marechal Hermes da Fonseca.

Neste momento historico, Calogeras é o estadista energico e fetichista da lei. Viril, enthusiasma as multidões. O Exercito obedece ao seu evangelho e a ordem é mantida em todo o paiz.

Com serenidade, narra esta phase culminante de sua vida publica: "Suffocando os sentimentos de familia e de amizade, para obedecerem a Lei, impessoal e superior aos individuos, todos os corpos se moveram á voz de commando. Na Escola do Realengo, se achavam filhos, irmãos, parentes dos chefes que iam subjugar pela força esses moços mal aconselhados e illudidos. Nenhuma hesitação se manifestou. Na circumscripção longinqua, o mesmo nobre espectaculo se repetiu, e, surdos aos impulsos affectivos, os officiaes seguiram a combater seus camaradas".

Aos 15 de novembro de 1922, com a força moral intacta, garantia a posse de Arthur Bernardes e retirava-se do governo com as bençãos da nação agradecida. Em cada official do nosso Exercito, deixava um amigo.

## A ULTIMA PHASE

Na politica mineira, o seu grande eleitor era Sabino Barroso.

Vivo, o aristocratico presidente da Camara dos Deputados e antigo chefe das “viuvinhas”, denominação dada em Minas aos companheiros de Silviano Brandão, teria impedido ao seu ostracismo politico que Arthur Bernardes, envenenado pelas intrigas que surgiram após a celebre reunião do Cattete, o condemnou.

Não conseguiu eleger-se deputado federal e o maior dos seus homens publicos tornou-se em Minas um exilado.

Pagina negra, que os politicos profissionaes escreveram em sua historia republicana.

Calogeras empregou a sua actividade como industrial e como jornalista.

Em 1923 embarcou para a Europa afim de estudar a industria de artefactos de cobre. Ad-

quiriu o machinario e contractou os technicos necessarios para a sua installação em S. Bernardo.

Roberto Simonsen conserva em seu precioso archivo as cartas que Calogeras lhe dirigiu da Alemanha. Algumas são verdadeiras monographias e revelam o insuperavel technico que era esse singular homem de governo.

Dirigiu com efficiencia os seus primeiros passos e, em virtude de ser pequeno accionista da empresa que organizara, elle proprio fixou modestamente os seus vencimentos de presidente. Percebia a insignificante quantia de um conto de réis por mez.

Escreveu com assiduidade n' "O Jornal". Os seus artigos, pequeninos e syntheticos, um critico agil os denominava de comprimidos.

Nos valiosos numeros especiaes que Assis Chateaubriand com a sua audacia organizava, Calogeras era o mais prestativo de seus collaboradores.

Reviu e transformou a maravilhosa edição d' "O Jornal" dedicada a Pedro II em um volume da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, obra preciosissima para quem quizer

conhecer a biographia definitiva do saudoso Imperador.

Afastado da politica militante, desenvolveu, de 1926 a 1930, prodigiosa actividade intellectual e tornou-se o apostolo das idéas que concretizadas fariam a grandeza do Brasil.

Proferiu conferencias e escreveu livros, como "Politica Exterior do Imperio", "Problemas de Governo", "Res Nostra" e "Formação Historica do Brasil", que honram a bibliographia de qualquer paiz de alta cultura. Mas não desempenhando cargos publicos, soffria em seu acendrado patriotismo por não possuir os meios de executal-as.

Supportou com serenidade e altivez o seu ostracismo politico. Em suas conferencias e em seus livros não ha uma palavra que traduza uma queixa ou de leve denote o desejo da approximação. Bastava o elogio e os pygmeus envaidecidos do gigante cessariam a conspiração. Mas Calogeras não adulava e detestava os aduladores. A pavorosa injustiça só começou a ser reparada quando, já alquebrado e sem as suas antigas energias, não era o espantelho de outros tempos.

Exerceu, nesta ultima phase de sua vida publica, os cargos de presidente da Sociedade Brasi-

leira de Engenheiros, da Liga Eleitoral Catholica e do Conselho do Mackenzie College.

Victoriosa a revolução de 1930, recusou-se a tomar parte como membro da Junta Governativa, installada para exercer o governo da Republica, como recusara, anteriormente, durante a campanha da "Alliança Liberal", a chefia da Concentração Conservadora, em Minas Geraes.

Esteve integralmente solidario com o povo bandeirante na arrancada gloriosa de 32. Extremecendo S. Paulo, como a sua Minas e Matto Grosso, o espezinhamento da terra de Piratinin-ga, aviltante e prolongado, provocara palavras suas de indignação e de revolta. Calogeras, que nunca distinguiu fronteiras dentro do Brasil, previa o affrouxamento dos laços da unidade nacional e a possibilidade remota da désintegração do Brasil. Esta idéa o apavorava e o germe do separatismo, lançado pelos homens que surgiram com a revolução de 1930, fôra o maior crime que, até então, a ser ver, se perpetrara em nossa terra.

Minas Geraes, que lhe parecia não reconhecer os seus extraordinarios serviços, pela voz de seus politicos, ha muito o accusava injustamente de ter difficultado a ascensão de uma candidatura

mineira, como a de Arthur Bernardes, á presidencia da Republica.

Serenadas as paixões e completamente esclarecidos todos os detalhes daquella celebre reunião por Eпитacio Pessôa, em "Pela Verdade", o presidente de Minas, o seu velho amigo Olegario Maciel, sentiu-se posteriormente á vontade para reparar o grande crime, convidando-o para reformar o systema tributario de seu Estado.

Acceitou, emprehendeu e terminou a tarefa, com o sacrificio de sua saude já bastante alterada e com o maior desinteresse pecuniario.

Minas o elegeu novamente seu representante na Assembléa Constituinte Federal, com a maior votação que um deputado alcançara no Brasil.

Esta manifestação empolgante do povo o recompensou de muitas amarguras, dando-lhe o ensejo de, reconhecido, traçar uma pagina de profundo carinho á terra montanheza.

Gravemente enfermo, amparando-se a um braço amigo e sempre apoiado a uma bengala, mal podia comparecer a uma ou outra sessão da Assembléa.

Inhibido de escrever, ainda conseguiu desenvolver um esforço miraculoso e apresentar algumas emendas referentes a assumptos de mineração.

A lucta que travou o seu cerebro possante com o seu corpo enfraquecido, neste periodo sombrio da vida do Brasil, reproduziu em seu espirito a tragedia dos dramas de Eschylo.

O destino, tão avaro, não lhe permittiu encerrar a sua vida publica com a apposição de sua assignatura á nova Constituição, que prestes ia ser promulgada e era a maior de suas ultimas preocupações.

Aos 21 de abril de 1934, fallecia em Petropolis o grande estadista brasileiro.



## O PUBLICISTA

Historiador, financista, sociologo, economista, geologo, mineralogista, pedagogo e moralista, Calogeras era uma verdadeira encyclopedia.

A sua obra é o resumo de uma bibliotheca inteira sobre o Brasil, e “Res Nostra”, o livro que melhor nos dá idéa de sua cultura polymorpha.

Sem a unidade e a systematização da “Politica Exterior do Imperio”, pela multiplicidade dos conhecimentos revelados, “Res Nostra” é uma obra quasi unica em nossa historia literaria.

Calogeras, psychologo subtil, traçou perfis magistraes de personalidades nossas, como as de Capistrano, Rio Branco, Osorio, Frei Vital, Padre Madureira, Oliveira Lima e Gastão da Cunha, embebidas todas em um largo sentimento de generosidade.

Nesta preciosissima collectanea, com finura e synthese, estudou ainda o fascismo e a Socieda-

de das Nações, as melhores monographias no genero até hoje publicadas em nosso paiz.

Sem ser um especialista, pois integral era a sua cultura, destacou-se como historiador, e Afonso Arinos, o laureado "conteur", observou com acuidade que Calogeras sabia muito mais do que dizia.

Frequentador assiduo de archivos, adoptava como lemma "Pas de documents, pas d'histoire".

Ne Bibliotheca do Itamaraty, decifrou officios secretos redigidos em codigos de outras épocas e, graças a uma paciencia exhaustiva, descobriu, nestes preciosos archivos do Ministerio das Relações Exteriores, a cifra da correspondencia diplomatica relativa ao reconhecimento do Imperio.

O pesquisador Mozart Monteiro nos trouxe o depoimento de que Calogeras "deixou, com a sua propria letra, copia da tradução ao lado do original afim de, mais tarde, se outros se perdessem por esses arcanos, não encontrassem ahi, nesses documentos cifrados, as difficuldades por elle já vencidas."

Engenheiro de minas, examinou a historia do Brasil como geographo.

Alcides Bezerra, o director do Archivo Na-

cional e um dos seus melhores criticos, nos explica como é diferente a historia escripta pelo bacharel da que é elaborada pelo engenheiro. Uma é o complemento da outra.

“Ninguem, com argucia, escreveu o illustre publicista, pôde fugir á influencia da instrucção recebida. Ella incorpora-se ao psychismo. Felizmente a historia patria tem sido tratada por individuos das mais diversas formações espirituaes. Euclides da Cunha, Vicente Licinio Cardoso e Pandiá Calogeras, entre os historiadores nossos, distinguem-se pela visão panoramica que tiveram do meio cosmico. Fizeram historia sem perder de vista a terra, a vida economica, a influencia do meio. São mesologistas”.

O maior dos seus meritos de historiador, segundo meu parecer, é o de ter filiado a historia do Brasil á historia Universal, entrelaçando os acontecimentos. Realizou, integralmente, esse patriotico desideratum com a admiravel Formação Historia do Brasil, que Plinio Barreto proclamou superior ás obras de João Ribeiro e Oliveira Lima.

Esse juizo valioso foi confirmado pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, que

a adoptou, em grande tiragem, como a mais completa das obras no assumpto.

Em Politica Exterior do Imperio, tratado monumental no julgamento dos nossos melhores historiadores, estudou Calogeras, simultaneamente, a nossa politica externa e a interna, devassando horizontes novos.

Em monographias originaes, inseridas nos tres grossos volumes, renovou os estudos sobre o descobrimento do Brasil, a vida de D. João VI, o problema do trafico, o reconhecimento do Imperio, a bacia do Prata, a actuação de Rosas e a questão religiosa.

O primeiro volume é uma geographia economica. O segundo, o "Primeiro Reinado", é a reabilitação do grande brasileiro, que foi Barbacena, desfigurado pela calunnia.

Em todos, é preciosissima a sua contribuição individual.

O encantador epistolographo e critico severo, Alberto Rangel, assim se pronunciou sobre o valor deste grande livro: "Percorrendo essas paginas meço-lhe o solido e vasto saber e avalio o peso do labor que exigiram. Illumina-se o frontão da historia nacional de todo um arco de luz caloge-

reana. A sua penna proba, infatigavel e eruditissima, ajuda a pôr em ordem os nossos annaes e continúa a lanterna de Capistrano.”

Em “Minas do Brasil”, a sua coefferencia pessoal é tambem descomunal, quer como tecnico, quer como historiador.

No empolgante capitulo das entradas e bandeiras, é ainda um dos mestres.

Decifrou e restabeleceu novos roteiros como o de Spinosa em 1553 e conseguiu rehabilitar a figura de D. Rodrigo de Castel Blanco.

Sobre o diamante ninguem escreveu melhor. Não é exaggerada a affirmativa de que se trata de uma maravilhosa monographia.

Melancholico, Capistrano, em artigo publicado no “O Jornal do Commercio”, com o prestigio de sua autoridade e a visão de um propheta, exclamou: “Em qualquer outro paiz a obra envelheceria depressa, porque outros se atirariam a ella. Aqui, onde as “Memorias do districto diamantino”, de Felicio dos Santos, em trinta e seis annos não tiveram segunda edição, o parecer agora apresentado á Camara dos Deputados ficará durante decennios como um marco solitario.”

Djalma Guimarães, o reputado geologo,

attendeu ao appello de Capistrano e durante algumas decadas será novamente obra estavel a formidavel “Minas do Brasil”.

Como financista, é orthodoxo.

Em “La politique monétaire du Brésil”, obra prima e synthese de suas idéas, ha o historico pormenorizado da nossa moeda metallica e fiduciaria, dos bancos, do cambio, das emissões e das nossas multiplas valorizações.

Combate vigorosamente o regime da pluralidade dos bancos emissores e a politica da Caixa de Conversão em 1906, “manifesta como era a dualidade da circulação pela coexistencia do papel inconversivel do Thesouro com as novas emissões conversiveis a cambio fixo”.

Emile Lavasseur, em “Histoire du Commerce de la France”, adoptou integralmente a sua opinião no tocante á influencia de uma moeda depreciada sobre a taxa dos salarios, approvando a critica exhaustiva de Calogeras ás valorizações.

Sociologo, em seus ultimos trabalhos, perfi-lhou a doutrina de Leão XIII, estampada na famosa encyclica “De Rerum Novarum” e ampliada pelo Papa Pio XI em sua recente “Quadragesimo anno”.

Estabeleceu como pedagogo catholico o seu programma, no inquerito de repercussão nacional sobre o problema universitario, em termos claros: — “A escola, em seu complexo, deve formar valores sociaes, ensinar a viver, apparelhar a criança em todas as tendencias da sua psyché.

Umas, póde o Estado satisfazer, na parte referente a letras, artes e sciencias. Outras lhe escapam, pois se filiam ao problema das relações do homem com o Infinito”.

Em “Problemas de Governo” e “Problemas de Administração”, o publicista confunde-se com o patriota.

São obras basicas de organização nacional e roteiros seguros para governantes e particulares.

Revelam o extraordinario estadista que é Calogeras, o maior da Republica no dizer de Plinio Barreto, que analysou a sua producção em oito rodapés do “O Estado de S. Paulo”.

Ao verberar o nosso empirismo desorganizado, em seu relatorio confidencial, que deu a alguns a impressão de pamphleto, produziu o grande pensador a mais vibrante das suas obras.

Calogeras não pertenceu á Academia Brasileira de Letras. Affonso Taunay, no discurso

de saudação a Rodolpho Garcia, estranhou o facto, verberando-o, de tres gigantes do nosso pensamento, como Capistrano, Martim Francisco e Calogeras, não terem sido membros da referida Associação.

E' verdade que Capistrano recusou ser um dos seus fundadores, com a singular declaração de que a unica sociedade a que pertencia, isto mesinò sem ter sido consultado, era a do genero humano, e della não tinha que se louvar.

Mas Calogeras, se fosse instado, como Ramiz Galvão o foi, accitaria o convite e teria enriquecido o patrimonio literario da Academia com a obra immortal que legou aos seus posteros.

Estudando o seu immenso acervo intellectual, verificar-se-á que á sua exclusiva preocupação, em toda a obra, é a idéa de Patria.

“Da primeira á ultima, os titulos cantam, em todos os tons, o Brasil que amou e serviu”.

Da linhagem intellectual de Capistrano, Varnhagen, Oliveira Lima, Joaquim Caetano e Martim Francisco, publicistas de sua predilecção, procurou elevar a sua terra no passado e no presente, traçando directrizes para engrandecel-a no futuro.

Um Brasil-maior era a sua obsessão.



## O TECHINICO

Calogeras era um engenheiro que, com fulgor insuperavel, honrava as tradições da Escola de Ouro Preto.

O brilho de seu curso academico; a sua colaboração na prestigiosa "Revista Brasileira", aos 23 annos dissertando como mestre em problemas de estradas de ferro e de geologia; a série de folhetos e ensaios, alguns de premente actualidade, reproduzidos no "O Jornal do Commercio"; a sua actividade como consultor tecnico da Secretaria da Viação, organizando com Hermilio Alves e Julio Horta Barbosa o plano ferroviario para o Estado de Minas Geraes, fizeram com que, ao eleger-se deputado federal, fosse o seu nome recebido como um authentico representante da classe.

Não houve assumpto tecnico ventilado no casarão da Cadeia Velha em que a ultima palavra não fosse a do representante mineiro.

Vou narrar um facto, que é um indice.

Calogeras discutiu o Tratado de Petropolis, a convite de Rio Branco. Gastão da Cunha fôrá o incumbido da phase contemporanea do litigio e Enéas Martins, o do direito constitucional. Calogeras examinaria a evolução historica e o aspecto geographico, faces do problema de extraordinaria complexidade.

Calogeras accitou o convite de Rio Branco, segundo a sua propria expressão, por uma coquetterie intellectual, pois era corrente na Camara dos Deputados que só em meios especializados poderia ser discutido. Era imprescindivel, dizia-se, a collaboração da chancellaria brasileira.

Calogeras a recusou e não quiz ter com o Barão a minima confidencia. Estudou a sós com os elementos que colheu nas bibliothecas particulares e produziu, como é notorio, um dos trabalhos de character eminentemente technico mais valiosos do Parlamento brasileiro. Associou-se indissoluvelmente ao grande feito.

Alvaro de Sousa Lima compendiou e criticou, em um interessante ensaio, as avançadas idéas e planos de vias ferreas que elaborou como deputado, e exhibiu esse factu significativo de que, já em 1897, Calogeras assignava o "Bul-

letin de l'Association Internationale du Congrès des Chemins de Fer”, uma publicação exclusivamente dedicada aos problemas de estradas de ferro e ainda hoje só manuscada pelos especialistas.

Technico-engenheiro, culmina o seu valor ao escrever “As Minas do Brasil e a sua legislação”.

Pires do Rio analysou em recente estudo a maior obra de Calogeras com rara proficencia de geologo.

“Do começo ao fim, diz o seu illustre collega, os tres volumes registam a independencia e originalidade do pensamento que os dictou, sem forçar a interpretação dos factos, mas esclarecendo a discussão por trazel-a ao terreno da sciencia positiva, da moderna technica do engenheiro”.

Censurando a Hedberg ou a Camara, a Eschwege ou a Varnhagen, estudando a electrosiderurgia ou a industria carbonifera, Calogeras tornou-se em geologia o “primus inter pares”.

Um dos capitulos mais interessantes dessa obra é o referente á crise do professorado nos institutos profissionaes. Patriota exaltado, Calogeras não concordava com o jacobinismo vesgo de exigir na certidão de nacionalidade do profes-

sor o unico criterio para preenchimento dos lugares de educadores das novas gerações. Pleiteava que se contractassem allures scientistas de valor para collaborar comnosco na formação dos corpos technicos.

É uma pagina de critica vigorosa á decadencia do ensino superior no Brasil.

Ministro, não mandava, fazia.

Baptista Pereira, ao prefaciari o “Res Nossa”, descreve o episodio de que “muitas vezes, nos arsenaes ou officinas, os operarios, que concertavam ou installavam machinas, eram sorprendidos por um contra-mestre desconhecido que lhes apressava, ensinava e partilhava dos trabalhos. A blusa occasional não conseguia dissimular aquelle estranho operario, cujo ascendente immediato, feito de saber e de experiencia, todos sentiam. É o ministro — corria de bocca em bocca. E era realmente.”

Quando o Brasil aceitou o estado de guerra que lhe impôz a Allemanha, as nossas classes armadas não dispunham de munições. Não possuíam cintas para as granadas, que eram compradas dos Estados Unidos, e as importações estavam suspensas.

Incapacitado o arsenal de guerra, Calogeras aventou a idéa de ser utilizada a Casa da Moeda, iniciativa classificada de irrisoria pelos ministros da Guerra e da Marinha.

Resolve o gestor da pasta das Finanças dar-lhes uma lição de technica militar.

Dirige pessoalmente o serviço. Sem paletó, de ferramenta em punho, chegava pela manhã ao estabelecimento e voltava á tarde. Retirava-se sómente ás 11 horas da noite.

A sua victoria foi completa e de grande repercussão nos meios militares. Conseguiu pela primeira vez na America do Sul laminar-se cobre em vergas.

Exhibida de surpresa a lamina de um metro para cintas na mesa dos despachos, teve Calogeras um dos seus dias de gloria.

Memoravel foi o seu triumpho profissional, navegando os ex-navios allemães. Esse facto deixou attonitô o ministro da Marinha, que não acreditava no exito e repetidas vezes dissera a Calogeras tratar-se de uma aventura, comprometedora de seu nome profissional.

Tive a fortuna de assistir a duas extraordinarias prelecções do grande brasileiro, em circumstancias especialissimas.

Uma, em S. Bernardo, na fabrica Conac, em companhia de Luiz Cintra do Prado. A outra, com Ary Torres, no Gabinete de Resistencia dos Materiaes, da Escola Polytechnica de São Paulo.

Na primeira, Calogeras dissertou sobre a industria de fios para conducção de electricidade. Na segunda, sobre cimentos e as possibilidades dos nossos calcareos.

Figuras de relevo do magisterio superior, Luiz Cintra do Prado e Ary Torres, em chronicas de reminiscencias, descreveram a magnifica impressão que lhes causaram a memoria e a erudição de Calogeras.

O nosso assombro attingira ao auge por ter o sabio brasileiro, na mesma época, realizado tres extraordinarias conferencias, de especialidades diversas: na Faculdade de Direito, sobre "As directrices internacionaes do Brasil"; no Instituto Historico, sobre "Os meios de communicação do Brasil", e na Escola Polytechnica de S. Paulo, sobre "A theoria de Wegner e a formação dos con-

tinentes”, que exigiu grande numero de mappas e diagrammas, por elle proprio executados.

Esta ultima prelecção acha-se archivada nos annaes da Revista do Gremio Polytechnico.

Enthusiasmado pelo brilho e exactidão desses trabalhos, a radiosa intelligencia de Luiz Cintra do Prado o definiu: pensador fielmente enamorado da verdade.

A Escola de Engenharia Mackenzie, em reconhecimento aos inolvidaveis serviços que Calogeras prestou á sua profissão, instituiu, para o alumno que melhor se distinguisse em todo o curso, o premio “Pandiá Calogeras”.

Fôra impossivel encontrar melhor patrono. São Paulo fez justiça a um filho de outro Estado e demonstrou de maneira irrefragavel os seus sentimentos de brasilidade.





## O ESTADISTA

Em uma de suas prelecções de brasilidade, Calogeras doutrinava que para saber governar é necessario que o espirito de detalhe se transforme em uma vasta capacidade synthetica.

O grande republico possuia o espirito analytico e minucioso.

Lia e annotava todos os relatorios de governos federaes e estaduaes e os de empresas particulares. Informava-se dos minimos detalhes e, sobre qualquer assumpto que estudava, adquiria aquella technicidade, que serve de mófa aos homens de apoucada cultura. Mas, como era profundamente intelligente, o detalhe desaparecia para surgir a synthese do homem de Estado, com a superior visão que sempre foi o apanagio de seu espirito.

As qualidades que exigia para um verdadeiro homem publico como intellectualidade, desprendimento, coherencia, valia moral, sinceridade re-

ligiosa no sentir e predomínio absoluto do ponto-de-vista colectivo, ninguém no Brasil, salvo algumas excepções, as possuía com o fulgor do proprio Calogeras.

Administrava, agindo. Não se contentava em mandar.

“Via, ensinava, executava e concluía”. Era a contribuição do tecnico ao estadista.

O homem de gabinete só era inferior ao homem de acção.

O pensador só era superado pelo realizador.

A sciencia era o meio. A arte da administração, a finalidade precípua.

Os livros que escreveu sobre “Problemas de governo”, “Minas do Brasil” e “Problemas de Administração”, cheios de sciência e com uncção patriótica, estudam as nossas questões do ponto-de-vista governamental, em função do Estado.

Debatendo os problemas de ensino, que conhecia como verdadeiro tecnico, revelava-se mais estadista do que pedagogo.

“Roteiro nacional” é a definição lapidar do professor Hermes Lima á sua gigantesca obra de pensamento e de acção. Ninguém a definiu melhor.

O famoso relatório confidencial apresentado ao conselheiro Rodrigues Alves é um compendio de civismo, cuja leitura deveria ser obrigatoria aos homens que tratam de coisas publicas.

É o appello angustioso e de evidencia solar para que os postos de administração sejam confiados a homens de saber e de character comprovados.

A leitura desta obra utilissima e a analyse conscienciosa da administração do glorioso sabio nas pastas da Agricultura, da Fazenda e da Guerra reduzem a theoria dos “não preparados”, posta em voga para combater o genial Ruy Barbosa, em fumo que se dissipa nos ares.

Estava apto para exercer com o mesmo brilhantismo qualquer das pastas ministeriaes. Era o tecnico da politica que, no dizer de Salles Junior, é differente das outras artes e habilitações, e só se adquire pelo estudo e tirocinio dos negocios publicos.

Calogeras foi um dos nossos raros administradores que escreveram os seus relatorios com o proprio punho.

Dignos dos estadistas inglezes, não eram um

amontoado de exposições escriptas pelos respectivos directores do Ministerio.

Esse processo de apresentar idéas alheias como proprias foi usado por innumerous secretarios de fama injustificavel.

Calogeras exceptuava-se. Era probo e conhecia os problemas do Brasil.

Como parlamentar e como publicista, foi um sementeiro de idéas.

Realizou-as em grande parte, quando governo.

Em muitas, transigiu. Os problemas de caracter geral estudados com orthodoxia, muitas vezes, offerecem soluções differentes na pratica.

Quem já exerceu funcções publicas sabe que os programmas previamente annunciados são encenações.

Politica, arte de governar o Estado, é, no conceito do pensador allemão Schafle, a de guiar todas as tendencias sociaes divergentes, imprimindo-lhes novas direcções, communs e medias, com a minima resistencia collectiva e a minima perda de forças.

As suas idéas de repulsa ás emissões de papel moeda e ás doutrinas de proteccionismo foram

sensivelmente modificadas pelas injuncções do momento.

Tinha horror á burocracia e era inimigo feroz do papelorio.

Calogeras deixou os postos de governo com a convicção enraigada de que o factor principal na administração era o de homens e não o das leis. Era inutil executar qualquer plano si faltasse ao funcionario a noção do dever. Pediu e exclamou sempre: Homens e não sombras.

A caracteristica essencial da sua obra é a intangibilidade do dogma da unidade nacional. Os nossos politicos são paulistas, mineiros, pernambucanos, bahianos e riograndenses. Rarissimos os brasileiros. Calogeras é uma das gloriosas excepções.

Operoso e culto, não pertencia á Comissão de Finanças da Camara dos Deputados. O criterio de sua composição é o regional e os seus pares o consideravam homem nacional.

Esse extraordinario homem publico, no dizer do ensaista Azevedo Amaral, “nasceu algumas dezenas de anno adiantado do tempo em que a sua personalidade vigorosa e o seu espirito cons-

tractor poderiam representar no Brasil um papel, que a ambiencia dos seus dias não comportava”.

Calogeras não foi bem compreendido em seu meio.

Foi um apóstolo, quando deveria ter sido o presidente da Republica.

## O HOMEM

Calogeras era um bom. De vida purissima, não commentava e nem censurava a má conducta alheia.

Foi marido exemplar, como poucos. Raramente sahia de casa, mas as suas visitas e passeios eram impreterivelmente realizados em companhia da esposa.

Dona Elisa tinha as primicias da leitura de todos os seus trabalhos, assim como a primeira dedicatória de todos os seus livros.

Na “Imitação de Christo”, que Calogeras offertou á sua amantissima companheira, encontram-se pensamentos que bem revelam a delicadeza de sua alma e a felicidade desse casal.

Offereceu-lhe o primeiro exemplar das “Minas do Brasil”, com as palavras carinhosas: “*Á ma femme bien aimée, ma consolatrice dans les moments sombres dans la vie, ma compagne fidèle dans la joie et dans la tristesse, souvenir d’infini*”

devouement et de reconnaissance sans bornes de son Johny.”

O casal Calogeras lembrava pela união o de Clovis Bevilacqua.

Profundamente affectivo, era de uma sensibilidade feminina para com os parentes e amigos.

Conviveu, disse elle, durante quarenta e tres annos, com Capistrano, sem uma nuvem e sem um desfallecimento. A Alberto Rangel, que se achava em Paris, escrevia, em 1919, o grande historiadore: “Ahi está Calogeras e V. poderá ficar conhecendo-o de perto. Com certeza V., como eu, não respira a gosto o budum official; mas Calogeras permite uma excepção: é bom, intelligente, talvez illustrado de mais”.

Sendo um gigante intellectual, teve amigos do melhor quilate. A sua casa era frequentada pelos maiores homens do nosso paiz. Lá se reuniam os sabedores e os apaixonados da nossa historia.

Eram seus intimos, Capistrano de Abreu, Martim Francisco, Leopoldo de Bulhões, Pires Brandão, Francisco Sá, Arrojado Lisboa, Tavares de Lyra, Domicio da Gama, Candido Rondon, Malan D'Angrogne, todos homens de grande cultura



e que traziam como divisa a de Rio Branco, “ubi-que patriae memor”.

Manteve relações fraternas com os Jesuitas Leonel Franca e José Manoel Madureira. Este o converteu ao catholicismo.

Conta-se que Pires Brandão, o idolo da sociedade carioca, notavel caudico e fino causeur, que dedicava a Calogeras grande affeição, quando queria taxar alguém de incorrecto ou maldoso, costumava dizer: “Fulano não presta: chega até o ponto de falar mal do Calogeràs”. Era a suprema injustiça: a sua alma tinha para os que o conheciam na intimidade a pureza do arminho.

Calogeras era muito cuidadoso com a sua correspondencia particular. Não possuia o defeito de que se incriminava em David Campista: o de não responder as cartas.

Copiava até as respostas e guardava, fichadas, todas as que recebia. Ha pouco, a sua distinctissima Viuva me devolveu as duas centenas de missivas que lhe enviei. . .

Calogeras tinha a paixão da leitura. Dizia-me que eu o encontraria sempre com a penna ou o livro na mão. Era a nevrose do trabalho, diagnosticada pelos criticos. Explica-se, assim, que

um homem de vida regrada, sem vícios e detestando os prazeres mundanos, succumbisse aos sessenta e tres annos de idade.

Tendo dedicado os ultimos annos de sua existencia á elaboração da “Politica Exterior do Imperio”, obra em quatro alentados tomos, quiz, apesar da prohibição de seu medico assistente, publicar o terceiro volume “Da Regencia á queda de Rosas”. O ultimo capitulo, referente ao tyranno argentino, foi escripto com extraordinaria difficuldade material, guardando o leito e redigindo apenas uma pagina em cada dia. Calogeras temia o seu desaparecimento sem cumprir esse dever para com o publico. “Morro sem realizar todas as minhas finalidades por excesso de trabalho”, escreve-me em carta com pessimismo e desalento.

Conseguiu ver realizado o seu desejo. “Dei parte de minha vida” disse-me logo em outra. A sua saude não supportou esse immenso sacrificio.

Calogeras era um temperamento artistico. Apaixonado pela musica, frequentava assiduamente os concertos symphonicos. Apreciava os allemães Beethoven e Wagner. Em seus oratorios, cantatas e fugas, Bach e Handel eram os predilectos. Dos modernos, os russos e não des-

denhava Berlioz. “Damnação de Fausto” era uma das operas preferidas.

Em pintura, o exímio Navarro da Costa descreveu o seu assombro ao assistir Calogeras dissertar como mestre na famosa Pinacotheca de Munich sobre as mais variadas télas. Dizia o grande pintor que, ouvindo-o, se sentiu, muitas vezes, mal ferido em sua muito legitima vaidade de artista culto.

Conhecia profundamente as melhores obras do Theatro Francez. Em 1926, Baptista Pereira o visitou no Hotel Terminus. A palestra só versou sobre peças de autores francezes, antigos e modernos, e durou cerca de tres horas. A sua impressão foi a de espanto ante a cultura e a maravilhosa memoria de Calogeras, que reproduziu, com notavel precisão, innumerous trechos de cór.

A sua retentiva rivalizava-se com a de um Scaligero e a de um Macaulay.

Como o Cardeal Mezzofante, era pasmosa a sua facilidade para conhecer os segredos e os modismos dos idiomas estrangeiros.

O francez lhe era tão familiar como o portuguez. A sua obra “La politique monétaire du Brésil”, apesar da aridez do assumpto versado, é

vasada em estylo leve. Em francez foram escriptos os seus primeiros trabalhos technicos e o commovente livro de confissões, “Ascensões d’Alma”.

O original da sua extraordinaria obra didactica “A Formação Historica do Brasil”, foi re-digida em inglez, com a visão de um sociologo, para que os estudantes norte-americanos melhor pudessem comprehender o Brasil.

Calogeras não teve a opportunidade de publicar obra alguma em allemão, italiano e hespanhol, mas falava e escrevia correntemente os idiomas de Goethe, Dante e Cervantes. Em S. Bernardo, os seus dialogos com os technicos eram tratados em allemão. Conhecia o grego antigo e manejava com alguma facilidade o moderno, que lhe foi ensinado por seu Pae. A sua paixão, adquirida na meninice e conservada até os ultimos annos de sua vida, era, entretanto, a do latim, cujo manuseio constante lhe trêe o estylo caracteristico. Calogeras foi um dos nossos grandes latinistas. Horacio, um dos seus autores predilectos. Rezava em latim. O Missale Romanum, o seu livro de cabeceira. Res Nostra foi o titulo escolhido para uma das suas melhores obras. Contou-

me Fernando Azevedo que, proferindo uma conferencia na Escola Normal de S. Paulo sobre as vantagens do ensino de latim, a primeira carta de applausos que recebeu foi a do ministro da Guerra que, nessa época, não o conhecia pessoalmente.

Para mestre Capistrano traduziu trechos de pessimo latim judiciario e em todos os seus documentos, até mesmo em suas cartas particulares, jamais deixava de escrever um pensamento no idioma de Cicero.

O seu nome como historiador do Brasil não se desmerece ao lado de Capistrano e em geographia não pede meças a Arrojado Lisboa, o grande conhecedor do-nosso hinterland.

Em Historia Universal, a somma dos conhecimentos revelados nesta formidavel Politica Exterior do Imperio confirma a sua prodigiosa cultura e a veracidade das doutrinas de atavismo.

De geologia, mecanica, metallurgia e minera-logia é mestre acatado em sua monumental obra "Minas do Brasil".

Como poucos, conhecia "Resistencia dos materiaes". Ary Torres sentiu-se maravilhado ao recebê-lo em seu Laboratorio, na Escola Polytechnica.

Applicou os seus estudos de philosophia á Historia e á Religião. Divulgada a sua correspondencia inedita com o Padre Madureira, surgirá o theologo.

Criticos de microscopios fizeram restricções ao seu estylo. Calogeras, realmente, abusava dos periodos syntheticos e da ordem indirecta. Não é escriptor popular e os assumptos versados só poderão ser apreciados por uma reduzida elite de estudiosos. Mas concordo, plenamente, com a these irrespondivel de Alcides Bezerra. “Não ha escriptor de valor que não tenha estylo. O estylo de Calogeras consistia sobretudo nesse soberano desdem pelos arrebiques da forma literaria, e em que tanto se comprazem os que têm pouco que dizer e muito tempo para o lavor. Diante das canteiras de nossa historia, preferiu arrancar os grandes blocos para a construcção de um edificio cyclopi-co a tomar somente um delles para o trabalho do desbastamento e da estatuaria.

Não se peça aos desbravadores esse mister somenos dos epigonos, especializados na feitura de pequenos quadros e no afan muito menos penoso do polimento”.

Esquecem ainda esses criticos impiedosos que Calogeras, homem de acção, escreveu uns sessenta volumes. . .

O intellectual que Orville Derby considerava o mais culto do Brasil, era de uma modestia quasi doentia. Todos os seus amigos a attestam.

Relendo as suas cartas intimas ao Padre Madureira, que se acham em meu poder e as conservarei como reliquias preciosas, observo quanto era realmente humilde o homem privilegiado que no seculo se chamou João Pandiá Calogeras.

Instado para prefaciar a importante obra sobre os Jesuitas do illustre discipulo de Santo Ignacio, neste longo trecho, sem inveja e com humildade, responde: “No Dies irae”, o peccador attribulado, com a visão de suas culpas e de seus erros, exclama:

*Quid sum miser, tunc dicturus*

*Quem patronum rogaturus*

*Cum vix justus sit securus.*

É meu sentimento proprio ao lêr seu pedido, bondoso e indulgente mais do que justo, de dizer de seu livro. Quem sou eu para apreciar obra

alheia, eu que tão mal sei julgar as próprias a ponto de lhes consentir apparecerem!...

Só poderia salientar o ambiente de desconhecimento generalizado em que a Sociedade de Jesus tem crescido e prestado seus admiraveis serviços, mostrar mais uma vez que elles são os grandes calumniados da Historia. Citarei meu proprio caso, confessando ignorar, mais do que devera, o *Ratio Studiorum*, o que me impediu, em varios pontos, de ser justo na minha apreciação de 1911. Terei de sublinhar o grave erro historico de apreciar e parcialmente condemnar a obra pedagogica de Santo Ignacio, á luz das idéas dos seculos XIX e XX, e para isso restituiria os planos de 1599 ao tempo e ao meio em que foram formulados e postos em pratica.

Tudo isso é pouco, pouquissimo, e seu livro merece muito mais, e de espirito mais autorizado que o meu.

Comprehendo e louvo que nosso grande Capistrano fale. Elle é verdadeiro pontifice nessas cousas. Mas eu? Santo Deus, como sinto e lealmente confesso minha pequenez! Domine, nom sum dignus.



Si o Amigo exigir, obedecerei á sua ordem, por amor e respeito á obediencia, e para mortificar minha vaidade; certo, porém, de que não me julgo idoneo nem preparado para tal missão.

Creia que, com grande prazer, estou a seu dispôr para revisões e outros trabalhos do mesmo quilate. Mas julgar!... Eu que só sei e lamento quanto ignoro!"...

Privei-me em sua intimidade e conheci alguns de seus julgamentos sobre homens e cousas. Dou o meu testemunho de que, espirito de raro equilibrio, eram-lhe quasi indifferentes a detracção e o elogio recebidos.

Si não reconhecia meritos nos livros que o procuravam elevar, era incapaz de uma inverdade. Está, pois, justificada a sua categorica declaração a Gastão da Cunha :“Toda a minha correspondencia poderá vir a publico. Nunca menti”.

Os seus detractores não lhe podendo negar a sua formidavel cultura, o acoimavam com perversidade de millionario. Em 1930, assim me escrevia ao receber a communicacão de que os seus amigos de São Paulo iriam imprimir o “Res Nostra”; “Obrigadissimo pela generosa e delicada lembrança de reimprimirem trabalhos meus espar-

sos. De facto, não o poderia eu pessoalmente fazer; ha um anno que não trabalho; a minha vida material exige de minha parte cuidadoso regime, para não seguir o exemplo do Brasil, a luctar com os “deficits”. Sensibilizou-me, portanto, muito fundo o não desapparecerem, na duração ephemera das folhas diarias, alguns trabalhos em que puz o melhor que suppunha saber sobre uns quantos assumptos. Agradeço a todos os amigos essa nobre lembrança. Claro que o livro que dahi resultar pertence a esses amigos”.

Desprovido de bens materiaes, mas rico de idealismo, e com a idéa fixa no Brasil, offerencia o seu labôr inteiro á terra estremecida.

Intelligentissimo, trabalhador e economico, não conseguiu accumular riquezas.

Nasceu exclusivamente para servir á causa publica.

Calogeras viveu e morreu pobre.

## O CHRISTÃO

Calogeras, pertencente a uma familia de gregos scismaticos, foi baptisado na religião de seus paes. A sua conversão ao catholicismo, que professou nos ultimos sete annos de sua vida, deveu com a graça divina aos esforços e aos talentos do padre Madureira, da Companhia de Jesus.

De julho de 1926 a julho de 1928, Calogeras trocou com este grande apóstolo da Ordem de Santo Ignacio uma série de cartas eruditas, procurando delir todas as duvidas religiosas, notadamente a da existencia real na Communhão.

Escriptas com alma, sem um artificio, confundindo-se com a propria verdade, constituem esses documentos um manancial precioso para photographar o verdadeiro Calogeras: sabio e santo.

Transcrevendo alguns trechos desta correspondencia não conhecida, outro objectivo não me anima sinão o de evidenciar que a sua conversão

foi consciente e só attingiu á fé absoluta pelo raciocinio e pela logica.

De seus ineditos, o brilhantissimo padre Leonel Franca, com o intuito de levar ás consciencias um raio de luz e o estimulo para serem melhores, já divulgou essa encantadora e suave prece “Ascensões d’Alma”, redigida quando já integrado na posse completa da verdade religiosa.

O notavel jesuita, autor da “Psychologia da Fé”, commentando-a, com a autoridade da sua penna, escreveu no “In Memoriam” o mais emotivo de seus trabalhos. No dizer do padre Madureira, ha nesta oração pensamentos dignos de Santo Agostinho.

É desnecessaria, pois, qualquer palavra sobre o valor desta lição de humildade e de fé religiosa.

Citarei apenas o depoimento de um paulista illustre. Convertido á Igreja de Roma, Pedro de Toledo proclamou esta verdade: neste mundo, em que se contam por legiões as almas mortas, Calogeras tornou-se digno de um altar.

É a impressão que tambem nos dá o manuseio deste thesouro, que é a sua correspondencia intima. Será a minha unica fonte.

Calogeras conheceu o padre Madureira por intermedio de Capistrano, que lhe remettera provas para leitura do notavel trabalho sobre a Companhia de Jesus.

Apressou o grande escriptor, em sua primeira carta, em lhe dizer: “Percorri-as com a mais viva curiosidade, e fiquei penhoradissimo com sua exclusiva bondade para commigo. *Non sum dignus, Domine*, repito humilde e convencidamente. Certas reservas e correccões feitas a meu opusculo pelo Am.º, são, em grande parte, devidas á divergencia dos pontos de vista. O amigo escreve sob o aspecto confissional. Eu rabisquei do angulo de visão de homem do governo, neutro em assumpto religioso. Dahi, conclusões algo distinctas.

*Reconheço, aliás, que na minha brochura não fui bastante claro.*

Acontece que, recentemente, tive de abordar o problema, para estudar as chamadas *Emendas religiosas*, offerecidas á Constituição e creio ter ahi deixado um pensamento menos confuso. Remetto-lhe um exemplar do artigo que escrevi em 24 de outubro de 25, afim de lhe mostrar que não estamos tão separados quanto poderia parecer.

Além do que, certas observações minhas são relativas a methodos pedagogicos”.

Logo a seguir, confessando-se admirador dos jesuitas, estranhava que se exaltasse Anchieta e se olvidasse Manuel da Nobrega. Estadista e não crente, opinava: “Tenho, pelo primeiro, a veneração que merece um homem que talvez venha a ser canonisado por suas virtudes e por seus feitos. Pelo segundo, nutro a admiração a que fazem jús o cerebro politico, a administração arguta e energica, a visão quasi prophetica do primeiro chefe da léva que aportou ao Brasil com Thomé de Sousa. E é esse sentimento historico que me causa magua em ver Nobrega olvidado.

No monumento que o Brasil deve aos jesuitas, eu veria a Nobrega como figura central; ao *ermão Joseph*, como acolyto; e aos admiraveis Luiz da Grã, Francisco Pinto, Aspilcueta Navarro e tantos outros, em baixos relevos, abaixo do primeiro. A Vieira eu collocaria no grupo principal, subordinado tambem a Nobrega.

Como sabe, *veritas prævalebit* e ha de chegar o dia em que essa divida será paga aos formadores mentaes e religiosos de nossa terra.”

Revido as provas, accentuava modestamente: “Obvio que o farei do ponto de vista typographic, pois longe de ser mestre em pedagogia, nem sequer sou bom alumno: apenas um espirito curioso, ao qual interessa fundamente toda a obra divina da Creação.”

Em seguida, agradecia o prazer que lhe proporcionava o esclarecimento de tantas duvidas e não se pejava em confessar: “Do *Ratio studiorum* tinha noção imperfeitissima; certos pontos eu desconhecia por completo. Fez-se bastante luz, após o attento estudo que acabo de realizar com as provas.”

Insistia novamente em declarar que continuava a lucrar e a aprender com a leitura: “Assim, na questão da *iniciativa*, na da *uniformidade do typo* mental, tinha eu idéas falsas em alguns pontos e a *latere* em outros. Seu trabalho depurou meu conceito anterior. Ha certos trechos, entretanto, em que divergimos um pouco. Não tenho Boehmer e menos ainda Monod, como adversarios systematicos da S. J. Acho até em ambos largo esforço liberal por bem entenderem a Ordem e lhe tributarem louvores. De outro ponto de vista, mas que explana o que sinto e traduz

um pouco o que quero, elles representam, protestantes embora, o papel que os soberanos antigos queriam ter na igreja: bispos de fóra. Em Monod, especialmente, a sympathia pelos jesuitas é evidente”.

Ao agradecer os votos ardentes de felicidades do padre Madureira que, aos tres S pedidos pelo escolastico belga da Companhia, São João Berchmans — saude, sciencia e santidade — acrescentava outras letras, respondia Calogeras com sinceridade e altivez: “Das letras que me deseja, e que tanto bem me fariam si eu as possuísse, estão ausentes algumas de que tambem precisaria, taes como caridade maior para o proximo, humildade maior pelo nada que sou.

Das que me faltam, segundo sua bondosa carta, creio que não experimento sacrificio. A riqueza, á fé de Deus, nunca me tentou e por isso nenhum merito tenho em nada ter feito por conquistar-a de modo escuso ou mesmo por trabalho de mero proveito material. Os Ministerios, eu os conto como os periodos de maior provação de minha vida, pelo muito que procurei fazer e pelo pouco que consegui, pelo muito que me fez soffrer a injustiça dos homens, deturpando e calum-



niando meus mais puros esforços. Soffrimentos Moraes terríveis, que offereci ao Senhor. Das bajulações sempre tive horror e dó: basta dizer-lhe que nunca os bajuladores tiveram junto a mim outro acesso sinão o que me impunham as necessidades do serviço publico. Nunca insistiram e nunca lhes dei entrada no circulo de minhas amizades. Não é orgulho, sim sentimento de mal-estar. Nem odio ou desamor, pois óro diariamente por aquelles que me querem mal e, eu mesmo, a ninguem quero mal.”

Desejava o padre Madureira obter algumas linhas de Capistrano para o seu livro e pedia a intercessão de Calogeras.

Ouçamos a resposta, de valor tão significativo: “Ao Capistrano, que vejo quasi diariamente, falarei novamente sobre seu desejo, e com elle insistirei para que não deixe de corresponder ao appello. Nosso amigo é avesso a escrever, e acha desvalioso quanto lhe sae da penna. Esse feitio, com a idade, vae se tornando dominante. Já me disse que nada escreveria, que o estimava muito, e que sua collaboração fôra uma prova de muito apreço em que o tem; mas que *escrever* era impossivel, pois, suas conyicções proprias differiam mui-

to das do Am.º e que, si a probidade scientifica lhe permittia a revisão, as convicções não consentiriam approvar tudo quanto está no livro. Respondi-lhe que, em poucas linhas, poderia alludir ás divergencias, mas salientar as concordancias com mais extensão. Voltarei ao assumpto, e espero convencel-o. É elle 'uma das almas mais nobres, mais altas, mais sensiveis, que conheço. Diz-se atheu, mas parece impossivel que tanta bondade e tanta elevação se não baseiem em um fundo latente e inconfessado de ideal. Não sei como elle o quereria denominar, mas, para mim, tenho que esse Ideal Superior é Deus, innominado mas presente”.

Convidado com insistencia para assistir ao retiro recluso de fevereiro em Friburgo, Calogeras escreve uma bellissima carta. Ha trechos edificantes como esse: “Sou e sempre fui um timido, um solitario. Procuo systematicamente, não por affectação, mas por indole intima, posições sem evidencia. Dellas, só forçado me tenho separado. Sou pouco praticante, si bem que ore manhã e noite, pelo menos. Faço-o, entretanto, como ensinou o Mestre: “Tu au-

tem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, et clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito...”

Faço-o, não como exercício mnemonico ou gymnastica labial, mas pondo toda a minha alma na minha communhão com o Senhor. Erro, insufficiente instrucção, talvez; mas, certamente, fruto directo da intensissima vida interior que me guia a existencia. Tão intensa, tão terrivelmente presente e operante, que nunca me defendi de accusações, *veritas prævalebit*, e nunca me prendi pelas apreciações humanas. Não por orgulho que não creio ter, mas por sentir e saber que minhas vozes interiores tinham outro peso, outra severidade e outras sancções Moraes do que as mesquinhas censuras epidermicas das paixões do dia.

Quantas vezes, inversamente, applaudindo-me estas, em meu intimo me senti culpado e me penitenciei !...

Como vê o Amigo, sou insensivel ao chamado respeito humano, covardia moral, quando não calculo de conveniencias.

Sou, por convicção, um isolado e um mudo. O que d’ahi me advem do soffrimento, offereço a Deus em resgate de minhas culpas”.

Faz em seguida a descripção do meio religioso e moral em que nasceu e foi baptisado, acrescentando: “Muitas vezes, criança, procurei saber a differença entre as duas religiões, e, sempre na minha familia, me responderam ser quasi nulla: a questão da supremacia papal, o modo de fazer o pelo signal, a autoridade dos padres da igreja. Mais tarde, crescendo e procurando comprehender, é que pude verificar os factos”.

Profundamente erudito, nos dá esta magnifica lição de historia religiosa: “Ignorante como sou em theologia, não posso nem tento entrar nas discussões do *omoios* e do *omousios*; e nos fundamentos da recusa de aceitar o *filioque* do Crédo. Apenas, como amator das coisas historicas, posso procurar entrever razões no plano historico, para comprehender os empecilhos que sempre fizeram mallograr os esforços de reunião: a questão de disciplina, que, das tres primeiras sédes patriarchaes, Alexandria, Antiochia e Roma, deu o primado a esta; a questão dogmatica referente ao Espírito Santo, ou o caso do *filioque*.”

E desse ponto de vista, puramente humano, é certo, não tive como desconhecer que o espirito argumentador e chicanista dos sophistas gregos

tinha continuado a animar esses theologos natos que são os orientaes, emquanto nos latinos perduravam a clareza e a simplicidade do pensamento romano. Como consequencia, as disputas sem fim dos concilios e de outras assembléas ecclesiasticas e os triumphos do Nestorianismo e dos Monophysitas que enfraqueceram, respectivamente, em sua acção politica e religiosa as sédes de Antiochia e de Alexandria. Avultava Roma, á qual, aliás, mais tarde Constantinopla prestou homenagem. Repito ainda: era ponto de vista humano, e não religioso, mas que me levava a concluir pela supremacia occidental.

Quanto ao *filioque*, era ainda grave manifestação do velho conflicto de autoridade — o papa cabeça da Igreja, ou o parlamentarismo episcopal a que só o concilio do Vaticano poz termo em 1870.

Note que não entro na parte dogmatica, por minha evidente incompetencia. Fere-me o espirito o lado digamos disciplinar: a noção e a modalidade da autoridade. Desde que, passados os primeiros tempos da Igreja primitiva, se fez sentir a necessidade de organização no seio da massa crescente dos fieis, as soluções foram identi-

cas: dioceses, sés patriarchaes, concentração da fonte disciplinar em numero limitado de cabeças. Das tres capitaes iniciaes, *duas* vão caminhando para o occaso, enquanto a outra, liberta da tutela imperial, e regida por grandes bispos, mantém a pureza da fé e o prestigio espiritual. Surge o novo patriarchado em Constantinopla, sob a pressão dos *basileis* que chegaram a fazer martyres de muitos patriarchas. Muitos foram heróes, martyres, mas nem a todos coube tal excellencia. Isto, cessões compulsorias, a religião cahida em *questão do Estado*, turbas fanaticas, etc. tudo explica a paralyzação relativa do espirito verdadeiramente religioso que deu lugar ás agitações externas, de que, na *iconoclasia*, temos a manifestação mais ruidosa e mais séria.

O primado romano, que do ponto de vista puramente humano, surgiu da propria historia e se affirmava cada vez mais pujante por sua sequencia, sua fidelidade dogmatica e disciplinar, era uma censura e uma repulsa ao cháos disciplinar e dogmatico de Constantinopla. Esta não podia de bom grado acceitar a superioridade da Cidade Eterna. E, como religião e politica desde remotas eras se aliavam nas regiões do Oriente, a re-

percussão disciplinar se fazia sentir no rumo de dissociar do poder imperial e de suas sympathias o clero occidental, desde sua cabeça visível até os ultimos parochos.

Photius, um dos principaes factores do dissidio, é um caso politico de ambição não satisfeita. A excommunhão fulminada por Leão IX contra Miguel Cerulario e toda a Igreja oriental rematava, por um acto gravissimo, o longo dissidio que vae de Nicéa a 1054. Que não visava consequencias perpetuas, a prova está nas tentativas frequentes da União, que Roma sempre provocou, mas que Constantinopla só iniciou sob pressão de factos politicos, e não de accôrdo dogmatico. Tanto que não frutificaram, sinão na escala minima das christandades uniatas.

Digo-lhe tudo isso, meu padre, para lhe explicar o processo formativo de minha situação religiosa. Creio que me não attribuirá o máo gosto de fazer erudição barata, ou de pretender levar agua ao mar.

Assim, por esses motivos, fui levado pouco a pouco a me approximar de Roma.

Hoje, em minhas devoções, faço o signal da cruz da esquerda para a direita, e não em sentido

inverso com os tres dedos, como faz o ritual grego. Rezo o Pater Noster, e não o Pater emün como fazia.

Ainda restam, comtudo, numerosos habitos anteriores.

Como sabe, nunca houve igreja orthodoxa no Rio. Além disso, a confissão quasi só existe nominalmente e a communhão, sob as duas especies, não é frequente. Nessas condições, e aqui morando sempre, é comprehensivel que eu nunca haja confessado nem commungado”.

Entretanto os trechos mais interessantes, a meu ver, são referentes á Confissão e á Communhão. Calogeras não esconde a sua ignorancia e expõe as suas duvidas, em busca da verdade: “Da confissão, quasi não preciso dizer que a admiro e nella vejo poderoso elemento de aperfeiçoamento moral e religioso. Toda a minha vida, no meu esforço, tenho procurado orientar-me no sentido da sincera manifestação de minhas intenções e de meus actos. Na minha vida publica (que não separo da vida privada), no que escrevo e digo, nas minhas proprias cartas póde o amigo ver que busco pôr minha alma a nú. Não me repugna,



antes louvo e amo a confissão. Não desconheço, nem limito o poder do Tribunal da penitencia.

O que me inspira medo é a communhão. Sou tão ignorante das coisas religiosas !... O Poverello, e era um santo, por humildade se não ordenou. Si parva licet, como admirar que um pobre peccador como eu, por mais sincero e profundo o seu arrependimento, trema em aproximar-se da Reconciliação ?

Como agir conscientemente ? Eu que nada sei. Não é o mysterio que me repelle. Mysterio é tudo quanto nos cerca, do grão d'areia aos sóes, e no mysterio se funda a vida e se baseia o Além. Para mim, tenho o mysterio como elemento natural do homem, da vida, do mundo. Antes, o mysterio attrae-me, sentimento e espirito, quando é, como a Luz Religiosa, a Sciencia Suprema e o Alto Amor. É minha ignorancia, minha incompreensão, que me detem.

Bem vê que ainda não amadureci bastante. Sei que o ideal seria possuir a alma branca da santa puericia. E, ai de mim ! ainda estou por demais envenenado por meus habitos de homem raciocinante.

Não me repugna coisa alguma da lição catholica. Mas a conheço tão pouco, apesar de tudo. Por isso, na intensidade abrazada de meu viver intimo, busco quanto possivel obedecer-lhe ás regras supremas, ser christão na medida de minha fraqueza, sem coragem para sair de minha sombra, adorando o Senhor e o seu altar illuminado do canto escuro em que vivo, e no qual, com o mais entranhado amor, procuro seguir-lhe os divinos ensinamentos.

Tristemente lhe digo, *Domine, non sum dignus*".

Ao remetter ao padre Madureira o prefacio da obra sobre os jesuitas, dizia Calogeras: "Escrevi por obediencia, e por dever de probidade intellectual de confessar dois erros de apreciação do meu Ensaio de 1911, que a leitura das provas do livro do Am.º me evidenciou.

Não preciso lembrar-lhe que, sendo eu homem de bôa fé, e tendo consignado minhas observações como as senti, possivel é, não sejam inteiramente conformes com a opinião assente na S. J. Recorde-se, entretanto, que escrevemos em dois planos diversos: o Am.º, *sub specie aeternitatis*, que é o ponto de vista da Igreja; eu, do ponto de

vista humano da conciliação de regras mais altas com a tarefa de governar.

Em todo caso, creia que, si houver qualquer inconveniente em figurar meu trabalho junto ao do Am.º, fica autorizado a pôl-o na cesta de papeis inuteis, e sem que eu experimente qualquer magôa, pois sei comprehender e acatar as imposições dos imperativos categoricos”; e sobre o retiro, insistia na tecla anterior e reaffirmava: “Creia que sou sincero, dizendo que preciso pensar. Em taes questões, essenciaes, nada me desculparia de proceder sem funda meditação. O respicito profundo que tenho por taes assumptos, exige que eu aja com animo religioso, isto é, formando blóco, sentimentos, pensamentos e actos. Ora no meu microcosmo, a reproduzir o grande mundo exterior, soffro o embate de certos influxos que lhe exporei, puramente espirituaes e moraes. Não combato nem négo, ignoro.

Creia que seu amigo, mais do que ninguem, lamenta a propria ignorancia, e procura a luz”.

Nessas cartas, Capistrano é um dos seus assumptos predilectos e é visivel a sua preocupação com a falta de religiosidade do amigo dilecto.

Carinhosamente, assim se manifesta em relação ao inolvidavel cearense: “Com o Capistrano, por varias vezes, tenho conversado, e minha Senhora tambem, sem solicial-o em demasia, mais procurando crear um ambiente do que fazer um pedido. Não sei porque, apesar de suas pilherias, respostas negativas e declarações humoristicas, tenho a impressão da superficialidade de tudo, como que um aparelho de defesa da sentimentalidade propria do nosso amigo. Não posso crer que, bom e dedicado e generoso como é, elle se julgue apenas um amontoado bio-physico-chimico. Em todo caso, tanta gente lhe quer bem e reza por elle, que sempre haverá na Bondade Suprema misericordia para o peccador. *Judicame, domine, non secundum magnam iniquitatem meam, sed secundum misericordiam tuam.* (Está é infinita).”

Sobre a evolução religiosa de seu espirito, escreveu esta synthese que dispensa qualquer interpretação: “Não é de hoje que me preoccupa o nosso destino. Tive uma phase de hibernação (não de indiferença religiosa). No intimo, porém, sempre cri. Como menino e rapaz, pareceu-me prova de superioridade intellectual ser materialista. Mas, pouco durou. Logo vi que, do

proprio ponto de vista méramente humano e experimental, eu substitua um postulado basilar por outro; em vez de Deus, a materia immortal e permanente na essencia, si bem variavel em suas manifestações. Como arguir uma hypothese de anti-scientifica e a outra de orthodoxa perante o saber humano experimental, si ambas partiam de um postulado acceito sem demonstração material possivel? Mais, até. Como assim proceder, si o dogma tem sua vida e sua sancção acima dos sentidos humanos, num caso, e da materia, só perquirenda nos laboratorios, e esses tão pouco dizem e tanto se contradizem?

Breve voltei aos ensinamentos familiares. Periodo longo, em que no subconsciente se elaborava a germinação da semente, ou antes o frondejar da planta mesquinha, mas sempre viva e immorredoura. Quanto tempo durou, mal poderei dizer. Creio, comtudo, que dos 15 aos 25 annos minha vida foi mais voltada para o mundo do que para o céo, e então começou a reacção. Já aos 40, pude reflectir com madureza maior. Uma coisa, entretanto, lhe posso affirmar: sempre procurei, mesmo na phase amortecida de minha vida espirital, seguir o evangelho e ser christão, tal

o affecto enternecido que sempre experimentei pelo Salvador. Cada dia augmenta este, e não leio uma vez a Oratio Montana sem augmentar este sentimento. Já se me tem feito reparo que, em tudo quanto escrevo, falo nella. É facil a explicação e decorre do que lhe tenho confessado: só escrevo o que sinto, tanto me absorve e dirige minha vida interior, e o Sermão divino é o ideal supremo que reverencio e que procuro, de tão longe, ai de mim, seguir e observar.

Assim cheguei aos poucos, mas com relativa segurança, onde estou. Não cessou o movimento, mas ignoro onde me conduzirá ainda.” É uma auto-psychologia.

Contente de ratificar erros anteriores, continúa: “Da approvação do meu Prefacio, a noticia me foi grata: receiava destoar do tom geral de seu livro, o que não seria honesto. Dizia Horacio: *sit omne simplex, dumtaxat et UNUM*. Por isso mesmo não aprecio as obras em que o prefaciante, a titulo de estudo ou de commentario, investe contra o trabalho apresentado. Esse é o caso de Mitre na Historia da Confederação Argentina de Adolfo Saldéas; respeito ambas as opiniões, mas separadas; na mesma encardenação,

sob a mesma capa, elles *hurlent de se trouver ensemble*. Por outro lado, estimei poder confessar de publico dois erros meus, tambem praticados de publico, sobre a pedagogia da Sociedade. Tenho horror á improbidade de todos os generos, e talvez o mais grave modo de se manifestar seja a do pensamento. ' Por isso não admitto o falso respeito proprio que faz persistir no erro, já reconhecido".

Não diverge do padre Madureira, no que diz respeito ás relações do ensino com a igreja e o Estado, pois não pensava em dissociar os dois elementos espirituaes: o educativo e o instructivo: "Ambos, para mim, são modos de servir a Deus e ao proximo; primeiro motivo de unidade essencial. Ambos servem a caridade universal, ensino christão de um lado, solidariedade humana do outro. Para cada qual, homem ou familia, o primeiro deve presidir a tudo, a creatura reverenciando, amando e obedecendo ao Creador. Para o Estado, respeitando toda a crença e dando, sem escolha, o possivel auxilio a todas, sem se immiscuir em nenhuma. É o *amicum fœdus*, a que aspiram todas as almas que se preocupam com o essencial da vida".

Calogeras timbra sempre com lealdade em afirmar a sua ignorancia religiosa e com o coração nos labios confessa humildemente: “O amigo pensa que falei em minha ignorancia por falsa modestia. . Infelizmente, não é assim, nem a modestia caberia em assumpto tão grave. É real o que alleguei. Ou antes, a situação é peor: a do meio ignorante que mal sabe os titulos de capitulos de uma obra que desconhece. Historicamente tive de ler umas tantas coisas, mas a linguagem commum, a do historiador tambem, não é a da igreja, e muito possivel é que certas coisas, que minha intelligencia não comprehende, não sejam mais do que ignorancia do sentido que a theologia lhes dá. Ora, precisamente, é de um desses casos que vou tratar.

Como o amigo tem visto, nada sei fazer a meio. *Age quod agis*, é ponto de fé para mim. Quando me dou, é sem reservas covardes.

Não é o mysterio que me abala: o mysterio é o normal da vida, para quem sabe ver. É a explicação, tentada em certos casos, que meu espirito não entende.

Reproduz-se em mim a antiga disputa dos primeiros seculos da igreja, o conflicto entre os



nominalistas e os partidarios da presença real. Vejo, sinto e me commovo com effusão com o admiravel symbolo de fraternidade que o Christo se dignou de conferir á misera e mesquinha creatura humana. Nelle vejo a immensa ternura de um affecto que foi ao Supremo Sacrificio, á Ignominia e ao Martyrio. Vejo o Sermão da Montanha, coroado e divinizado no Golgotha. A Ceia ultima, Amor e Liame fraterno, repetida em symbolo pelos Tempos afóra. A Eternidade das lições e dos exemplos do Mestre Amado, Luz guida-dora na vida e no Além.

Não comprehendo bem a presença real. Não será ignorancia minha do sentido exacto e verdadeiro que a Igreja lhe dá ?

Tenho demasiado respeito de um sacramento, para o praticar com restricções mentaes.\* E creio saber que concilios condemnavam quantos se afastam ou nutrem duvidas sobre tal ponto. Sei, por outro lado, a logica profunda da Igreja. Attribuo, portanto, á minha infinita ignorancia o que experimento. Preciso comprehender, para agir.

Escrevi-lhe, uma vez, que dera tudo por ter a mentalidade ingenua da criança, que age só por sentimento. Mas, sou um velho, inveterado nos

habitos de analyse, intoxicado pelos virus da leitura e das discussões scientificas, que, por *pli* intellectual, não sabe caminhar para frente numa these sem ter as provas do que ficou para traz. Por mal meu, não *sinto* bastante e perco-me no dedalo da chicana do pseudo-intellectualismo. Eis meu grande mal, entre outros.

Como aproximar-me, de consciencia tranquilla, da mesa da communhão; como receber a hostia do perdão, sem profanal-a; como ter a prova da suprema reconciliação; quando tal hesitação lavra em meu espirito?

Sim, *munda cor meum et super nivem dealbabor*. Mas é preciso primeiro purificar-me coração e espirito. Ha trevas a espancar. Por isso lhe disse: ainda não estou maduro. Esclareça-me, dissipe minha lamentavel inopia de conhecimentos”.

O padre Madureira não desanimava. Insistia para que Calogeras comparecesse aos retiros espirituaes. Tacteante, o discipulo respondia: “Realmente, meu caso não é o temor da confissão. Deve tel-o visto por minhas cartas. Renovo-lhe minha affirmação anterior: nella vejo precioso factor de aperfeiçoamento moral. Experi-

mento-a diariamente, ao fazer um exame intimo de consciencia, com o proposito firme de me corrigir. Posso dizer-lhe que hoje me domino bastante para já não agir como o impulsivo que de facto sou: reflecto e meço meu sentimento para ver si não se afasta do meu ideal, a *oratio montana*. E isso não é recente: faz muitos annos que a isto me acostumei, mas com exito variavel: pouco, quando era mais moço; menos falhadamente, á medida que meditação e idade e experiencia da vida me fortaleceram. Tanto que, para mim, nada me custaria menos do que me aproximar com sinceridade inteira do Tribunal da penitencia.

Tambem me parece não ser meu caso, pelo menos, como o entendo, o respeito mal entendido e exaggerado do sacramento. Compreendo e plenamente aceito o verbo conciliar, *propter homines*. Doutrina do amor, só é logico e luminoso o que favoreça, augmenta, ampara e consolida o duplo movimento da alma da criatura pelo Creador (amor e adoração), do Creador para a criatura (amor e amparo paternal). Meu anseio é fruto de duplice hesitar. Um, de banal honestidade; não praticar um acto de fé, sem plena convicção, respeito e adhesão ao sentido proprio que

lhe dá a Autoridade que o instituiu. Outro de incompreensão; vejo e sinto e vivo o symbolo; não comprehendo, por ignorancia minha provavelmente, o que os concilios affirmaram ser a verdade — a presença real. Creio saber que a theologia usa as palavras com uma significação precisa, que não é em geral a da interpretação vulgar. Além disso, o anseio proprio do ignorante, esmagado pelo mysterio e a perquirir manifestações reaes que lhe esclareçam o que a mente não alcança; a credice popular; o sedimento que sempre ficou de polytheismos e de fetichismos anteriores; tudo conspira para falsear o ambiente, e materializar o que é puro espirito e irradiação do Amôr Divino. Mas tudo isso é fruto da inquietação da alma que procura a luz, e tactea ainda na tréva. Ainda é consequencia do treinamento mental; preciso comprehender, mesmo nas coisas em que deve reinar soberano o sentimento.

E affirmo-lhe não ser méra attitude, sim esforço leal e aturado por ascender espiritualmente. Diariamente, noite e manhã, no minimo, faço minhas orações. A unica coisa que peço para mim é essa: Senhor, fazei de mim um bom christão, segundo o vosso coração, digno do sacrificio su-

premo que por mim fizestes; dae-me coragem, perseverança e força para dominar e vencer minhas innumeradas faltas.

Como vê, não sei si *conversão* será propriamente o modo de caracterizar meu processo mental. Fui um tibio, uma alma hibernante (digamos assim). Nem discolo, nem indifferente. Ha mais de trinta annos que procuro approximar-me da luz do pouso de que me havia deixado distanciar, sem nunca ter inteiramente perdido de vista seu brilho. Ainda não ousou sentar-me á beira da chamma, mas me aquece e alenta e guia seu luminoso calor.

Neste mundo tudo é providencia, diz o amigo muito bem, e exprime uma verdade que innumeradas vezes tenho sentido, viva e operante, na minha mesma mesquinha existencia. Tanto que outras tantas vezes tenho seriamente receiado estar em peccado de orgulho e desvairada presumpção, por me julgar especialmente favorecido pela protecção do Alto. Creio-lhe ter dito que *nunca* me vinguei, *nunca* nutri odio pelos que me queriam mal e por elles rezo sem falha de um só dia. Inutil accrescentar que não quero mal a pessoa alguma; si, no momento em que sou ferido, a fraque-

za humana em mim se queixa, nem um momento me vem ao espirito ou ao coração a idéa sequer do revide e da vingança.

Não sei si, por isso, tenho tido a ventura de grandes consolos moraes e mesmo de certos privilegios inferiores, materiaes, a que ligo menos apreço, entretanto. Nem sei quantas vezes, actos que visavam prejuizos meus, se transformaram em fontes de beneficios, principalmente moraes, mas, em varias instancias, trazendo vantagens. A pessoas que, me julgando erroneamente, intentaram perseguir-me, pude, ou directamente ou a sua descendencia, prestar modesto auxilio. Do proprio soffrimento que me fizeram experimentar, colhi largos ensinamentos, de sorte que lhes não posso querer mal. Conto-lhe tudo isso por causa de sua phrase: "Analyse bem, mais que puder, a sua vida e ha de concluir que Deus não o perdeu de vista". Bem vê o amigo que vou tão longe nessa convicção, que receio envaideçer-me si bem que, com a maior humildade, o agradeça a Deus.

Negativa, certamente lhe não dou. Continuo meditando, e afflicto por aprender e melhorar. É muito possivel, si o amigo me permittir, que um

dia eu vá a Friburgo, mesmo sem ser na época do retiro, para conversar com o amigo. Acredito, até, ser esta a solução mais proveitosa”.

O padre Madureira consegue abrir uma formidável brecha, enviando-lhe a monumental obra “A Igreja, A Reforma e a Civilização”, do padre Leonel Franca. A impressão produzida em seu espirito foi profunda. Em uma quinta-feira santa a confessava, com impressionante juizo sobre o protestantismo. Eis as suas palavras: “Erudição, logica, exegese e equanimidade equilibram-se nesse repositório valioso de (permittame a expressão) philosophia religiosa e historica.

Para quem se occupa das coisas essenciaes da Vida e da Morte, isto é — o pensamento humano e a revelação; o ideal a seguir, e as regras de conducta para o attingir, — difficil será achar melhor compendio.

A posição escolhida é invencivelmente logica: dirige-se aos que acreditam em Christo. De facto, para os que nelle não crêem, e são deistas, a logica aponta o judaismo.

Para atheus, o livro não tem interesse: partem de outra base, inteiramente arbitraria e desmentida pelas observações scientificas — a per-

petuidade das energias de todo genero, olvidados que erigem um novo dogma, que pretendem verificavel, mas que hoje já se não defende ante os factos demonstrados da degradação da energia e da reintegração da materia.

Resta, pois, no Occidente, o grande grupo de confissões christãs, e, dellas, o conjunto das derivadas, por scissiparidade, da Confissão de Augsburgo.

Como profundo interesse me despertam taes problemas essenciaes, é natural haja lido alguma coisa sobre tal assumpto e, por isso, tenha achado algumas allegações já conhecidas minhas nessa nobre obra de rectificação de adulterações historicas e religiosas. As “Variações Protestantes” permanecem infrangiveis. Mas achei tanto ponto de vista novo, tanto facto ignorado, tanto depoimento irrefutavel, que não sei si haverá livro que possa fazer concorrência á *Igreja, a Reforma e a Civilização*.

Sobre as heresias dos primeiros cinco seculos, pouquissimo sei, na minha immensa ignorancia. Tenho, entretanto, a impressão funda da exactidão da phrase de Maistre que o P. Leonel' cita: as heresias deformam-se a si e reformam-nos a nós.



Do grande schisma grego, já lhe escrevi uma vez o que me afastou delle: os impulsos e appetites politicos e meramente pessoases de Photius e Miguel Cerulario.

Mas mil vezes peor, moral e intellectualmente, é a progenie da Reforma. Nem comsigo apprehender como se possa defendel-a, no seu nascimento e no seu evolver, quer do ponto de vista da historia, quer dogmaticamente ou socialmente. Sempre tive essa opinião, e o livro que lhe vou devolver a fortalece de modo inabalavel. Poderia eu ser tudo, menos protestante. E note o Amigo (trahet sua quemque voluptas), o principio intimamente dissolvente proclamado por Luthero lhe vae anniquilando a propria obra. Hoje as innumeradas denominações nada mais traduzem do que o esfacelo da primeira voz de rebeldia, a desfechar na opinião individual do interprete, na qual, por não haver logicamente dois sêres identicos, si não apenas semelhantes, desaparece a religião, social e dogmaticamente, por não haver dois fieis a religar.

Curiosa Nemesis historica e religiosa ! Para triumphar, no dominio do senso commum, da immoralidade fundamental da predestinação e da

justificação só pela fé, tiveram os protestantes de matizes varios de recuar e aconselhar as obras que marcam a collaboração do livre arbitrio humano nos alvos collimados pela concessão gratuita da graça. Catholicizaram-se para poderem conservar sua “emprise” sobre as almas.

Que muito é, portanto, poder esperar-se volte ao aprisco a ovelha tresmalhada, de boa fé e sem pastor? É questão de tempo e de missão, que bem cabe á Igreja, cuja historia não é sinão a historia de uma paciencia eterna. Creio no progresso humano, em todos os sentidos. E por isso creio tambem na volta á unidade da Fé, unus pastor, unum ovile.

O que eu ignorava quasi completamente, e a obra do padre Franca me ensinou, entre outras, era o passado dos reformadores. Confesso que attribuia a Lutthero, a Zwingli, a Calvino, motivos de natureza intellectual e de revolta por qualquer titulo. Vejo agora que o revoltado epidermico era simplesmente um propellido por sua sensualidade incontida. Não se tratava de almas, mas de baixas exigencias corporaes não soffreadas. Á libertação proclamada (*o los von Rom* ainda sus-tenta) mascarava juramentos quebrados.

Mas o que mais me assombrou foi a irracionalidade da Reforma; a insinceridade com que praticava excessos mil vezes peores do que as faltas humanas que profligava; sua immoralidade ingênita, em summa.

Creia que a impressão causada foi grande em meu espirito.

É um grande e nobre livro. Si o padre Leonel Franca se não incommodar com as felicitações de um ignorante como eu, peço dar-lhe a segurança do quanto apreciei e admirei seu bellissimo trabalho.

Para meu caso, porém, nada encontrei, porque, de facto, não figurava no programma de seu estudo.

Que poderia eu ler e meditar para saber o que a Igreja entende pela presença real na Eucharistia? Peço guiar-me. Tanto me tenho confessado nessas minhas longas cartas (que até parecem Mensagens governativas), que conto não abusar de sua caridade solicitando seu ministerio espirital no ponto unico (essencial, reconheço) que não comprehendo nõ ensino da Igreja.

Ainda hoje, indo á missa, orei pelo amigo, pelo padre Leonel, em signal, quanto a este, da gratidão que lhe devo pelo seu livro”.

Meticuloso, faz uma consulta que bem revela a delicadeza de seus sentimentos: “Das difficuldades materiaes com que vivo, uma das causas reside no esforço que tive de fazer para adquirir de meus irmãos as partes que possuíam na casa de Petropolis que meu pae comprara ha quasi cincoenta annos. Que quer? Não me pude resignar a deixar em mãos extranhas e indifferentes o predio em que se passou longo periodo de nossa vida familiar, onde elle adoeceu da molestia a que se succumbiu no Rio, onde minha Mãe e uma irmã querida falleceram. E, essa, seria a unica solução, pois meus irmãos vivem na Europa, e eu, só, estou no Brasil.

Tive de fazer uns reparos. Na entrada do terraço, no revestimento de azulejos, puz uma cruz. No meu intuito, seria uma profissão de fé e o assegurar de acolhida christã a quem viesse procurar nosso *home*. Ainda encerraria, no meu desejo, um duplo symbolo, por se achar em nivel baixo do socco: affirmaria que sobre a Cruz repousavam a construcção material e a constituição

da vida espiritual de seus moradores. Para lhe dar esse caracter e não confundir o desenho com um simples ornato architectural, quiz sotopôr-lhe o I. H. S. rituaes. Recuei do proposito por escrupulo. Tendo sempre visto as iniciaes symbolicas em construcções religiosas e objectos do culto, reccei abusar, applicando-as em uma casa particular. E é o que venho indagar do amigo. Posso, sem merecer critica ou censura, inscrever, na entrada de nosso tugurio e sob a Cruz liminar, a invocação ao Alto ?”

O padre Madureira, que previa a hibernação estar annunciando flores e frutos de estio, lhe remette o livro sobre a presença real do padre dominicano Hugon, professor de theologia e de philosophia no Collegio Angelico, em Roma, aonde affluam todos os estudantes seleccionados da Ordem de S. Domingos.

A resposta de Calogeras não era integralmente satisfatoria. Sincero e incapaz de uma in-verdade, minima que fosse, traçou contudo uma pagina de scintillante belleza, que vou reproduzir na integra. Percebe-se o seu desejo de crêr:

“Não quiz eu responder-lhe á sua carta de 19 de abril sem ter lido o trabalho do padre Hugon.

Terminei hoje essa leitura, e posso assim escrever-lhe. Um mez, quasi, levei nessa empresa, por trechos curtos, afim de poder meditar. Dizer-lhe que tudo comprehendí, seria inexacto: para tanto, é demasiado deficiente meu preparo theologico, quasi nullo mesmo. Vali-me do pouquissimo que entendo de philosophia para tentar esclarecer-me: inda assim, lacunas immensas existem em meu espirito, notadamente no que diz respeito á superposição e ao entrelaçamento de aspectos distinctos e complementares do ser, e de suas características elementares. Substancia, essencia, especies, dançam ante meus olhos em ronda confusa e nem sempre diviso limites ou reconheço propriedades peculiares e differenciaes. Contudo, a obra me prestou bastante, para methodisar minhas idéas, confirmar noções que já tinha e consolidar o conceito que sempre fiz do catholicismo: a mais formidavel construcção logica que o engenho humano fundou na revelação.

Não estou em condições de analysar nem de discutir a parte dogmatica, e nem tal presumpção me passou nunca pelo espirito. Posso, talvez, apreciar menos incompetentemente a parte tradicional, e, desse ponto de vista, cada vez mais se ro-

bustece em minha opinião a vantagem que a Igreja leva sobre seus dissidentes. Parece-me innegavel que o dogma de hoje é o que sempre foi e que as investidas e as divergencias só lograram evidenciar a immutabilidade dos conceitos iniciaes. Assim, quanto á eucharistia, á transubstanciação, á communhão sob uma e sob duas especies, á valencia intrinseca da missa, da consagração, seu effeito *ex opere operato* sem cogitar da valia pessoal de quem consagrou. Sem duvida, é obra una travéz os seculos. E, mais do que isso, é admiravel monumento de logica perfeita e cerrada. Precisamente, o que me seduziu e fez voltar da orthodoxia grega ao credo romano. No symbolo de Nicéa, que noite e manhã repito, o *filioque* m'ò relembra sempre. Tenho por habito não rezar machinalmente, sim pesando em meu espirito e meditando as palavras (o contrario do *lip-service* inglez ou dos moinhos de preces budhistas). Nenhuma oração une mais intimamente e mais essencialmente meu sentimento e minha intelligencia do que a dominical. Sinto e experimento a união perfeita de minha alma com essa admiravel invocação dos filhos ao Pae. É o mesmo que me faz estremecer o Sermão da Montanha, sobretudo

apud Mathaeum. Serenidade, força, intelligencia... tudo paira na altura maxima attingivel ao homem.

É esta sensação de plenitude moral, religiosa portanto, que me falta em gráu equal quanto á eucharistia. Não por opposição, mas por incomprehensão. Imagine que acho tudo claro, luminoso, diaphano... e aqui meus olhos, o instincto da alma, encontram uma nevoa. Nem por sombras me insurjo. Quid sum, miser ?

Ignorante, desconhecendo a significação precisa dos vocabulos da linguagem technica dos dogmatistas, que ridiculo, o meu, si o fizesse...

O problema eterno apresenta-se, para mim, como um mundo de phenomenos a explicar. Que soluções propoz o homem ? Ponhamos de lado o dogma de alguns — a materia —, que nada explica e pecca pela base: altera-se, degrada-se e consume-se enquanto assistimos a manifestações de energias permanentes. Materialismo, penso eu, equivale a uma petição de principios para a complexidade dos factos humanos: é porque é, e nada mais. Não dá causas e menos a causa primeira; limita-se a verificar o que existe, e a deduzir relações, leis ou nexos causaes, entre phenomenos



secundarios. E, para falar como engenheiro, onde a estaca O ?

Para isso, para o inacessivel á pura razão humana, e que existe tanto quanto o *facto material*, pois o sentimos e vemos, cumpre remontar a plano mais alto do que o da humanidade.

Com os nossos recursos mentaes tão sómente, como explicar o mysterio universal em que nos debatemos e ansciamos ? O do mal, o do bem, o da amplidão, o dos conflictos entre moral e interesses ? Intelligencia que, dentro das contingencias puramente sensoriaes, se abalança por não a interpretar, mas simplesmente a comprehender, em sua essencia e em seu alcance, taes abysmos, corre rumo da loucura. O infinito é um *facto*: a luz de uma estrella que fere nossa retina neste instante, prova tal existencia, no tempo e no espaço, pois é possivel calcular a distancia do astro emissor do raio, e, a razão de 300.000 kms. por segundo, tem se chegado a numeros que traduzem milhões de seculos para o momento em que a vibração se deu, que só hoje se percebe, e milhões de annos de luz para o afastamento entre a estrella e a nossa minuscula Terra. Que significa isto, para nossa humanidade essencialmente finita e li-

mitada ? Nada, em si. A explicação unica que acode ao espirito é: o finito não pode comprehender o infinito, pois pertencem a dois planos phenomenaes differentes. D'ahi o mysterio. Dahi, a necessidade implicita de conceber uma energia externa, regedora (a harmonia universal o prova) mas independente, e como tal podendo exceptuar, para si, na obediencia incondicional ás regras firmadas para o complexo existente. É a Causa Primeira: o Creador.

Para empregar termos geraes, como em mathematica se usam, uma força externa a um systema de forças e que não obedeça nem seja influenciada por estas sinão em condições especiaes (no caso de uma força absolutamente independente, a condição seria intrinseca ao elemento externo; a propria vontade e sabedoria, si fôr consciente: — é o factio divino), no caso figurado, repito, nada mais comprehensivel e normal do que a possibilidade de alterar as leis, secundarias sempre, dos phenomenos. O que se chama o mysterio revela apenas: nos casos devidos á ignorancia do homem, o atrazo de seus meios de indagação; nos casos transcendentos, o desconhecimento do que se passa em plano mais alto do que o nosso, a au-

sencia de medida commum entre o phenomeno e quem o aprecia. O milagre é a acção da força externa interventora na norma costumeira dos phenomenos.

Admittido, como para nós, crentes, o facto divino, nada mais accessivel do que o facto do milagre, sem que por isso lhe conheçamos a essencia e o processo.

Por isso, em meu espirito, não me causam abalo, mysterio e milagre, nem me repugnam á razão, como manifestações de um poder superior ao homem, ao qual este é semelhante, mas subordinado em todos os sentidos.

O que peço, apenas, é que o homem não recorra por demais ao sobrenatural para velar sua ignorancia propria, nem confunda suas proprias interpretações com a revelação. Deo quod Dei; Caesari quod Caesaris, por assim dizer.

No caso da eucharista, como lhe disse, o symbolo, a representação fazem-me bater o coração. Não consigo comprehender a presença real, escrevi-lhe eu, e attribui, como ainda attribuo, a falta a mim mesmo. Pedi-lhe, ainda, meios de me illuminar o espirito. Para mim, ignorante e sem preparo especial, o livro do pe. Hugon é alimento forte

de mais. Apenas pude assimilar algumas noções, tanto que lhe venho solicitar o favor de deixar ficar o volume em minhas mãos por mais algum tempo: preciso relel-o e aqui em Petropolis eu não encontraria exemplar á venda. No Rio, adquirirei um e devolvarei o da Bibliotheca do Collegio Anchieta.

No tocante á transubstanciação, base de tudo, confesso-lhe que estou lutando com difficuldades sérias e grandes, oriundas de minha falta de familiaridade com os assumptos de theologia. Já encontrei, entretanto, alguns pontos de apoio. Verifiquei, por exemplo, que eu desconhecia a significação dogmatica de muitos termos, que tomava em sentido demasiado literal. Verifiquei tambem que a carne e o sangue têm que ser propriamente entendidos, pela multiplicidade de noções que todo ser encerra. Mas esse ponto ainda não está claro para mim, e preciso meditar mais sobre elle. Pobre de mim!... Como Thomé, preciso pôr as mãos nas feridas para reconhecer e crêr... *Credam firmitus*, devo repetir sempre e sempre.

Mudemos de assumpto.

Recebi o cartão para o abbade de S. Bento. Irei lá. Tambem falarei ao pe. Natuzzi, quando

estiver no Rio, sobre o Dicionario d'Alès. Creio, entretanto, que preferirei Battifol, pois varias explanações deste, citadas por Hugon, embora nem sempre apoiadas por este, me impressionaram”.

Enthusiasmado pelo homem de sciencia e de boa fé que era Calogeras, o jesuita, com a constancia de um apóstolo, o auxilia nas investigações da verdade e lhe envia o artigo Eucharistie de Jules Lebreton, da Companhia de Jesus, inserido no Dicionario Apologetico da Fé Catholica de D'Alès, um trabalho magistral sobre a presença real.

Calogeras com assiduidade punha o Mestre ao par de seus estudos e não me furto ao prazer de transcrever uma de suas lindas confissões:

“Estou lendo o artigo de Lebreton e mais alguns. Realmente, mais facilmente o comprehendendo do que o livro de Hugon. Além do que, este é mais rigido e duro em um thomismo absoluto, enquanto o outro me parece um pouco mais latitudinario. Já achei vários pontos que me valeram. Mas preciso insistir e reler o Hugon; talvez agora o entenda menos deficientemente. Linguagem e dialectica são de facto um pouco

aridas. Mas é coisa que me não repelle e que *nunca* me inspiraria abandonar o estudo. Dizer que ha coisa mais importante, como o amigo por pilheria escreveu que poderia parecer á gente frívola, não me passaria pelo espirito: *vita aeterna, agitur*. Faz muitos annos, li, na biographia de Miguel Servet, a victima de Calvino, um trecho que me calou na mente. Salvo ero de memoria, ia elle, estudante pauperrimo e *ne payant pas de mine*, rumo de Bolonha ou de Padua a iniciar ou aperfeiçoar seus estudos medicos. Proximo á fronteira do Piemonte, e já em territorio deste, cahiu gravemente enfermo. Foi chamado um facultativo, e depois outro, afim de copferenciarem, tão sério pareceu o caso. Vendo o pobre doente, miseravel no aspecto, tomando-o por mendigo ou pouco mais, e suppondo-o alheio a qualquer latitudade, propoz um dos scientistas ao collega — *faciamus experimentum in anima vili*. Indignado, ergueu-se Servet da enxerga e fulminou: *vilem appellas animam pro qua Christus non dedignatus est mori*. E era apenas da vida material que se tratava...

Imagine então o que, em minha alma, se passa dessa coisa superior que é a salvação, a vida

espiritual!... Dez vezes mais arduo fosse o livro do Hugon, e dez vezes mais esforço desenvolveria eu para tentar comprehendel-o!

Mas Lebreton está me servindo, mal comparando, de Gradus ad Parnassum. Penso penetrar-lhe melhor o sentido e assim talvez consiga decifrar um pouco mais as difficuldades do professor do collegio Angelico. Quando tiver terminado a releitura do artigo do Diccionario Apologetico, escreverei ao amigo dando-lhe minha impressão. É certo que já comprehendo melhor certos pontos e interpreto menos erroneamente outros. Com o vicio ingenito da educação mathematica, desprovida de *souplesse*, verifico que dei significado por demais literal a muitas palavras: creio que foi o erro dos capharnaitas. Mas, ainda nisto, fui inspirado pela versão de Matthaeus — est, est; non, non. Já vejo que preciso dar mais elasticidade ao valor dos textos, para não cahir no engano de attribuir á materia supremacia sobre o espirito.

O trecho de Sertillanges que me mandou, e que não conhecia, veio trazer-me grande consolo. Perdi, vae para um mez, um grande amigo, Martin Francisco, que era um justo e viveu segundo a

lei divina, si bem que se dissesse atheu. Será elle um desses *disciples qui s'ignorent*? A viuva do Martim consultou-me sobre si, sabida como era a falta de crenças do marido, devia mandar rezar missa por sua alma. Respondi logo que sim, porque elle era bom de mais para que, no fundo, fosse extranho a Deus. Ha, em Edmond Rostand, na sua obra prima *La Samaritaine*, um verso que põe na bocca de Christo e que sempre me commoveu fundamente: *Je suis un peu au fond de tous les mots d'amour*. Assim tambem nas acções boas: de nenhuma dellas, consciente ou não, se acha Deus ausente. E é por isso que, pelo Martim, invoco e imploro sempre a infinita e paternal misericordia divina: *non secundum magnam iniquitatem meam, sed secundum magnam misericordiam tuam*.

Suas observações sobre a argumentação historica, tradicional, é justa, assim como seu non plus quam oportet. Tambem partilho o seu dito sobre panem nostrum quotidianum. E a esse respeito, confesso-lhe quanto comprehendo melhor o trecho correspondente da oratio montana — panem nostrum suprasubstantialem na' versão de Matthaeus.



Lebreton, mais do que Hugon, fez-me entrever toda a significação da missa e da eucharistia, mysterio da fé, mysterio do amor, assistencia aos fracos e aos fortes, viatico na vida até o Além.

Tambem me fez melhor comprehender certas praticas familiares. Meus paes (como muitos outros, naturalmente) nos ensinavam, a seus filhos, a não derrubar o pão, e, quando tal acontecesse, a levantá-lo com respeito, beijando-o. Pensava eu, quando criança, que tal se fazia em memoria da oração dominical, da dadiva divina. Vejo agora que havia mais do que isso, nesse gesto que até hoje não abandonei: o respeito ao elemento, em cuja especie, após a consagração, se acha o Eleito, mas que nos não diziam, por sermos crianças.

Sobre tudo isso, mais tarde lhe escreverei.

Penso que, dentro em breve, regressarei ao Rio. Os concertos de nossa casa estarão prestes terminados. Minha presença aqui se torna menos precisa, e minha ausencia do Rio perturba meus trabalhos em todos os sentidos.

Logo que eu veja findos os trabalhos dos operarios, terei de mandar abençoar a casa. *Quis custodiet domum, nisi dominus custodierit eam?*

Em Bello Horizonte, onde tive uma cafúa, assim fiz, e não abandono o preccedente agora que se trata de minha casa familiar, a que se prendem tantas emoções nossas”.

Entregando-se de corpo e alma ao estudo do problema eucharistico, Calogeras faz um longo extracto do artigo de Lebreton. Altino Arantes, um dos raros amigos que o manusearam, teceu-lhe os mais encomiasticos elogios.

As cartas que Calogeras escreveu ao padre Madureira, em data de 30 de junho e de 16 de julho de 1927, são verdadeiras prelecções de theologia, dignas de seu cerebro privilegiado.

Sem um resquicio de duvida, estava senhor do assumpto que tanto o apaixonara como os melhores professores.

Documentos longos e especializados, reveladores de uma assimilação prodigiosa, a Fundação Calogeras breve os publicará, conjuntamente com o resumo de Lebreton.

Ao padre Madureira, endereçava essas palavras de reconhecimento e de amizade: “Preciso dizer-lhe quanto sou grato á sua direcção espiritual. Claro: consciencia, alguma leitura, preocupação principal da vida interior, fé em Deus,

tudo isto preexistia em mim. Mas era muito confuso o estado de meu espirito, quasi chaotico. Obrigou-me o Amigo a coordenar minha crença; a reflectir sobre pontos innumerados; a sentir o erro de varias interpretações minhas, fruto de minha ignorancia, não de qualquer má fé. Exerceu na minha vida espiritual verdadeiro influxo depurador. Graças lhe rendo por esse inestimavel serviço e creia que todos os dias, manhã e noite, peço a Deus o tenha em sua Santa Gloria”.

Esclarecido e consciente do acto, no dia 5 de agosto de 1927 recebia a sua primeira communhão e, desta data, em todas as primeiras sextas-feiras de cada mez, invariavelmente recebia o Corpo de Christo.

Commemorando este grande triumpho da Igreja Catholica que alistava entre os seus fieis um dos mais puros caractéres e um dos maiores cerebros do paiz, o padre Madureira lhe offereceu um artistico Missale Romanum, livro de orações, que foi o seu companheiro inseparavel.

Surgiu um novo apostolo. Como o insigne Alceu de Amoroso Lima, poz a sua penna e a sua palavra ao serviço da Igreja. Estudou a questão religiosa e a actuação de Frei Vital, escrevendo

palavras definitivas como definitivo foi o seu ensaio sobre Feijó e a crise religiosa, inserido no terceiro volume de sua "Politica Exterior do Imperio".

A sua conferencia realizada em São Paulo sobre a Ordem de S. Bento e a civilização é um monumento de cultura, resumo magistral dos estudos sérios de Draper, Villari, Butler e Mabillon. São admiraveis as paginas sobre o padre Madureira e a Companhia de Jesus.

Combateu o divorcio a vinculo e as doutrinas bolchevistas, attrahindo na occasião, tal a energia de seus ataques, a ira dos seus adversarios.

Como paranymphe dos engenheirandos do Mackenzie College, em 1928, proferiu essa notabilissima oração "Senso da Vida" synthese maravilhosa do seu pensamento philosophico e religioso. É realmente um dos seus melhores trabalhos, como pensamento e como fórmula, que causaram funda impressão nos meios universitarios.

A sua oração, lida pelo dr. Rego Monteiro ao ser inaugurado o monumento do Redemptor, no Corcovado, como presidente da Liga Eleitoral Catholica, é de uma alma profundamente christã. O "Jornal do Brasil" a publicou.

Solicitado pelo cardeal d. Sebastião Leme, escreveu, já bastante enfermo, "Conceito christão do trabalho", resumindo as doutrinas da igreja romana, expostas na encyclica "De Rerum Novarum", de Leão XIII.

Foram esses, em synthese rapida, os extraordinarios serviços que João Pandiá Calogeras prestou á Igreja catholica, após a sua conversão religiosa.

Não quero finalizar esse capitulo sem reproduzir as palavras de seu confessor, o padre Leonel França, artista e pensador, orgulho da Igreja e do Brasil, ao publicar essa pequena obra-prima, "Ascensões d'Alma".

"Os que tiveram a dita de o respirar de perto nos ultimos tempos reconheciam-no com facilidade. Através do involucro material de um corpo, que se ia enfraqueccndo de dia para dia, luzia a belleza serena do espirito totalmente submisso aos designios adoraveis da Provincia e fixo na contemplação interior das realidades eternas. Deus enchera inteiramente a sua alma purificada. A morte foi para elle apenas a quéda de uma barreira material, cuja opacidade se adelgaçava mais e mais; ás penumbras da fé succedeu o extase da

visão immediata do Infinito Bem que elle tanto amou.

Não queremos fazer mais commentarios nem deduzir as lições que se encerram nesta vida admiravelmente fecunda. A simples leitura destes fragmentos inéditos tem por si a eloquencia singular das grandes realidades. Elles revelam-nos uma face talvez menos conhecida, a face interior de um dos maiores estadistas e das mais solidas culturas do Brasil contemporaneo. O sopro que lhe animou toda a existencia e inspirou a belleza das acções foi o amor sincero e absoluto de Deus e a fidelidade inquebrantavel aos ensinamentos do Evangelho. Sobre todas as coisas prezava elle a sua dignidade de christão. O mundo gravaria talvez na lousa da sua sepultura o elenco glorioso de suas benemerencias intellectuaes e sociaes; elle preferiu resumir a sua vida num acto religioso, simples e sublime. Entre os escriptos deixados á familia foi encontrada, em dois lugares differentes, uma folha de papel, tendo no atlo uma cruz, e, em baixo, em caracteres traçados por mão tremula, os dizeres:

Ad pedes tuos...

Fiat voluntas tua...

E nada mais.

É a maior lição que de João Pandiá Calogeras aprenderá a posteridade.”

O justo e sabio jesuita lavrou o seu veredictum. Enterrava-se com o burel franciscano o immortal Calogeras.





## BIBLIOGRAPHIA

- 1891 — *O manganez de Cariguaba* — (Santa Catharina).
- 1892 — *Relatorio dos trabalhos feitos na fazenda de Gandarella* — (em collaboração com o dr. Arthur Guimarães). Prefacio de Gorceix — Ouro Preto.
- 1892 — *Meteorito de S. Catharina* — *Jornal do Commercio*, — 20 de Maio — Rio de Janeiro.
- 1892 — *Le fer nicklé de Sainte Catherine* — *Revue Scientifique*. Paris. Um extracto dessa communicacão foi publicado em 1893 no “*Neues Jahrbuch für Mineralogie*”.
- 1893 — *Contribuição ao estudo da siderurgia no Brasil*. — *Jornal do Commercio*. Rio — 27 de agosto de 1893.
- 1893 — *Minerios de ferro* — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de outubro.
- 1893 — *As linhas telegraphicas mineiras* — *Revista Industrial* — Ouro Preto.
- 1895 — *Contribution à l'étude des exploitations de diamants au Brésil. Note sur les gisements diamantifères d'Agua Suja* — *Extrait de la Révue*

- Universelle des Mines* — Tome XXIX pag. 1, 1895. O mesmo ensaio foi reproduzido na “Revista Industrial de Minas Geraes — Janeiro e Fevereiro de 1895. Ouro Preto.
- 1895 — *A proposito dos trabalhos do Museu Paraense* — Revista Brasileira (155-172) Tomo 16.
- 1895 — *A fabrica de ferro de São João do Ipanema* — Revista Brasileira, Rio de Janeiro — Um extracto foi reproduzido no “Brazilian Bulletin”, São Paulo, Dezembro de 1895.
- 1896 — *Plano de Viação Ferrea em Minas Geraes* — em “Minas Geraes no seculo XX”, do Professor Rodolpho Jacob — Bello Horizonte, 1911.
- 1896 — *As estradas de ferro federaes* — (Revista Brasileira), de 1.º de Novembro de 1896 e 1.º de Janeiro de 1897 — Rio de Janeiro.
- 1897 — *Prolongamento do ramal de Ouro Preto* — Jornal do Commercio, 7 de Janeiro — Rio de Janeiro.
- 1897 — *As estradas de ferro federaes* — Novo Estudo — Jornal do Commercio de 4 e de 23 de Fevereiro — Rio de Janeiro. — Resposta a uma serie de artigos publicados na “Gazeta de Noticias.”
- 1897 — *Manifesto ao eleitorado do 1.º Districto Federal de Minas Geraes* — Jornal do Commercio — Rio de Janeiro, 16 de Fevereiro.
- 1898 — *Responsabilidade das Vias Ferreas na Execução do Contracto de Transporte* — Rio de Janeiro — 39 paginas.

- 1899 — *O manganês e seu transporte na E. F. Central do Brasil* — Rio de Janeiro — *Jornal do Commercio* — 20 de Abril.
- 1899 — *O orçamento do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas para 1900* — Rio de Janeiro.
- 1901 — *La situation économique du Brésil* — Conferencia realisada na Societé de Geographie Commerciale — Paris — 32 paginas.
- 1902 — “*Electro siderurgia* — Bello Horizonte, Minas Geraes de 2 de Abril.
- 1902 — *O Café* — *Diario de Minas* — Bello Horizonte, 28, 29, 30 de Agosto, 1, 3, 4, 10 e 11 de Setembro.
- 1902 — *Reforma Tributaria* — *Commercio de Minas*, 23, 24, 25, 30, 31 de Dezembro de 1902 e 3 de Janeiro de 1903.
- 1904 — *As minas de ouro nacionaes* — *Jornal do Commercio* de 3 de Dezembro — Rio de Janeiro.
- 1904 — 1905 — *As Minas do Brasil e a sua legislação*, 3 volumes — *Imprensa nacional* — Rio de Janeiro — Parte do capitulo sobre o Ferro foi publicada na *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*. Parte do outro capitulo sobre pedras preciosas foi publicada nos Estados Unidos, em Chicago, janeiro de 1906, no *The Mining World*, sob o titulo *Gem Mining in Brasil*.
- 1905 — *O transporte de manganês* — Polemica com o dr. Osorio de Almeida, *Jornal do Commercio* — Rio de Janeiro 2, 9 e 18 de abril.

- 1905 — *Discurso de recepção no Instituto Historico e Geographico Brasileiro* — Jornal do Commercio, 7 de Outubro.
- 1905 — *Nomes indigenas* — Resposta a Diogo de Vasconcellos — Minas Geraes, 24 de Março.
- 1910 — *La politique monétaire du Brésil* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro 526 paginas.
- 1911 — *Relações exteriores do Brasil* — Imprensa Nacional — 43 paginas. Rio de Janeiro.
- 1911 — *Os jesuitas e o ensino* — Revista Americana -- Rio de Janeiro — 2.<sup>a</sup> edição — 65 paginas.
- 1912 — *Novos rumos economicos* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 39 paginas.
- 1912 — *Vida de Marianno Procopio Ferreira Lage* — Conferencia pronunciada ao ser inaugurada a sua herma em Juiz de Fóra — O Paiz — 19 de Maio.
- 1912 — *O Brasil e o seu desenvolvimento economico* — Conferencia na Bibliotheca Nacional — Volume 35 dos Annaes da Bibliotheca Nacional.
- 1913 — *Rio Branco e a politica Exterior* — Revista Americana — Rio de Janeiro — Houve uma segunda edição na Imprensa Nacional — 1913 — Terceira edição em Res Nostra, São Paulo, em 1930.
- 1913 — *A Defeza Naval* — Folha do Dia. Rio de Janeiro, 10 e 13 de Julho.
- 1913 — *A crise monetaria* — Imparcial de 12 de Agosto — Rio de Janeiro.

- 1913 — *A proposta de orçamento para 1914* — Jornal de Economia Política — Rio — Outubro — volume I, paginas 89 a 97.
- 1913 — *A receita federal e a Economia Política* — Jornal da Economia Política — Rio de Janeiro — Volume I n. 2 — Novembro — pags. 179-213.
- 1914 — *A lei de Minas* — Imprensa Nacional — 110 paginas.
- 1914 — *O problema economico do Brasil* — Bibliotheca da Camara do Commercio Internacional do Brasil — Rio de Janeiro — 17 pags.
- 1915 — *Introdução ao Relatorio da Fazenda* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.
- 1916 — *Introdução ao Relatorio da Fazenda* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.
- 1917 — *Relatorio Confidencial ao Conselheiro Rodrigues Alves sobre a situação orçamentaria e administrativa do Brasil*. Publicado em 1933 sob o titulo Problemas de Administração — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
- 1919 — *Diario da Conferencia da Paz*, publicado em 1933 na obra "Calogeras na opinião de seus contemporaneos" — São Paulo.
- 1920 — *Introdução ao Relatorio da Guerra* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.
- 1921 — *Introdução ao Relatorio da Guerra* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.

- 1922 — *Introdução ao Relatório da Guerra* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.
- 1924 — *Circular dirigida ao eleitorado do 2.º districto de Minas Geraes* — Rio de Janeiro, 15 pags.
- 1924 — *Industrias Basilares* — Revista de Arte e Ciências — Rio de Janeiro — Ha uma separata de 31 pags.
- 1925 — *O poder pessoal e o lapis fatidico* — Edição "O Jornal" sobre Pedro II — Rio de Janeiro.
- 1925 — *O Brasil em 1840* — Edição "O Jornal" sobre Pedro II — Rio de Janeiro.
- 1925 — *Um Homem* — no volume Epitacio Pessoa e o juizo de seus contemporaneos — Rio de Janeiro.
- 1926 — *Aspectos da Economia nacional* — São Paulo, 47 pags.
- 1926 — *A industria nacional existe* — Revista Viação n. 4 — Rio de Janeiro.
- 1926 — *Emprestimo de consolidação* — Revista "O Commentario" n. 7 — S. Paulo.
- 1926 — *O Brasil e a Sociedade das Nações* — Separata do n. 6 de "O Commentario", 58 pags. — S. Paulo, reproduzido no volume Res Nostra.
- 1926 — *A Theoria de Wegner sobre a formação dos continentes* — Revista da Escola Polytechnica de São Paulo n. 81 — Ha uma separata de 46 pags.
- 1927 — *A ordem de São Bento e a civilização* — São Paulo — 20 pags. e reproduzida no volume Res Nostra.

- 1927 — *Discurso proferido ao ser empossado da Presidencia da Sociedade Brasileira de Engenheiros.* — “Jornal do Commercio” — Rio de Janeiro.
- 1927 — *A politica Exterior do Imperio* — As origens 1.º volume — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 490 pags.
- 1928 — *A politica Exterior do Imperio* — *O primeiro reinado* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 568 pags.
- 1928 — *A missão apostolica social* — Conferencia pronunciada no Collegio S. Ignacio — Rio de Janeiro, na revista “A Cruz”.
- 1928 — *O tratado provisional de 1828* — Edição “O Jornal” de 12 de Outubro, commemorativa do Centenario da Paz Argentino Brasileira.
- 1928 — *Problemas de governo* — São Paulo — 188 pags. Contém as seguintes conferencias: Aspectos da Economia nacional — Fontes de energia — A minerallurgia em São Paulo — Meios de comunicação do Brasil — Valores produzidos — Ministerio incompreendido — Classes armadas — Directrizes Internacionaes do Brasil.
- 1928 — *Valores a reajustar* — *Revista Nacional n. 1* — S. Paulo.
- 1928 — *A Casa da Divina Providencia* — “O Jornal” — Rio de Janeiro — 25 de novembro de 1928 e 14 de Julho de 1929.
- 1929 — *As Cooperativas* — A “Ordem”, de 2 de Abril — Rio de Janeiro.

- 1929 — *A Gazolina* — A “Ordem”, de 15 de Maio — Rio de Janeiro.
- 1929 — *A União Brasileira* — Prefacio e Estatutos, 32 pags.
- 1930 — *Formação Historica do Brasil* — Pimenta de Mello — 2.<sup>a</sup> edição (1935) — Cia. Editora Nacional.
- 1930 — *Res Nostra* — Contem os seguintes estudos: Capistraneo de Abreu — Tobias Monteiro e a Historia do Imperio — Diario da navegação de Pero Lopes de Souza — Frei Vital — A ordem de São Bento e a Civilização — Padre Manoel da Nobrega — Padre José Manoel Madureira (o christão, o historiador e o livro) — A naturalidade de D. Antonio Felipe Camarão — Pernambuco e o caracter nacional — Osorio — Rio Branco e a Politica exterior — Domicio da Gama — A Liga das Nações — O fascismo — A reorganisação militar Argentina — O problema do desarmamento da America do Sul — O Brasil e a Sociedade das Nações. — O Brasil e a Liga das Nações — Os tratados de 1827 e 1828 — Oliveira Lima diplomata — A questão romana — O Governo da Igreja — Diplomatas mineiros — Revisão Constitucional — Emendas religiosas — Maximas Budhistas — Palavras de um velho — O problema universitario brasileiro — O senso da vida — A lição dos paizes



- divorcistas — A illusão monetaria — O projecto monetario — Cooperação — Transportes archaicos — A marca do Sul.
- 1931 — *Reforma tributaria de Minas* — Imprensa official — Rio de Janeiro.
- 1931 — *A Escola de Minas e Ouro Preto* — Discurso de paranympho — No volume Calogeras na opinião de seus contemporaneos.
- 1931 — *Conceito cristão do trabalho* — Companhia Editora Nacional — S. Paulo.
- 1931 — *Feijó e a crise religiosa* — Na “Hierarchia” — Rio de Janeiro.
- 1931 — *Os engenheiros e os novos ideaes economicos* — Conferencia na Sociedade Mineira de Engenheiros — Revista do Instituto de Engenharia — São Paulo.
- 1931 — *Oração ao Senhor* — Jornal do Brasil — Rio de Janeiro.
- 1931 — *Prefacio Aos aspectos geographicos sul americanos de Mario Travassos.*
- 1932 — *Educação politica de D. Pedro II* — em “Politica” — São Paulo.
- 1932 — *Feijó regente* — “Politica” — São Paulo.
- 1932 — *O Marquez de Barbacena* — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- 1933 — *Politica exterior do Imperio* — 3.º volume: Da Regencia á Quêda de Rozas. Companhia Editora Nacional. São Paulo.

- 1933 — *Lund* — Revista do Instituto Historico — Rio de Janeiro.
- 1933 — *Prefacio de "Engenharia na Industria" do dr. Francisco de Salles Oliveira.*
- 1933 — *Prefacio carta ao "Trabalho na Russia" do dr. Francisco de Salles Oliveira, no volume Calogeras na opinião de seus contemporaneos.*
- 1934 — *Ascensões d'alma*, com um prefacio do Padre Leonel Franca — edição limitada.
- 1897 a 1899 — 1903 a 1915 — 1933. Pareceres e discursos parlamentares — *Annaes da Camara* — Rio de Janeiro. A sua obra parlamentar é vastissima. Discutiu exhaustivamente todos os orçamentos e os problemas referentes á Mineração, Instrucção publica, Questões de limites e Tratados, Transportes e Vias Ferreas, Café, Caixa de Conversão e Reforma Tributaria. Foi a maior auctoridade da Camara em assumptos de Marinha e Guerra.
- 1891 a 1933 — Collaboração intensa em jornaes e publicações periodicas.
- 1891 a 1933 — Vasta correspondencia, salientando-se a serie de cartas trocadas com o Padre Madureira a proposito de sua conversão religiosa. No volume Calogeras na opinião de seus contemporaneos, acham-se as cartas escriptas aos Drs. Roberto Simonsen e Antonio Gontijo de Carvalho.

★ *Este livro foi composto e impresso na Empresa Graphica da «Revista dos Tribunaes», á R. Xavier de Toledo, 72, São Paulo-Brasil, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões n.º 118, em Novembro de 1935* ★

7000

CALOGERAS

0070